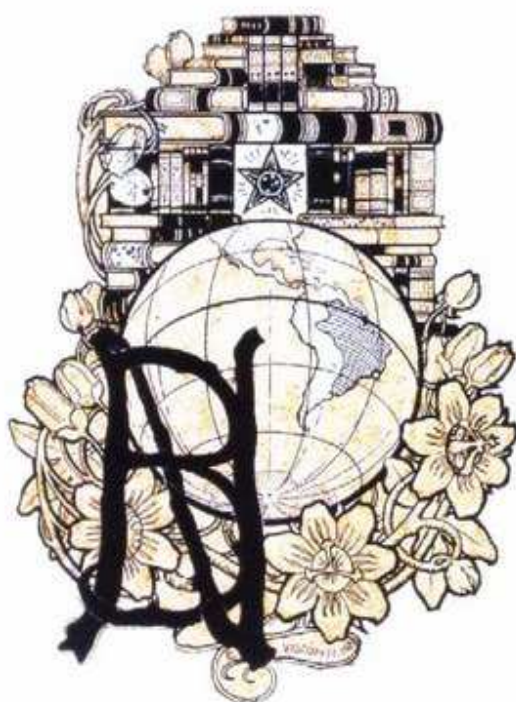


# Fundação Biblioteca Nacional

Ministério da Cultura



Programa Nacional de Apoio à Pesquisa

2010

## Programa Nacional de Apoio à Pesquisa

Fundação Biblioteca Nacional - MinC

Patrícia de Souza França



*“Livros para leitores”: a atuação de Benjamin Costallat para a ampliação do público leitor no Rio de Janeiro dos anos 20*

2010

**MINISTÉRIO DA CULTURA  
FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL  
PROGRAMA NACIONAL DE APOIO À PESQUISA**

**“Livros para leitores”: a atuação literária e editorial de Benjamim Costallat no Rio de Janeiro dos anos 1920**

**PATRÍCIA DE SOUZA FRANÇA**

**Rio de Janeiro  
Junho de 2011**

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>05</b>
<b>CAPÍTULO 1</b>	
A atuação literária do popular e polêmico <i>conteur</i> dos anos loucos.....	08
<b>CAPÍTULO 2</b>	
A Benjamim Costallat & Miccolis e o cenário editorial carioca dos anos 1920.....	34
<b>CAPÍTULO 3</b>	
“Uma campanha pelo livro nacional”:projeto estético e editorial de Benjamim Costallat.....	
77	
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>107</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>109</b>

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objetivo examinar a atuação de Benjamim Costallat, enquanto escritor e editor, no Rio de Janeiro dos anos 1920, tendo em mente sua preocupação com a ampliação de um público leitor no país.

Benjamim Costallat foi um dos escritores de maior sucesso e prestígio da década de vinte. Seus livros, marcados pela linguagem fácil e por polêmicos e ousados enredos, esgotavam-se rapidamente. Edições sucediam-se. Em 1923, o literato lançou-se a uma nova empreitada, inaugurando a editora Benjamim Costallat & Miccolis, que se tornaria uma das mais atuantes no cenário cultural carioca do período, publicando títulos e autores de grande sucesso.

Apesar de sua grande relevância no cenário intelectual da capital republicana nos anos 1920, Benjamim Costallat foi excluído do cânone literário e, atualmente, pouco se conhece de sua produção literária e atuação editorial. Para Beatriz Resende, essa exclusão deve-se em parte ao sucesso da estética modernista que resultou na desqualificação de autores que não se enquadravam perfeitamente em suas propostas.<sup>1</sup> Uma das principais conseqüências desta exclusão teria sido o anonimato atual de escritores que atingiam grande público leitor nos anos 1920, como Theo Filho, Patrocínio Filho e Benjamim Costallat.

Nos últimos anos, estudos historiográficos buscaram requalificar a década de 1920 do ponto de vista cultural, assinalado a existência de outras tendências literárias e artísticas além do Modernismo. Dessa forma, estas pesquisas questionaram a idéia largamente difundida que caracteriza o cenário cultural deste período exclusivamente pelo Movimento Modernista, cujo marco inicial foi a Semana de Arte Moderna, realizada em São Paulo no ano de 1922, por uma vanguarda intelectual paulista.

Questionados o marco de 1922 e o papel da vanguarda paulista como referenciais exclusivos da cultura brasileira da década de 1920, abriu-se espaço para estudos de diversas vertentes artísticas e literárias produzidas nas mais diversas localidades brasileiras, notadamente na capital republicana. Alguns destes estudos privilegiaram a análise de autores e tendências literárias distintas do programa defendido pela vanguarda. Outros atentaram para a diversidade de modalidades e dinâmicas assumidas pelo movimento modernista ou

---

<sup>1</sup> RESENDE, Beatriz. Construtores de paraísos particulares. In: RESENDE, Beatriz (org.) *Cocaína*. Literatura e outros companheiros de ilusão. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006, p17.

buscaram analisar outros sinais de modernidade no conjunto da sociedade brasileira, questionando a Semana de Arte Moderna como marco da instauração da modernidade brasileira nas artes.

Entre esses estudos, incluem-se aqueles que buscaram estudar a intelectualidade carioca na década do modernismo, como *Essa gente do Rio*, de Ângela Castro Gomes, e *Modernismo no Rio de Janeiro*, de Mônica Pimenta Velloso, que buscaram identificar, na capital brasileira, traços de um modernismo carioca, além dos inúmeros estudos sobre o pré-modernismo, como *Gregos e Baianos*, de José Paulo Paes, e *Sobre o pré-modernismo*, organizado por José Murilo de Carvalho.

É válido ressaltar que, na década de 1990, nesta revisão do cânone literário em voga, dois famosos livros de Costallat foram reeditados: o livro de crônicas *Mistérios do Rio*, pela Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro, em 1995; e o romance *best-seller Mademoiselle Cinema*, pela Casa da Palavra, em 1999.

Em 2006, a Fundação Biblioteca Nacional realizou, sob a curadoria dos pesquisadores Irineu Corrêa e Lia Jordão, o projeto *Medeiros e Albuquerque, João do Rio e Benjamim Costallat: pequena exposição de livros*, no qual foram expostas ao público algumas obras de Costallat pertencentes ao acervo da instituição. Atualmente, pode-se ter acesso à exposição pela página eletrônica da Fundação.

A importância de um estudo sobre Benjamim Costallat, escritor e editor de grande sucesso na década de 1920, justifica-se, portanto, por sua relevância no cenário cultural carioca deste período.

A preocupação com a recepção do texto e a aproximação entre público e obra norteou a atuação literária e editorial de Costallat. Enquanto autor, assinou, na ágil linguagem das crônicas jornalísticas, polêmicas narrativas sobre o submundo da moderna capital brasileira. Tornando-se editor, buscou dedicar a seus livros um tratamento que lhes tornassem atraentes a uma ampla gama de leitores. Privilegiou a publicação de autores nacionais conhecidos do grande público; e de títulos e enredos sensacionais, em especial sobre aspectos mundanos da cidade do Rio de Janeiro. Além disso, dispensou um cuidadoso tratamento gráfico às suas edições, investindo nas encadernações em brochura, nos formatos menores e nas capas ilustradas. Também conferiu grande importância à divulgação das publicações, adotando

diversas estratégias, como a divulgação nos principais jornais da época dos milheiros vendidos e a assinatura de polêmicos artigos sobre o teor das obras.

No decorrer de nossa pesquisa junto ao acervo da Fundação Biblioteca Nacional, tornou-se clara a importância de nos debruçarmos sobre a atuação de Benjamim Costallat enquanto proprietário da editora Benjamim Costallat & Miccolis. Apesar da duração efêmera – a sociedade foi rompida em 1927 -, a empresa teve uma atuação marcante na paisagem intelectual da cidade do Rio de Janeiro naqueles anos. E, enquanto editor, Costallat pôde conferir a seus livros o tratamento que desejava e julgava necessário para alcançar seu objetivo: atingir um amplo público leitor.

Por isso, sua atuação editorial será privilegiada nesta monografia. Inicialmente, buscaremos apresentar a trajetória literária de Benjamim Costallat, destacando a sua atuação na imprensa e o contrato com o *Jornal do Brasil*, a publicação de seus primeiros livros, o seu estilo literário, suas fracassadas tentativas de ingresso na Academia, entre outros. Também será alvo deste primeiro capítulo a recepção de sua produção literária no Rio de Janeiro dos anos 1920. A editora fundada pelo escritor em 1923, Benjamim Costallat & Miccolis, será tema do segundo capítulo. Nele, será examinado o cenário editorial brasileiro do período, destacando as transformações então em voga; e, em seguida, o tratamento editorial dispensado por Costallat e seu sócio às suas edições. Além do levantamento da produção editorial, destacando os principais autores e títulos publicados, também serão identificadas as principais características textuais e tipográficas das obras editadas. Finalmente, a partir de sua atuação literária e editorial, buscaremos descrever a proposta estética e editorial de Costallat, identificando sua concepção de literatura e caracterizando seu público alvo.

## CAPÍTULO 1

### A atuação literária do popular e polêmico *conteur* dos anos loucos

#### Trajatória e atuação literária de Benjamim Costallat

Filho do General José Alípio Macedo da Fontoura Costallat, diretor do Colégio Militar do Rio de Janeiro, Benjamim Delgado de Carvalho Costallat nasceu a 26 de maio de 1897 no colégio dirigido por seu pai. Os primeiros anos de sua infância foram vividos na tranqüila e pacata Ilha de Paquetá.

Adolescente, seguiu o destino de grande parte dos filhos das abastadas famílias cariocas, indo estudar em Paris, cidade vista como o grande modelo de civilização. Na capital francesa, o jovem saído de Paquetá seguiu o curso de humanidades no Lycée de Janson. Aos dezesseis anos, foi premiado com medalha de ouro pelo Conservatório de Música de Paris, onde se destacara como solista de violino.

E foi lá, na capital francesa, onde ficou por cerca de dez anos, que sua vocação literária se manifestou pela primeira vez. Em 1920, em entrevista a um jornalista da revista *Fon-Fon*, Costallat descreveu sua primeira experiência enquanto escritor:

Desde cedo, cursando o *Lycée Janson* em Paris já escrevia. Lembro-me do primeiro que rabisquei. Uma historieta de um violinista de cinema. Meu professor levou para ser publicado no *Humanité* – que o grande socialista francês Jaurés, então redigia. O conto foi aceito. Mas antes dele uma pilha enorme de contos dos “novos” franceses devia ser publicado por direito de antiguidade. Morreu Jaurés, veio a guerra, vim eu para o Brasil e creio que até hoje a pilha enorme continua brilhantemente a se desfazer de um conto diário e que a minha historieta do violino do cinema, continua firme, lá no fundo, lá muito no fundo...<sup>2</sup>

Na mesma entrevista, o jovem escritor carioca comentou o seu primeiro trabalho literário em português e destacou a importância de Viggiani, que editou seus primeiros livros, em sua carreira literária:

Foi graças à gentileza dos grandes amigos do A.B.C, Paulo Hasslocher e Luiz Moraes... Pediram-me um conto. Eu não tinha. Então escrevi um. Foi ‘No século do cock-tail’ graças ao qual encontrei na vida meu editor que tem sido meu dedicado amigo, Nicola Viggiani. No antigo Café de Bellas-Artes, Viggiani encomendou-me um livro de contos. Foi o maior espanto de minha carreira! Eu que só tinha o meu famigerado ‘No século do cocktail’, que dava apenas umas três

<sup>2</sup> MAIA, João. “Uma tarde com Benjamim Costallat”. *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, 18/09/1920. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.



páginas, tive depois que escrever três livros para o meu editor a quem verdadeiramente devo o pretendido sucesso da minha barata literatura...<sup>3</sup>

Tendo vivido grande parte da adolescência em Paris, sua formação foi fortemente influenciada pela cultura francesa. Em seu excelente estudo *A Vida Literária no Brasil: 1900*, o crítico literário Brito Broca, ao analisar a “Sedução de Paris” sobre os jovens literatos brasileiros, descreve o jovem Benjamim da seguinte forma:

Outro brasileiro, mal saído da adolescência, anda a percorrer os cabarés de Montmartre, no anseio de penetrar em todos os segredos e mistérios de Paris. Chama-se Benjamim Costallat, e nos contos que virá publicar mais tarde situará freqüentemente no Rio uma atmosfera parisiense.<sup>4</sup>

Apesar da forte influência parisiense sobre sua criação literária, Benjamim Costallat adotava um discurso fortemente nacionalista em muitos de seus textos. Na crônica *O que trouxe de lá para cá*, Costallat afirmava que seu patriotismo aflorara com a vivência de cerca de dez anos em outro país e que retornara da França sentindo-se “dez vezes mais brasileiro do que havia saído”.

Somos tratados como um país sem soberania, sem crédito, sem existência. E só temos a celebridade dos nossos defeitos.

Não faz mal.

Temos também o direito de pensar muita coisa da Europa. Principalmente, depois de lá havermos estado. Depois de a conhecermos bem, de perto, fora do cinema e da literatura.

Não sei se a França é perfeita em virtudes e em instituições. Não sei se a terra do ilustre missivista é menos caloteira ou menos farrista do que a nossa. O que sei é que se produziu em mim o fenômeno que se produz com todos os brasileiros – fiquei mais entusiasmado ainda com esta terra, depois que conheci a dos outros.

Trouxe de lá para cá um amor maior pelo que é nosso. Depois de conhecer a gente e a terra alheias é que compreendi quanto esta terra é grande e quanto esta nossa gente é boa. E quando, de volta, entrei na Guanabara, eu vinha dez vezes mais brasileiro do que havia saído...<sup>5</sup>

Costallat era descrito por muitos colegas jornalistas como um homem tranqüilo, pacato e bastante ligado à família. Não por outro motivo, ao voltar de sua longa estadia na capital francesa, decidiu fugir da agitação do centro urbano e retornar à “existência burguesa e pacata” de Paquetá, onde passara toda a sua infância. O jornalista e escritor carioca continuou na ilha mesmo após seu casamento com Carmélia Vilmar. Em muitas crônicas, declarava sua paixão pela suave e bela ilha:

<sup>3</sup> Ibidem.

<sup>4</sup> BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil: 1900*. 4.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005, p.144

<sup>5</sup> COSTALLAT, Benjamim. “O que trouxe de lá para cá”. In: *Cock-tail*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, 1923, p.261.

Paquetá é uma ilha meiga e tranquila, um pouco de beleza e de encanto atirados, com seus recortes de praias floridas, em plena Guanabara.

Passam-se anos, dezenas de anos e Paquetá não fornece à crônica policial outra coisa além de alguns escândalos amorosos que têm o delegado como pretor; alguns bêbados, alcoolizados pelos fortes perfumes de suas árvores, e meia dúzia de banhistas, que transtornados pela inocência de seus luars, tomam banhos nus, sob a contemplação pacífica das estrelas...<sup>6</sup>

Em sua volta ao Brasil, inscreveu-se, por insistência dos pais, na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. E, em 1917, ainda como acadêmico da instituição, o jovem estudante publicou seu primeiro livro: *Elementos de Direito Comercial*. Em 1919, diplomava-se bacharel, mas sua atuação como advogado não duraria muito. Na crônica *Quando as cigarras cantam*, encontramos a descrição de seu primeiro e único caso:

Eu acabava de me formar em direito. Isso há alguns anos. Também tinha tido o meu examezinho por decreto – o quarto ano.

Surgiu-me, um dia, um português. Português de corrente grossa no colete e medalha de ouro com brilhantes. O tipo ideal do constituinte. Trazia-me uma causa. Uma causa simples.

O digno português, que tinha um coração donjuanesco, havia cometido uma irreparável e pequenina falta. A ‘pequenina falta’ tinha se ido queixar à delegacia. O honrado português estava acabrunhadíssimo.

- Doutor, como fazer?

O doutor era eu, Santo Deus!

- Como o senhor deve saber, a nossa legislação penal é severíssima a esse respeito...

Aí parei. Procurei o efeito. O português olhava-me com a boca escancarada. Não dizia nada. Escutava com admiração o meu saber.

Mas eu não sabia mais nada...

E, visivelmente, tendo esgotado todos os meus conhecimentos de processo e de direito criminal, aconselhei, nervoso, ao homem, que me ouvia como a um profeta:

- Sim, senhor, a nossa legislação penal é muito severa...muito severa...O senhor ‘dê o fora’... ‘dê o fora’...Sim, para São Paulo...para onde quiser...Mas ‘dê o fora’!...

Foi o meu primeiro e único constituinte. Não tive outros depois. Felizmente...

E olhem que naquela época eu também tinha um formidável anel simbólico no dedo.<sup>7</sup>

Neste momento, Benjamim Costallat já trabalhava na imprensa enquanto crítico teatral. O jovem recém-chegado da França escrevia críticas para o jornal *O Imparcial* sobre os espetáculos musicais apresentados no Teatro Municipal, onde se tornaria mais tarde diretor da Escola de Canto. Sua coluna intitulava-se *Da Letra F no.2*, referência à cadeira que ocupava no Teatro.

<sup>6</sup> COSTALLAT, Benjamim. “Os plagiadores do crime”. In: *Mutt, Jeff & Cia*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, 1922, p.221.

<sup>7</sup> COSTALLAT, Benjamim. *Quando as cigarras cantam*. In: *Fitas*. Rio de Janeiro: Costallat & Miccollis, 1924, pp. 190,191.

O caráter polêmico do jovem jornalista já se expressou nos seus primeiros artigos ao criticar artistas franceses consagrados, como André Brulé, ironizando seu talento e prestígio. Mais polêmica causou ao elogiar largamente a atitude, tão criticada pelos *snoobs* cariocas, da bailarina russa Anna Pavlova de iniciar sua turnê no Nordeste, longe da Avenida. Brito Broca comenta este lado polêmico de Costallat que lhe renderam tantas inimizades.

Criticar Brulé, nessa época, enosprezar-lhe a elegância, que embasbacava a nossa *jeunesse dorée*, era, sem dúvida, uma ousadia, capaz de causar escândalo. Costallat se atrevera a dissecar o ídolo. Atitude semelhante manifestou com relação à temporada lírica, mostrando o espírito essencialmente comercial que lhe presidia à organização, e legítimos valores. Esse julgamento desassombrado chegou a provocar ameaças de uma espécie de carbonarismo internacional, que constituía a claqué das companhias líricas em excursão pela América do Sul. É pelo menos o que o autor nos informa numa das páginas do livro em questão.<sup>8</sup>

No início de 1919, Benjamim Costallat publicou seu segundo livro, *Da Letra F no.2*, reunindo as crônicas homônimas que escrevera no *O Imparcial* sobre os espetáculos apresentados no Teatro Municipal no ano anterior. Irônico, apresentava da seguinte forma seu livro e discorria sobre as críticas recebidas:

O pout-pourris que ora publico, tem a mesma utilidade de um calendário retrospectivo e comentado em que aqueles que se interessam no movimento artístico poderão lembrar-se do que o Rio conseguiu importar no ano de 1918, em matéria de arte e de artistas, e o que eu observei de minha cadeira letra F no. 2 (...) Quanto às minhas idéias sobre artistas, compositores, autores, instrumentistas, atores, cantores e imbecis, não aconselho a ninguém que as adote. Têm-me trazido muitas contrariedades e inimigos. Até o conhecimento de meu pobre francês, que em 10 anos de Paris, custei tanto a aprender, me quiseram negar. Não admirando loucamente o Sr. Brulé não era compreensível que eu fosse um familiar da língua de Molière.<sup>9</sup>

No mesmo ano, o jovem escritor carioca estreava na ficção com o livro de contos *A Luz Vermelha*, “uma corrida noturna por esse inferno de dores, de desvairamentos, de gozos trágicos que é a vida subterrânea da nossa cidade”<sup>10</sup>. A nova obra, grande sucesso de crítica e venda, inscreveu Costallat entre os nomes mais festejados da literatura brasileira.

<sup>8</sup> BROCA, Brito. Costallat: uma época. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 08/03/1961. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

<sup>9</sup> COSTALLAT, Benjamim. *Da letra F, no. 2*. Rio de Janeiro: Niccolau Viggianni, 1919, p.15.

<sup>10</sup> NETTO, Coelho. Carta recebida por Costallat de Coelho Netto. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 20/12/1919. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

Após o sucesso de *A Luz Vermelha*, Costallat dedicou-se à elaboração de livros de contos e crônicas. Em 1920, escreveu *Modernos*. No ano seguinte, publicou *Mutt, Jeff & Cia* e, em 1922, *Depois da Meia-Noite*.

Seus primeiros livros chamaram a atenção da crítica literária e provocaram bastante polêmica. Dois aspectos principais de seus textos eram alvo de críticas e motivos de discussões e divergências. Primeiramente, os enredos polêmicos privilegiados pelo autor. Atuando de forma regular na imprensa como cronista, Costallat dedicou-se, em muitos de seus textos, ao submundo da moderna e iluminada capital republicana. A maior parte de sua vasta produção literária - composta por mais de 30 livros, entre crônicas, contos e romances - tematizava as profundas transformações por que passava a cidade e seus habitantes na ânsia por se modernizar. Prostituição, vícios, corrupção foram alguns dos temas abordados pelo autor que, com sua ferrenha e característica ironia, dirigia duras críticas à modernidade carioca.

Além dos enredos ousados e sensacionais, o estilo literário do escritor também gerou bastante polêmica. Costallat adotava uma linguagem ágil, marcada por frases curtas e diretas e por vocábulos estrangeiros, notadamente franceses e norte-americanos, em consonância com o ritmo frenético de vida e com o linguajar cosmopolita da sociedade carioca moderna.

A criação literária de Benjamim Costallat deve ser pensada como fruto da imprensa empresarial carioca dos anos 1920 que, buscando atingir uma ampla gama de leitores, sobretudo cidadãos, investiu em crônicas mundanas escritas numa linguagem objetiva e direta, em consonância com os aparelhos técnicos que invadiam o Rio de Janeiro naqueles anos e com o novo ritmo de vida que se impunha na capital.

A linguagem ágil, muitas vezes despreocupada com as sisudas regras gramaticais, e a preocupação em publicar livros atraentes a uma ampla gama de leitores nortearam, de fato, a atuação literária de Benjamim Costallat. Neste sentido, é válido destacar a presença de ilustrações acompanhando os textos do autor. As crônicas publicadas na imprensa eram, em geral, acompanhadas por grandes desenhos assinados por importantes caricaturistas. Seus primeiros livros, editados por N.Viggiani e pela Leite Ribeiro, também contaram com ilustradas capas. A exceção foi seu livro de crônicas *Mutt, Jeff & Cia*. A publicação de *Mutt, Jeff & Cia* sem ilustrações, inclusive na capa, incomodara o jovem e polêmico escritor que, no prefácio da edição, comentou a seus leitores o papel delas para o sucesso de seus livros:

... sempre tive a impressão, e comigo os meus amigos literários, de ter sempre vendido bem os meus livros por causa das brilhantes capas de brilhantes artistas como o Sr. Castello, vou ver, se, mesmo sem capa, sem as brilhantes capas de brilhantes artistas como o Sr. Castello, a minha literatura é vendida.<sup>11</sup>

Em 1923, Benjamim Costallat lançou-se numa nova empreitada: associou-se ao italiano José Miccolis e fundou a editora Benjamim Costallat & Miccolis que, durante a década de 1920, privilegiou os temas de visível apelo popular e tornou-se famosa pela publicação de narrativas sensacionais sobre as perversões, os vícios e a corrupção que assolavam a moderna sociedade carioca. Pela editora, foram publicados livros de sua autoria e de escritores que, como Theo Filho e Patrocínio Filho, também se consagravam a dissecar a decadência moral e a hipocrisia da alta sociedade brasileira.

Em seus primeiros meses de funcionamento, a Benjamim Costallat & Miccolis publicou o romance *Melle Cinema*, livro de maior sucesso de Costallat, que vendeu cerca de 25 mil exemplares em dez meses. A história da melindrosa Rosalina, “menina de sua época e de seu meio”<sup>12</sup>, “viciada, corrompida, gasta”<sup>13</sup>, rendeu ao autor um processo por atentado à moral e aos bons costumes e a apreensão dos livros.

O sucesso e repercussão da obra foi tanta que, em 1925, a diretora e atriz Carmen Santos, diva cinematográfica dos anos 1920, resolveu levar o romance para as telas do cinema. As filmagens, porém, foram interrompidas definitivamente após um incêndio destruir todo seu estúdio. As suspeitas recaíram sobre o noivo da atriz que estaria com ciúmes do papel.

Em 1924, Costallat foi contratado pelo *Jornal do Brasil* para escrever o conjunto de crônicas *Mistérios do Rio*, sobre o submundo carioca. Sob um contrato vantajoso – receberia 500 mil réis mensais, o maior salário pago até aquele ano a um jornalista-, o escritor passava a trabalhar exclusivamente para o jornal, no qual atuou até sua morte, em 1961. A popularidade do jovem literato e o sucesso de seus *Mistérios* permitiram ao *Jornal do Brasil* aumentar de um para dois tostões, tal a aceitação que as crônicas tiveram.<sup>14</sup>

<sup>11</sup> COSTALLAT, Benjamim. *Mutt, Jeff & Cia*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, 1922. p.10.

<sup>12</sup> COSTALLAT, Benjamim. *Mademoiselle Cinema*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1999, p.44.

<sup>13</sup> Ibidem, p.55.

<sup>14</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999, p. 355.

Com a bem-sucedida repercussão de *Mistérios do Rio*, Costallat publicou no mesmo ano o livro homônimo, reunindo as crônicas publicadas no JB. Ainda em 1924, redigiu outro livro sobre a vida moderna e urbana da cidade do Rio de Janeiro. Reunindo crônicas provocantes sobre a modernidade da capital brasileira, *Fitas* foi mais um grande sucesso de público e crítica.

No ano seguinte, estreou na literatura infantil, com o livro ilustrado *História de Bonecos*. Anos depois, escreveria *Dora, pedacinho de gente* (1934), em homenagem à sua filha.

Em 1926 e 1927, já consagrado pela crítica literária e pelo público leitor, Costallat decidiu fazer uma pausa em sua produção literária e se dedicar à tentativa de ingresso na Academia Brasileira de Letras.<sup>15</sup>

Em novembro de 1925, com a morte do prestigiado ministro da Justiça João Luis Alves, a Cadeira no.11, cujo patrono fora o poeta romântico Fagundes Varela (1841/1875), ficava vaga pela quarta vez. Para a vaga de quinto ocupante da Cadeira, inscreveram-se sete postulantes, entre eles Benjamim Costallat, em 1926. Quem ganhou o pleito, porém, foi o jornalista, jurista e poeta pernambucano Adelmar Tavares.

Em 16 de junho de 1927, Costallat participou de uma segunda tentativa para ingressar na Academia e, desta vez, para a Cadeira n ° 17, vaga com a morte de Osório Duque Estrada em fevereiro do mesmo ano. A eleição, disputada por seis concorrentes, foi vencida pelo antropólogo Roquete Pinto que obteve 30 votos.<sup>16</sup>

A partir de 1930, o literato passou a escrever a crônica *A Nota*, publicada, diariamente, na terceira página do *Jornal do Brasil*, sobre os problemas que assolavam a cidade do Rio de Janeiro. E foi durante o período compreendido entre 1929 e 1939 que Costallat publicou a maior parte de seus romances, como *Katucha*, em 1931, e *A Virgem da Macumba*, em 1934.

Seu livro *Katucha* foi adaptado para o teatro e levado à cena no Teatro Municipal por Jaime Costa. Mais tarde, em 1950, o romance foi adaptado para o cinema sob a direção de Paulo Machado e protagonizado por José Lewgoy, Ilka Soares e Nilton Carneiro.<sup>17</sup>

---

<sup>15</sup> SILVA, Artur Emilio. *A semiologia urbana do Rio de Janeiro na obra literária de Benjamim Costallat*. 2000. 272f. Tese, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro, p. 54.

<sup>16</sup> Ibidem, p.59.

<sup>17</sup> Ibidem, p.56.

Costallat foi também a primeira voz a falar na rádio Jornal do Brasil, fundada em 1935. O Conde de Afonso Celso, que deveria fazer o discurso inaugural da emissora fundada pelo Conde Pereira Carneiro, adoeceu e o cronista, importante nome do Jornal, foi convidado a substituí-lo.

Entre 1940 e 1959, Costallat trabalhou como redator independente do JB. Inicialmente, suas crônicas eram publicadas diariamente. Foi o período em que mais se consagrou à vida noturna da cidade, tornando-se cotidianas suas incursões pela noite carioca.<sup>18</sup> Anos depois, sua colaboração passou a sair apenas duas vezes por semana, até o dia 30 de janeiro de 1959, quando assinou sua última crônica, intitulada *O Choro Salvador* sobre o aterro da Glória e a SURSAN.

Em 27 de fevereiro de 1961, Benjamim Costallat morreu em sua casa na Praia do Flamengo. As poucas linhas consagradas pelos jornais à morte daquele que fora o escritor mais popular dos anos 1920 e 1930 são bastante sugestivas do esquecimento em que o autor se encontrava quando de sua morte. Com exceção do *Jornal do Brasil*, que dedicou uma página à morte de seu colaborador, exaltando suas qualidades enquanto cronista e traçando a trajetória literária daquele que fora “um dos nomes mais populares e festejados do Rio”<sup>19</sup>, os jornais cariocas dedicaram poucas linhas ou nenhuma à morte daquele que fora o escritor de maior sucesso da década de vinte.

Em 09 de março, o crítico literário Brito Broca comentou o silêncio em torno da morte do escritor outrora tão famoso.

Há cerca de dois meses, tratei aqui desse curioso fenômeno que leva um escritor, depois de um período de grande êxito, a perder inteiramente o contato com o público, sem que isso se possa explicar pela decadência de sua produção literária. E citava os casos típicos de Théo Filho e Benjamim Costallat, cartazes dos maiores entre 1920 e 1930, e hoje completamente esquecidos. Pois no dia 20 de fevereiro veio a falecer Benjamim Costallat, que de há muito se achava enfermo, não lhe dedicando os jornais, com pouquíssimas exceções, mais do que meia dúzia de linhas.<sup>20</sup>

<sup>18</sup> Ibidem, p.61.

<sup>19</sup> Costallat faleceu deixando 30 obras publicadas e após 34 anos de trabalho no JB. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 28/02/1961. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

<sup>20</sup> BROCA, Brito. “Costallat: uma época”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 08/03/1961. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

Conforme vontade do próprio Costallat, seu corpo foi enterrado na Ilha de Paquetá, onde o jornalista morou por tantos anos e mantinha uma casa. O enterro, fechado à imprensa, contou apenas com a presença de parentes e de amigos próximos.

### **A polêmica repercussão da produção literária de Benjamim Costallat**

Agora, buscaremos examinar a recepção da produção literária do jornalista e escritor Benjamim Costallat no cenário cultural carioca dos anos de 1920. Para tal, examinaremos a fortuna crítica do autor, composta por críticas, reportagens e entrevistas publicadas nos principais jornais da época referentes a ele e às suas obras.

Foi de suma importância para esta pesquisa a análise dos jornais nos quais Costallat trabalhou como colaborador regular: *O Imparcial*, *A Gazeta de Notícias* e, notadamente, o *Jornal do Brasil*, no qual atuou por mais de 30 anos. De acordo com nossos interesses neste projeto de pesquisa, nos limitaremos ao estudo do material referente ao período entre 1918 e 1930. O intuito aqui é, portanto, examinar a recepção deste autor a partir das diversas críticas e reportagens publicadas sobre ele e suas obras.

Benjamim Costallat foi uma das figuras mais populares e polêmicas na capital republicana durante a agitada década de 1920. Sua atuação como colaborador regular em jornais de grande circulação, além da escrita fácil e da temática ousada de seus textos lhe permitiram atingir um vasto público leitor. A popularidade do jovem literato era tal que, em 1923, ano de publicação de seu mais polêmico romance, *Mademoiselle Cinema*, Dalba Rio afirmava ter sido “Costallat (...) durante quase um mês o cidadão mais discutido da República”.<sup>21</sup> Em outro artigo, publicado no ano seguinte, Paulo Silveira se referia ao autor de *Mistérios do Rio* como “inegavelmente o escritor de maior circulação na América do Sul”.<sup>22</sup>

Desde *Da Letra F*, no. 2, Costallat mostrou-se afeito à controvérsia e à polêmica. Ao desmitificar a qualidade de artistas estrangeiros consagrados no Brasil, como o francês André Brulé, provocou a ira dos críticos e intelectuais brasileiros, tornando-se assim alvo de

<sup>21</sup> RIO, Dalba. *Mademoiselle Cinema*. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 12/12/1923. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

<sup>22</sup> SILVEIRA, Paulo. *Madame Tartufo*. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 16/10/1924. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.



duras críticas, tanto à sua capacidade enquanto crítico de arte, quanto ao conhecimento que possuía da língua francesa. Em suas próprias palavras, as críticas que publicara sobre os espetáculos apresentados no Teatro Municipal em 1918, lhe renderam “muitas contrariedades e inimigos”<sup>23</sup>.

Os contos e crônicas que sucederam *Da Letra F no. 2* despertaram a atenção da crítica profissional tanto pela temática ousada quanto pela linguagem ágil e direta, em compasso com o ritmo acelerado dos tempos modernos. Ao narrar, de forma quase cinematográfica, a imoralidade e a hipocrisia reinantes na alta sociedade carioca, afirmando partir de casos verdadeiros e ameaçando identificar os envolvidos nos escandalosos e grotescos casos relatados, Costallat divergiu opiniões e provocou bastante polêmica.

*A Luz Vermelha*, seu primeiro livro de contos, foi em geral muito bem recebido pela crítica literária profissional. Em 1919, Raymundo Magalhães assinou um artigo na *Notícia*, discorrendo sobre a falta de originalidade da literatura brasileira, caracterizada por “uma pobreza franciscana, em matéria de talentos originais” e cuja única “tendência [era] para a imitação, mais ou menos inteligente e disfarçada”. Em contraposição a esta pobreza dos literatos brasileiros, o jornalista destacava o talento e a originalidade de Costallat e previa o “futuro magnífico” a ele destinado.

Mais brilhante, mais sensacional, mais ruidosa do que a de João do Rio é, agora, a estréia do Sr. Benjamim Costallat, com o seu admirável livro de contos *A Luz Vermelha*. Estudando a sua obra, um crítico de má vontade poderia farejar no escritor certas afinidades com Edgar Allan Poe, com Oscar Wilde e Baudelaire, afinidades que, entretanto, não existem, porque o Sr. Costallat é o talento mais eminentemente original e rebelde de que temos notícia. O seu livro é seu, exclusivamente seu sem sugestões estranhas, com um traço pessoal inconfundível, que lhe confere um lugar distinto, em meio à incaracterística produção literária destes últimos anos. Ao contrário do que acontece com os escritores novos e inexperientes, o Sr. Costallat tem um particular cuidado com a pureza da língua e só emprega termos exóticos, notadamente galicismos, quando estes não têm equivalentes em português ou quando assim o exige a elegância do estilo.

(...)

O Sr. Costallat é um escritor que tem diante de si um futuro magnífico e que está destinado a ser um renovador da nossa incipiente e já velha literatura, salvando-a da apatia, infiltrando-lhe sangue novo e impedindo, com a pena gloriosa, que ela se afunde no mar morto da vulgaridade e do lugar comum.<sup>24</sup>

Alguns dias depois, *O Imparcial* publicou uma carta assinada por Coelho Neto em agradecimento a Costallat pelo exemplar de *A luz vermelha* a ele oferecido.

<sup>23</sup> COSTALLAT, Benjamim. *Da Letra F, no. 2*. Rio de Janeiro: Nicolau Viggiani, 1919, p.15.

<sup>24</sup> MAGALHÃES, Raymundo. *A luz vermelha*, de B. Costallat. *A Notícia*, Rio de Janeiro, 09/12/1919. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

Ilmo. Sr. Dr. Benjamim Costallat,

Agradecendo o exemplar da *Luz Vermelha* com que me distinguiu, digo-lhe, com a sinceridade que sempre reveste as minhas palavras, que o li, com interesse e emoção, da primeira a última página.

É uma corrida noturna por esse inferno de dores, de desvairamentos, de gozos trágicos que é a vida subterrânea da nossa cidade. Aos que a não conhecem hão de parecer exagerados os quadros da sua galeria, pintados à maneira larga dos impressionistas, mas os que noctambulam ou, alguma vez, na mocidade penetraram em tais círculos, esses reconhecerão as figuras dos infelizes que, para viverem, vendem beijos falsificados.

Patrício e admirador.

Coelho Netto.<sup>25</sup>

O estilo literário adotado por Costallat não foi, porém, unanimemente bem recebido. Houve quem criticasse a linguagem empregada pelo autor em sua estréia como contista. É o caso de Tristão de Athayde que, em dezembro de 1919, criticou severamente no *Jornal* a “literatura atropelada” do escritor.

É mais um fruto da literatura atropelada.(...) Escrevendo sem repouso nem ponderação, ignora a calma e a medida. É um livro de nervos, de nervos exasperados e incontentáveis.

(...)

Mergulhado, quase sempre, em um mar de verbalismo, escreve às vezes em uma algaravia inadmissível.(...) Sente-se que a linguagem e a técnica só lhe merecem atenção, para fugir ao natural. Procura apenas impressionar pela expressão extremada das coisas ou pela singularidade de expressão.

Não haverá nessa forma de arte, ou de artifício, muita coisa do Sr. João do Rio, naturalmente com muito menos brilho e segurança? Sobram defeitos no livro.<sup>26</sup>

Outro importante intelectual da época, José Oiticica, também reprovou a linguagem empregada pelo literato em seu livro de contos.

O pior de tudo, porém, é a linguagem de *A luz vermelha*, inçada de erros, gráficos, sintéticos e léxicos. Se o Sr. Costallat é artista deve prezar, antes de tudo, o instrumento que maneja. Um pianista de alta escola não se anima a tocar em público num piano de segunda mão. Como escrever, portanto, em sintaxe da Praia Grande?<sup>27</sup>

Carlos Rubens, por sua vez, atribuía esta despreocupação com a gramática canônica à inexperiência de Costallat e sublinhava que o jovem escritor, “um esteta que à literatura brasileira pode dar obras de eterno esplendor e perene formosura”, saberia superar tais deslizes em suas futuras obras. Ainda segundo Rubens, através de uma prosa “nervosa, cheia

<sup>25</sup> NETTO, Coelho. Carta recebida por Costallat de Coelho Netto. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 20/12/1919. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

<sup>26</sup> ATHAYDE, Tristão de. Benjamim Costallat – *A luz vermelha*, ed.N.Viggiani. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 15/12/1919. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

<sup>27</sup> OITICICA, José. Crônica literária: Benjamim Costallat – *A luz vermelha*. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14/12/1919. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

de curvas bruscas”, Costallat se mostrava um “psicólogo e um comentador fino da sociedade atual, (...) feita de desequilíbrio e pecados” e, “na sua desorganização verbal [fixava] almas, traçando perfis de sonho e de martírio, ironizando e encantando”.

Por vezes, no correr da pena, apressada por fixar emoções de súbito surgidas, sofre a língua deslizos que o talento fulgurante do escritor festejado há-de evitar, em obras que virão, mais meditadas e conseqüentemente mais do que a de agora, duradouras. O que é incontestável é o talento de Benjamim Costallat.<sup>28</sup>

Apesar das divergências que suscitava no meio literário e artístico brasileiro, o estilo literário do autor, marcado pela escrita rápida, sem preocupações excessivas com as regras gramaticais ou com uma linguagem rebuscada, lhe permitiu atingir um grande público leitor. Frases curtas, diretas, permeadas por vocábulos estrangeiros. Os diálogos de seus livros pareciam sair das fitas americanas. E a esta prosa ágil e acessível que um jornalista da *Gazeta de São Paulo* atribuía o grande sucesso e popularidade atingidos por Costallat.

O nosso amigo sabe o que é o público, conhece-lhes as tendências, as preferências. Não outro o motivo pelo qual as suas obras são escritas para que o público leia sem dificuldade com uma simplicidade de estilo que agrada à primeira vista. Daí a vertigem com que os seus livros desaparecem das prateleiras das livrarias. *A luz vermelha, Mutt, Jeff & Cia, Depois da meia-noite*, esgotaram edições sucessivas em poucos meses...<sup>29</sup>

O próprio Costallat, na mesma entrevista, ao anunciar seus *Mistérios do Rio*, declarava não ter por objetivo “fazer obra erudita [pois] o povo não gosta disso”.<sup>30</sup> É perceptível, portanto, sua preocupação em popularizar seus livros, através de uma linguagem mais fácil e simples, e atingir assim cifras surpreendentes de vendas.

Paulo Silveira, em artigo intitulado “Madame Tartufo”, sobre o polêmico romance *Mademoiselle Cinema*, exaltou o “estilo a galope” dos livros do autor que empolgavam a “atenção pela facilidade simples da prosódia e pela naturalidade dos diálogos”.

Benjamim Costallat tem vigor no estilo, tem músculos na alma. A sua prosa conquista a leitura porque não tem curvas sentimentais, é uma prosa reta que nos leva com rapidez ao fim almejado. Nada de circunlóquios românticos, de paradas líricas. Benjamim Costallat escreve de automóvel e por isso se aproxima muito de nós, futuristas, que escrevemos de aeroplano.

<sup>28</sup> RUBENS, Carlos. *A luz vermelha. Actualidade*, Rio de Janeiro, 16/12/1919. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

<sup>29</sup> Os *Mysterios do Rio*: é esse o título do novo sensacional livro de Benjamim Costallat. *A Gazeta de São Paulo*, São Paulo, 14/03/1924. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

<sup>30</sup> *Ibidem*.

Ele é um escritor bem nutrido e que transpira saúde. É um homem do seu tempo, da sua época. Vive todos os minutos com emoção e com arte, americanamente, sem se preocupar com a gramática e com os acadêmicos.<sup>31</sup>

Em crítica literária publicada pela *Gazeta de Notícias* sobre o livro *Mutt, Jeff e Cia*, ressurgiu o tema do ritmo acelerado dos livros de Costallat, marcados por uma linguagem cinematográfica, direta, ágil e despreocupada com regras gramaticais canônicas.

Benjamim Costallat, com a sua mocidade exuberante, os seus arrojados e a sua soberba indisciplina ao “cânon” dos “eunucos das letras”, na frase cortante, mas justa de Theophile Gautier; no seu combate à crítica estéril e fósil, é um irreverente, um vencedor, que maneja as armas da inteligência e a elegância de um mosqueteiro da palavra.

(...)

São duzentas e vinte e cinco páginas que se lêem de um fôlego, sentindo o influxo de seu espírito brilhante e juvenil, como se gravassem e desfilassem, em projeções rápidas e luminosas, as figuras cinematográficas que simbolizam o seu livro e as visões aladas de sua imaginação, que rebenta em flores, como uma flora do trópico.<sup>32</sup>

Não apenas a sua linguagem divergia opiniões e provocava acaloradas discussões. Os temas escandalosos e polêmicos de suas obras também renderam ao literato muitas críticas. Como já foi visto, eram narradas, em muitos de seus textos, a imoralidade e a hipocrisia reinantes na alta sociedade carioca.

Segundo um jornalista da revista literária *A.B.C.*, a inspiração para as suas “páginas vibrantes”, Costallat encontrava no “*modus vivendi*, nos fantoches e nas depravações ocultas” de sua sociedade. A “civilização, com a sua lama e o seu esplendor, com as suas perversões e as suas amarguras” atraía o espírito deste “romancista da vida urbana” carioca que, “com ar *pince sans rire*”, descrevia, em suas crônicas e contos, “algumas chagas da sociedade” e revelava a “corrupção florida de certas almas, de certos instintos cuja brutalidade o verniz do progresso e da cultura disfarça mas não aniquila”<sup>33</sup>.

*Os vampiros* é o título de um polêmico artigo em que Costallat denunciava a existência de uma quadrilha internacional dedicada ao comércio de armas composta por figuras ilustres e respeitáveis da sociedade. Segundo o cronista, tratava-se de uma quadrilha de “bandidos de casaca, conhecida e respeitada por todos” que, a fim de estimular o consumo de armamentos, dedicou-se à publicidade da guerra, gerando inúmeros boatos que

<sup>31</sup> SILVEIRA, Paulo. Madame Tartufo. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 16/10/1924. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

<sup>32</sup> O Livro do Dia- Mutt, Jeff & Cia., de Benjamim Costallat. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 23/11/1921. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

<sup>33</sup> Com as esporas de ouro... *A.B.C.*, Rio de Janeiro, 28/08/1920. Acervo Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

“perturbavam a paz sul-americana”. Ao final da crônica, um clamor pela identificação de cada um desses “formidáveis negociantes da morte, desses poderosos bandidos”<sup>34</sup>. O polêmico artigo foi censurado, sendo publicado apenas meses depois no livro *Fitas*.

Em *O direito de morrer*, provocou mais polêmica ao assumir uma postura favorável à eutanásia. A partir de um caso noticiado exaustivamente na imprensa carioca, Costallat decidira escrever sobre o polêmico tema e, no decorrer de suas linhas, defendeu o que, em suas palavras, seria um “direito do homem”.

A eutanásia é a morte lenta, querida, desejada, abençoada, suave, anestesiada, que vem como consequência lógica de um problema a resolver, que, até então, era irresolúvel. A idéia parece imoral e irrealizável. Mais irrealizável e imoral, porém, é o problema do cancerosos, do tísico de 3º grau, do parálítico, do indivíduo que por qualquer razão só pode desejar a morte.

(...)

Parece que a lei, que é feita no único intuito da felicidade pessoal dentro da felicidade coletiva, é bastante incoerente quando terminantemente proíbe, sem consideração de casos, a forma suave e eliminatória da eutanásia.

(...)

O direito de morrer! Por mais indecente que seja em face da moral religiosa, ante a moral científica ele pode ser perfeitamente aceito. O direito de morrer seria o direito que possuiríamos de nos eliminar quando essa eliminação fosse visivelmente necessária à nossa felicidade. Há casos em que só a morte resolve a equação da vida. Há situações só remediáveis com o desaparecimento do indivíduo que as provoca. Há problemas que só se demonstram pelo absurdo. Há vidas que só se resolvem com a morte...

A moral moderna ainda não admite o processo eutanásico. Por um natural preconceito ela com ele se revolta, achando-o bárbaro e criminoso.<sup>35</sup>

Benjamim Costallat soube utilizar as polêmicas geradas por seus textos para divulgar suas obras através de um uso intenso do reclame. Acompanhando as alterações introduzidas na imprensa brasileira, o jovem escritor usou e abusou deste meio de comunicação de grande alcance para promover sua própria obra.

Para isso, adotou inúmeras estratégias publicitárias, como divulgar a quantidade de milheiros vendidos, comportamento comum entre os livreiros da época; e estimular a polêmica em torno de seus livros a partir de artigos, publicados em jornais de grande circulação, nos quais respondia às acusações que lhe eram feitas. Em *Immoralidades*, artigo publicado no Jornal do Brasil, em 1923, Costallat defendeu a sua *Mademoiselle Cinema*, ainda no prelo, de uma suposta campanha da Liga das Senhoras Católicas contra a publicação de seu romance.

<sup>34</sup> COSTALLAT, Benjamim. Os vampiros. In: *Fitas*. Rio de Janeiro: Costallat & Miccolis, 1924, p.64. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

<sup>35</sup> Idem. O direito de morrer. In: *Mutt, Jeff & Cia*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, 1922, pp. 121,122.

Também divulgava suas obras através de entrevistas, como a que ofereceu à *Gazeta de São Paulo*, dois meses antes da estréia de seus *Mistérios do Rio*. Ao apresentar seu futuro trabalho - conjunto de crônicas no qual se encontrariam narrativas sobre a vida noturna, os crimes, a prostituição e a difusão de vícios entre figuras ilustres da alta sociedade carioca -, Costallat preocupou-se em afirmar a veracidade dos escandalosos casos retratados.

Também é atribuída a Costallat a autoria da seção Carta à Lia, assinada por Jacintho.<sup>36</sup> Nela, o remetente indicava algum livro à sua querida amiga Lia, ressaltando o caráter ousado da obra a partir de citações de trechos sensacionais do livro, o que certamente aguçava a curiosidade e o interesse das pessoas, atraindo futuros leitores. Na *Carta* publicada em setembro de 1920, na revista *Selecta*, Jacintho atribuía ao autor de *Modernos* qualidades exóticas. Tratava-se, segundo o remetente, de um “narrador de coisas esquisitas, às vezes menos horripilante, mas sempre escandaloso”. A carta era concluída da seguinte forma: “Vês, minha querida amiga, há no livro de Benjamim Costallat muita coisa boa, mas infelizmente há também muita coisa que te faria corar... pelo horror e pelo escândalo”<sup>37</sup>. A curiosidade estava aguçada.

O excesso de reclame empregado pelo autor na divulgação de suas obras foi criticado por José Oiticica que confessava ter lido *A luz vermelha* apenas por obrigação de seu ofício enquanto crítico literário.

O estridoso e espalhafatoso reclamo, desenvolvido pelo Sr. Benjamim Costallat para impor *A luz vermelha* como êxito de livraria, deu-me a impressão de um desses casos freqüentíssimos de cabotinismo literário. Mais um! pensei com os meus botões, decidido a não perder meu tempo com a leitura do livro, proclamado pelo próprio autor em todas as ruins buzinas da imprensa e do anúncio.

A oferta ao crítico desta folha me impôs a obrigação de ler e dizer dele tudo o que lhe achasse, bom ou mau. Confesso que me vieram desejos íntimos de dizer mal, desejos naturais e, pessoa que detesta a encenação, o fogo de artifício e a berraria do “Novidades”, mormente quando é o próprio autor que enfia a cartola e a casas do reclame e vem à rua vociferar sua grandeza, seus predicados, seus merecimentos.<sup>38</sup>

E, assim, Costallat consagrava-se no meio literário brasileiro. Em setembro de 1920, jornalistas da revista literária *Fon-Fon* atravessaram a Baía de Guanabara para

<sup>36</sup> HOFFBAUER, Daniela Salzano Hungria. *Benjamim Costallat: costumes cariocas nos anos 20*. 2000. 231f. Dissertação. Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro, p.163.

<sup>37</sup> JACINTHO. Cartas à Lia. *Selecta*, Rio de Janeiro, 04/09/1920. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

<sup>38</sup> OITICICA, José. Crônica Literária. Benjamim Costallat-A luz vermelha. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14/12/1919. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

entrevistar o polêmico escritor de *Modernos*. A apresentação do autor feita pelo jornal nos é de grande relevância para que vislumbremos a popularidade do literato naquele momento.

Ele é um nome na *bérra*. Todos os seus livros fazem sucesso. Todos chamam atenção. Para uma expressão nova e ousada, vibrante e inédita. A personalidade do jovem escritor está fixada.<sup>39</sup>

Ainda sobre *Modernos*, encontramos grande elogio ao escritor, considerado “uma das melhores figuras da nova geração intelectual brasileira”.

Diremos sem exageros que, através das páginas deste livro, onde a originalidade dum estilo forte doura a beleza duma arte inteligente e magnífica, nitidamente, se vê a personalidade real dum escritor de verdade, porque B. Costallat, no seu meio e na sua arte, pelo modo singularmente sugestivo, e tão seu, como que diz o que pensa e quer dizer, é, antes e acima de tudo, uma individualidade com todas as qualidades essenciais aos escritores, dignos deste nome.<sup>40</sup>

### **O caso *Mademoiselle Cinema***

Dentro do conjunto de obras de Benjamim Costallat, o romance *Mademoiselle Cinema* merece atenção especial neste capítulo não só pela popularidade atingida como também pela grande polêmica que provocou ao ser publicado. Foi o livro mais polêmico e controverso do escritor e chegou a lhe render um processo por imoralidade. Com a publicação do romance, Costallat recebeu o maior número de críticas de sua carreira.

O romance narra a história da Martins Pontes, família do Piauí que, por causa do desejo do patriarca de seguir carreira política, se muda para o Rio de Janeiro. Na capital federal, o pai da jovem Rosalina, conhecida como *Mademoiselle Cinema*, se torna Ministro da República. O romance se inicia com o embarque da ilustre família da alta sociedade carioca à sua primeira viagem a Paris após o término do mandato do corrupto Sr. Martins Pontes. Durante a viagem, Rosalina, uma jovem fútil, ambiciosa e despudorada, que sonhava com a vida luxuosa das elegantes e sedutoras parisienses dos romances e das revistas de moda, conhece o escritor Roberto Fleta cujos livros lhe haviam despertado suas primeiras sensações de mulher e se torna sua amante.

Aos depravados e fúteis personagens de *Melle Cinema*, Costallat reserva um final trágico, punitivo. Após meses dedicados a orgias e libidinagens pelas ruas de Paris, o pai de

<sup>39</sup> MAIA, João. Uma tarde com Benjamim Costallat. *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, 18/09/1920. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

<sup>40</sup> O Livro do Dia – *Modernos*, contos de Benjamim Costallat. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 20/08/1920. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

Rosalina, político eminente, morre numa das inúmeras casas de prostituição que freqüentava na capital francesa. Fleta, amante da fútil protagonista, entrega-se ao vício da cocaína após ser abandonado pela jovem melindrosa. Após a morte de seu pai, Melle Cinema e sua mãe decidem retornar ao Brasil, mas fogem da agitação da Avenida e dos falsos pêsames do agitado centro, hospedando-se na casa de parentes na Ilha de Paquetá. E é lá, na idílica ilha, onde a jovem experimenta pela primeira vez em toda a vida as sensações de um verdadeiro amor, ao conhecer o artista Mario Rossi. Um amor “feito de ternura e de respeito”, completamente desconhecido pela melindrosa.<sup>41</sup>

À protagonista, Costallat nega, como punição, a possibilidade de viver este verdadeiro e sincero amor na tranqüila ilha da Baía de Guanabara. Pedida em casamento pelo artista, Rosalina decide abandonar o amado e voltar à sua vida de luxos e orgias.

Mas isso era impossível!  
Ela, a Melle.Cinema, ela, a *garçonne* americana; ela, a pequena leviana do século do *shimmy*; ela, a criaturinha 1921, educada ao som do *jazz*; ela, a pequenina impudica e pecadora, profissional do flirt, da dança e do sorriso – ela, ela, mãe de família!  
Um louco absurdo!<sup>42</sup>

Rosalina representava a mulher moderna da década de 1920. Nestes vertiginosos anos, a mulher, sobretudo a de elite, passou a assumir posturas mais críticas em relação ao seu papel na sociedade. Foi nesta década que elas livraram-se do espartilho, começaram a utilizar calças, cortaram os cabelos *à la garçonne* e tomaram as ruas da cidade dirigindo suas “baratinhas”. A história da moderna e despudorada Rosalina provocou grande polêmica, sendo decretada a apreensão de seus exemplares da livraria Leite Ribeiro.

Benjamim Costallat soube aproveitar a polêmica gerada em torno do caráter pornográfico de *Mademoiselle Cinema* para aguçar a curiosidade do público e aumentar ainda mais as vendas do livro. Em agosto de 1923, o escritor assinou um artigo no *Jornal do Brasil* em que reclamava da campanha que algumas senhoras da sociedade estariam levando adiante para combater a “imoralidade” reinante em seus livros, inclusive *Mademoiselle Cinema*, ainda no prelo. No artigo, do qual destacamos abaixo um trecho, Costallat atacou a hipocrisia da sociedade moderna carioca e defendeu sua Rosalina das acusações de pornográfica e imoral que lhe eram feitas.

<sup>41</sup> COSTALLAT, Benjamim. *Mademoiselle Cinema*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1999, p.144.

<sup>42</sup> Ibidem, p.151.



Há tanta coisa, por aí, pior do que os meus piores livros! E o mais engraçado é que, o que essas senhoras pretendem eu pretendo também...Temos os mesmos fins. Mas por caminhos diversos...Reagir contra a sociedade atual, ridícula e invertebrada, sem moral e sem princípios, estou de pleno acordo!Mas, nos costumes de hoje,façamos uma limpeza de verdade. Não com espanador só por cima dos móveis e sim com vassoura, creolina e balde pelo chão. As ilustres senhoras serão capazes de me acompanhar? Eu estou pronto! Daqui mesmo destas colunas, com ar de quem faz crônica, eu tenho dito muitas verdades sobre a moralidade, ou melhor, a imoralidade dos nossos dias. Não tomo atitudes de quem quer modificar o mundo.Mas tenho registrado com bastante violência o que se passa por aí...Não é a literatura, minhas senhoras, a principal causa da decadência dos costumes. Atribuir a ela todos os males será colocar o carro antes dos bois. Uma literatura, diremos assim, escandalosa, presume uma sociedade mais escandalosa ainda...

(...)

Não é possível, pois, que, encarando a sociedade atual, barbada de vícios, bigoduda de vergonha, nós os escritores a apresentemos de cara raspada imberbe e coradinha. Não é possível! Logo, a literatura dita de escândalo é apenas o registro de escândalos preexistentes. Nada mais. E as ilustres senhoras que tão lastimavelmente confundem “causa” com “efeito”, se esquecem antes de arranjar a apreensão de livros que ainda não saíram, de mandar fechar os cinemas, as casas de chá, as casas...sem chá, os *dancings* e tanta coisa pior que a sociedade aceita sem protesto e sem reclame.

(...)

E as danças que se dançam por aí? E os namoros que os pais permitem? E a liberdade que têm as mulheres? E os *ménages à trois*? E as criaturas mais do que duvidosas, recebidas na altíssima sociedade? E essas *toilettes* com que se despem, em plena rua, dando-nos um “Ba-ta-clan” de graça, as meninas de família?

Nada disso é imoral. Imorais são as “Milles.Cinema” que andam por aí. Imoral é a “Mlle.Cinema” que eu estou escrevendo. Muito honrado...Mas não concordo...<sup>43</sup>

A resposta a Costallat não tardou. Dias depois, *O Imparcial* publicou um artigo, intitulado *Imoralidades – Resposta ao Sr. Benjamim Costallat*, no qual Carvalho se revoltava com a afirmação, feita pelo escritor de *Melle. Cinema*, de possuir os mesmos fins que as senhoras cariocas. Carvalho declarava ainda serem os maus livros os causadores da decadência dos costumes e incitava Costallat a moralizar seus escritos para poder esperar a respeitabilidade das senhoras da sociedade.

As senhoras, Sr. Benjamim, aceitam o seu oferecimento, o seu bom concurso, mas comece por moralizar o que escreve, para depois ter respeitabilidade, para julgá-las ou auxiliá-las. As senhoras dignas, nomes ilustres e respeitados na sociedade, esposas e mães modelos, que vão empenhar esta campanha, não confundem as “causas” com os “efeitos”, como julga gentilmente o menino literato. Combatendo o mal em todos os seus ramos, aí naturalmente entra o nosso amigo com a sua bagagem. A literatura, as revistas, os jornais são sementes do bem ou do mal. Fazendo desaparecer os maus livros, guerreando os escritores imorais, cessa a “causa” e por conseguinte os “efeitos”. Aí, Sr. Benjamim, a confusão foi sua... Não queira, para fugir à responsabilidade, trocar os “bois” porque não é a má sociedade que faz os maus escritores que pervertem e aviltam a sociedade. Os

<sup>43</sup> Idem. *Immoralidades... Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 19/08/1923. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

seus “bois” é que estavam mal colocados. Um mau livro levado para casa por uma pessoa sem escrúpulo, exposto numa livraria sem aviso de que é imoral, vai muitas vezes fazer vítimas inocentes.<sup>44</sup>

A polêmica gerada por Costallat não cessou por aí. O autor publicou, poucos dias depois, um novo artigo em que afirmava ter recebido uma carta de uma senhora que confessava ser a verdadeira autora dos artigos contra ele. No texto, o escritor reafirmava ainda a sua intenção de sanear a moral brasileira a partir do relato de seus terríveis casos.

Vamos, porém, fazer moral de outra forma, minhas ilustres senhoras. Não é com esses meios, de dentuças arreganhadas para cima da gente, descabeladas e furiosas, pregando moral com insultos e com desaforos, que haveis de conseguir alguma coisa! A moral é uma senhora, cheia de dignidade e de paciência, que convence sem gritos e sem berros. É uma senhora, sisuda e respeitável, que não vem nem pela imprensa insultar, nem caluniar, nem ofender! A moral convence por si. Não se despenteia quando fala, nem coloca a faca no peito dos outros quando quer catequizar. Ela é serena porque é forte... A moral é o próprio Cristo que pregou a bondade, a caridade e o amor, em voz meiga e persuasiva, o que não impediu que essa doce voz, sem aspereza e sem insultos, fosse ouvida até hoje através dos séculos e dos tempos... Não façais, pois, da moral uma megera antipática e insolente.

(...)

Consolidai o bom nome da família brasileira - exemplo entre as outras, da honra, da honestidade e do heroísmo – apenas imitando o que o passado nos legou. O lindo passado, o lindo tempo antigo, em que a família só por si era toda uma religião, em que havia carinho e respeito, sem necessidade de *meetings* e de polêmicas. Sede esposas e sede mães. Apenas...<sup>45</sup>

Não é difícil, então, compreender o sucesso de vendas alcançado pela *garçonne* brasileira que, em cerca de oito meses, atingiu o vigésimo quinto milheiro de exemplares vendidos. O título com que *A Notícia* anunciou o novo livro de Costallat, “*Um livro destinado ao escândalo e ao sucesso: Mlle Cinema, de Benjamim Costallat*”, é bastante sugestivo da polêmica que precedeu a publicação do romance.

Segundo o acadêmico Mário de Alencar, tratava-se de um “tratado de perversão” que deveria ser perseguido em nome da moral da família brasileira.

Nas páginas de *Mlle Cinema*, embora velado no brilho e nas cores da esthesia, está todo um tratado de perversão.

O autor quer extinguir costumes condenáveis e, no entanto, divulga-os. É o mesmo que dizer a uma donzela: “Não faças o que este livro ensina.” E dar a ler o *Kama Sutra*.

(...)

<sup>44</sup> CARVALHO. Imoralidades – Resposta ao Sr. Benjamim Costallat. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 23/08/1923. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

<sup>45</sup> COSTALLAT, Benjamim. Moralidades... *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 26/08/1923. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

Enfim, é um livro prejudicial. E a prova disso é o escândalo que desde já está provocando.<sup>46</sup>

Seu colega de Academia, Medeiros e Albuquerque, não concordava com este diagnóstico. Segundo ele, *Mademoiselle Cinema* constituía “sem dúvida, o melhor livro” de Costallat, tratando-se de uma “obra muito realista e de alto valor artístico” que retratava “tipos (...) comuníssimos” da sociedade carioca. O acadêmico se referia ainda a Benjamim como sendo “o Leopoldo Fróes da literatura nacional” pois “se cada espetáculo do ator é uma casa cheia, cada obra do autor é um sucesso de livraria; ambos têm um público muito deles, um público de elite, quase que inteiramente feminino” e “ambos reproduzem a vida tal como é, com a mais completa naturalidade de expressões”. Segundo ele, Costallat deveria “figurar ao lado dos melhores escritores em língua portuguesa”.<sup>47</sup>

Poucos meses após sua publicação, o romance foi apreendido das livrarias da cidade por determinação do promotor Gomes de Paiva em atendimento ao pedido da Liga pela Moralidade. A Liga pela Moralidade foi fundada em 1912, sendo então denominada Liga Anti-Pornografia. Nestes anos, ganhava espaço um discurso contra a venda de publicações pornográficas, tidas como prejudiciais ao progresso moral e social da capital federal.<sup>48</sup> A Liga pela Moralidade, que se vinculava à bastante influente União Católica Brasileira, possuía como missão salvaguardar a moral, combatendo a pornografia em todas as suas manifestações. Seus membros buscavam censurar panfletos licenciosos ou mesmo peças de teatro consideradas pornográficas.

Em 1923, quando *Mademoiselle Cinema* foi publicado, o diretor da Liga pela Moralidade era o Doutor Pio Benedicto Ottoni, ex-suplente da polícia do distrito federal que, durante seu mandato, se destacara no combate a tudo o que fosse imoral ou libidinoso e atentasse contra os bons costumes da família brasileira.

O grande sucesso da jovem despuorida scandalizou os membros da Liga que, amparados pelo decreto-lei de número 4743, dirigiram-se aos tribunais, exigindo a apreensão do obsceno romance de Costallat, tido como indigno de um país civilizado. O decreto, promulgado em outubro de 1923, proibia a venda e a circulação de “livro, folheto, periódico

<sup>46</sup> ALENCAR, Mario. Um livro escandaloso: Mlle Cinema. *Vanguarda*, Rio de Janeiro, 19/11/1923. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

<sup>47</sup> ALBUQUERQUE, Medeiros e. Mlle Cinema. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 10/02/1924. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

<sup>48</sup> EL FAR, Alessandra. *Páginas de sensação*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p.278.

ou jornal, gravura, desenho, estampa, pintura ou impresso de qualquer natureza, desde que contenha ofensa à moral pública ou aos bons costumes”.<sup>49</sup> Era prevista ainda como pena desde o confisco do material até a prisão dos infratores.

Além de exigirem a apreensão do romance e solicitarem ao Correio a suspensão da distribuição e da expedição dos “indignos livros”, a Liga pela Moralidade dirigiu seus ataques à obra *Os Devassos*, de Romeu de Avelar, publicada pela Costallat & Miccollis.

Em resposta ao pedido da Liga, o promotor Gomes de Paiva determinou a apreensão dos exemplares de *Os devassos* e de *Mademoiselle Cinema* das estantes da livraria Leite Ribeiro, uma das mais importantes do Rio de Janeiro. A apreensão foi noticiada exaustivamente pela imprensa carioca e suscitou profundas discussões em torno do caráter obsceno dos romances.

O livro objetivado não é, evidentemente, dos que possam servir de ponto de partida para providências dessa ordem. Os nossos mercados de livros estão abarrotados de publicações profundamente vexatórias para uma pudicícia mesmo calejada.

De resto, a literatura acompanha a marcha dos costumes. A sociedade atual não nos parece, a tal respeito, edificante. Desde as modas até os costumes, tudo nos prova que as noções de pudor e os princípios de moral não podem ser encarados com o mesmo rigorismo antigo. Haja visto o cinematógrafo e as fitas modernas da fabricação americana.

(...)

No meio de tudo isso, visar um livro e querer, pela sua apreensão, corrigir os costumes, deixando em paz muitos outros livros infinitamente mais licenciosos e não incomodando os círculos sociais que todos esses volumes refletem, eis aí um ato que não nos parece justo, nem eficiente.

Verdade que a caturrice dos moralistas é um fenômeno de origem pré-histórica. Talvez por isso venha alcançar um volume que, como *Melle. Cinema*, apareceu há mais de oito meses e do qual se venderam, até agora, mais de vinte e cinco mil exemplares.<sup>50</sup>

No prefácio da primeira edição de *Mademoiselle Cinema*, Costallat previa a resistência que sua *garçonne* encontraria na ala mais conservadora da sociedade.

Vão gritar contra o escândalo!  
De apito na boca vão apitar para a moral, como se a moral fosse uma espécie de guarda noturno, postado numa esquina, à disposição de qualquer apito!  
É fatal!  
Há criaturas cuja única ocupação é espernear. É um passatempo como outro qualquer...  
Esta *Melle. Cinema* vai, pois, fazer espernear muita gente.  
Que esperneiem, à vontade, é o que eu desejo.

<sup>49</sup> Art.5 parágrafo único do decreto número 4743, de 31 de outubro de 1923. *Colleção das leis*. Rio de Janeiro, imprensa Nacional, 1924, p.169.

<sup>50</sup> A apreensão de *Melle. Cinema*. In: *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14/08/1924. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

Esperneiem e continuem a gritar, em altos brados, que sou um escritor pornográfico.

Não faz mal.

(...)

*Melle. Cinema* vai ser, pois considerado um livro escandaloso e imoral.<sup>51</sup>

O autor defendeu exaustivamente a sua *Rosalina*. Argumentava que, apesar de meios distintos, possuía os mesmos objetivos da Liga: salvaguardar a moral e os bons costumes da família brasileira. Afirmava ter por objetivo dissecar a sociedade para mostrar-lhe os males e vícios em que se encontrava mergulhada. No mesmo prefácio, este argumento já surgia como uma defesa do autor para as futuras acusações.

Se a pornografia, porém, é ser sincero; se a pornografia é apontar as coisas como são e não como parecem ser; se a pornografia é passar o bisturi nos bonecos humanos e fazer-lhes pular o pus para fora; se a pornografia é ir até as entranhas das criaturas e dissecá-las, impiedosamente, para bem da verdade; se a pornografia é levantar a virtude, digna e altiva, diante do vício em ceroulas e imundo; se a pornografia é engrandecer a dignidade humana, mostrando, em contraposição às pessoas limpas, aquelas de pés sujos, que não tomam banho; se a pornografia é transformar um livro num chicote e chicotear com ele os costumes de uma sociedade inteira; se a pornografia é tudo isso – sejamos pornográficos, eu quero ser pornográfico e viva a pornografia!<sup>52</sup>

Dois dias após a apreensão dos exemplares, Costallat publicou um artigo no *Jornal do Brasil*, reiterando o caráter moralizante de sua obra e afirmando ter sido o sucesso atingido por *Melle Cinema* o verdadeiro responsável pela apreensão do livro.

É em juízo que eu vou defender esta *Melle. Cinema*, produto do meu amor à verdade, do meu desprezo pela hipocrisia, da minha veneração pela família brasileira, que eu quis defender mostrando a nu a triste época e os tristes costumes por que passamos – é em juízo que eu vou defender a minha obra, cujo maior crime foi ter alcançado o sucesso que alcançou!

O sucesso é o maior dos crimes para os invejosos. E é por causa deste crime que *Melle. Cinema* foi apreendida e vai ser processada!

Por que, então, não apreendem e não processam os milhares de livros escabrosos e imorais, que dormem o sono tranqüilo do anonimato nas prateleiras dos livreiros?

Por quê?

A única culpa de *Melle Cinema* foi ter tido a ampla repercussão que teve.

A imoralidade é um simples pretexto. E um mau pretexto, porque o livro nada tem de imoral.

Qual imoralidade, qual nada!

O que verdadeiramente incomodou em *Melle Cinema* foi o número de suas edições, foram os seus 25 milheiros, foi seu êxito comercial.<sup>53</sup>

<sup>51</sup> COSTALLAT, Benjamim. *Mademoiselle Cinema*. In: Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1999, p.29.

<sup>52</sup> Ibidem, p.30

<sup>53</sup> Idem. A apreensão de *Mademoiselle Cinema*. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 15/08/1924. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

No mesmo artigo, o escritor também dirigiu duras críticas à atitude da polícia carioca que apreendeu, sem qualquer intimação prévia, os exemplares de seu romance da Livraria Leite Ribeiro.

Presos, autuados, os dois livreiros tiveram que prestar fiança para se defenderem, soltos, do grande delito de terem em sua casa, à venda, um romance conhecidíssimo de um escritor brasileiro.

É de presumir que uma livraria venda livros e não batatas.

Pois bem. Sem aviso prévio, sem um prévio “índice” da polícia que diga quais são os livros que podem ser vendidos, quais os que o não podem ser, as livrarias estão na iminência de serem, diariamente, tomadas de surpresa por apreensões como a de anteontem. Aliás, anteontem, todas as livrarias tinham *Melle. Cinema* à venda. Mas escolheram como vítima a Livraria Leite Ribeiro, a única das livrarias do Rio realmente brasileira, pelos seus capitais e pelos seus proprietários...

É por essas e outras que, às vezes, eu chego a duvidar do meu próprio país.<sup>54</sup>

A polêmica sobre as acusações da Liga pela Moralidade permeou as páginas dos jornais brasileiros e dividiu opiniões. Enquanto, por um lado, encontravam-se os defensores de Costallat, como Medeiros e Albuquerque e Crisanthème, que admiravam o seu estilo literário e defendiam o caráter realista e moralizante dos livros; havia, por outro, importantes intelectuais, como Mário de Alencar, que, ao lado da Liga da Moralidade, denunciavam a pornografia, a imoralidade e a pobreza de sua literatura.<sup>55</sup>

Paulo Silveira, em artigo intitulado *Madame Tartufo*, numa clara alusão ao hipócrita personagem de Molière, discorreu sobre o caráter duvidoso de Pio, diretor da Liga pela Moralidade, e sobre a sua atitude ao perseguir *Melle Cinema*.

Sei que esse moço atende pelo caridoso nome de Pio, tem vinte e nove anos de idade, usa bigodinho ralo, implicante; veste fraque bacharelício, tem voz fanhosa, de escorropicha-galhetas, calça os pés em botinas de elástico, compra passagem de ida e volta para Itapiru, conversa sobre a carestia da vida com o Mendonça do “Círculo Católico”, lê romances de *jeune-fille* na rua, e em casa delicia-se com o pornográfico de Paulo de Kock, fuma cigarros Elite e compra o importantíssimo *Jornal do Commercio*. O Sr. Pio é, afinal, um homem sisudo, compenetrado do seu papel de *boy-scout* da *Salvation Army* brasileira, que pretende pregar folha de videira em todo nu artístico que for sendo encontrado por esse mundo de Cristo. Esse é o grande programa de saneamento moral do Sr. Piopio, que está disposto a não dar mais trégua aos escritores que abusarem da ingenuidade da nossa sociedade... Nada de inconveniências indecentes nos livros brasileiros. Piopio quer que se escrevam coisas puras para serem lidas pelas solteironas que fazem *crochet*. Ele também pretende escoimar o nosso dicionário de certos termos feios. Vários vocábulos serão modificados em benefício da moralidade da família tupinambá...

*Oh! Lês honnêtes gens!...Quelle canaille!* Esta frase é do Sr. Emile Zola (cruzes, demônio!) e marca como um sinete de fogo a anca estúpida dos falsos

<sup>54</sup> Ibidem.

<sup>55</sup> HOFFBAUER, Daniela Salzano Hungria. *Benjamim Costallat: costumes cariocas nos anos 20*. 2000. 231f. Dissertação. Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro, p.125.

moralistas que vêm para a rua cabotinizarem as suas esquecidíssimas pessoas à custa dos trabalhos alheios. De fato, não há nada mais insuportável do que um homem que vive pelas esquinas, pelas sacristias e pelos jornais fazendo praça da sua honestidade. Cansa a gente o estar escutando a toda a hora os auto-elogios, à minha honra e ao meu caráter. Geralmente, os homens honrados e os homens de caráter não vivem fazendo reclame dessas virtudes morais.

(...)

São essas e outras coisas que tiram aos nossos literatos o apetite de escrever. Escreva a gente um livro de arte pura, onde a vida só vibre através de pinceladas de ouro, para se sujeitar ao juízo crítico de um desconhecido Pio, que se arvora em censor para defender uma moral pública que vive por aí prostituída pelos teatros do Rocio, pelos *cabarets* e pelo carnaval. É um desafio.

(...)

Uma obra imoral?!...Faça-me o Sr. Pio o favor de dizer o que é uma obra imoral. Pelo seu critério, o mesmo critério que serviu para a apreensão da sapequíssima *Melle.Cinema*, a Bíblia deveria ser confiscada. Eu não conheço livro onde a volúpia floresça com mais requinte e mais escândalo do que nesse sagrado volume onde o *Cântico dos cânticos* todo se canaliza em ânsias sumarentas de gozo e de prazer.

(...)

Vejam os que me lêem como vão se tornando impossíveis nesta terra as profissões de escritor e de livreiro. Basta uma pequena antipatia do Sr. Pio para se tolher num minuto a liberdade de qualquer dono de livraria.

(...)

Escrevi este artigo para protestar contra a apreensão do livro do Sr. Benjamim Costallat, que, além de ser uma obra de realidade e de palpitante atualidade, merece as considerações da crítica do meu país. Por mais que a invejem os anêmicos escritores desta terra, *Melle.Cinema* é um livro que encerra esplêndidas qualidades de fabulação.<sup>56</sup>

O acadêmico Medeiros e Albuquerque, responsável pela coluna “Ordem do Dia” do *Jornal do Brasil*, mostrou-se fervoroso defensor de Benjamim Costallat e dedicou mais de dois artigos à polêmica em torno do romance. Num deles, a partir do relato de um episódio ocorrido num Congresso internacional de combate à pornografia, o jornalista assinalou a hipocrisia destes guardiões da moral.

Em um Congresso para combater a pornografia, e que o Brasil mandou como representante Souza Bandeira, houve quem falasse em jornais pornográficos. Souza Bandeira, em aparte, disse que isso não existia entre nós. Imediatamente, sem consultar uma nota, Béranger interveio da Presidência perguntando:

- “E o Rio-Nú”?

Béranger conhecia a fundo a revista brasileira que o brasileiro nunca lera. Como são imorais os moralizadores!<sup>57</sup>

Em outro artigo, publicado poucos dias depois, o intelectual dirigiu duras críticas ao pedido dos “fanáticos” membros da Liga e denunciou a ineficácia de atitudes como esta.

<sup>56</sup> SILVEIRA, Paulo. Madame Tartufo. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 16/10/1924. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

<sup>57</sup> ALBUQUERQUE, Medeiros e. Ordem do Dia. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16/08/1924. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

Os processos literários até hoje só têm servido para consagrar as vítimas das sentenças e mergulhar no ridículo os juízes que as lavram. Aí estão as *Flores do Mal* e vários livros célebres, que há muito tempo, por uma revisão tácita das suas condenações, voltaram a incluir todos os trechos que os juízes tinham mandado cortar.

As sentenças pouco duraram. O que ficou para sempre foi o ridículo sobre os juízes que as deram e cujos nomes são sempre lembrados com justo escárnio...<sup>58</sup>

Rosalina foi, finalmente, absolvida da acusação de imoral pelo mesmo promotor que, meses antes, determinara a apreensão de seus exemplares. Em setembro de 1924, o *Jornal do Brasil* noticiou com grande entusiasmo a absolvição do seu “brilhante colaborador”. Tratava-se, segundo o artigo, da “única solução possível, visto que só ela era justa”. Conforme o jornal, o promotor Gomes de Paiva afirmou em seu parecer ter *Mlle Cinema* como objetivo “apenas descrever os defeitos da educação moderna, mostrando os seus inconvenientes, para corrigi-los”.<sup>59</sup>

A publicação de *Os devassos*, porém, levou Costallat e seu sócio ao banco dos réus. Durante o processo, que durou pouco mais de dois meses, os editores defenderam-se, destacando o caráter moralizante do livro que apresentava os vícios e perversões em que se encontrava mergulhada parte da sociedade carioca. Dessa forma, o objetivo da obra seria, segundo os réus, salvaguardar a moral e os bons costumes. O processo foi concluído pelo juiz que declarou improcedentes as acusações contra os editores.

Em três anos e meio, *Mademoiselle Cinema* atingiu a cifra surpreendente de 60 mil exemplares vendidos. Jornais de todo o país disputavam uma foto da família Costallat ou uma entrevista com o escritor, dedicando ao popular literato inúmeras páginas. No decorrer dos anos, porém, sua colaboração nas páginas literárias dos jornais brasileiros diminuiu drasticamente assim como o destaque a ele conferido pela imprensa brasileira. Em 1959, o escritor carioca publicou sua última crônica no *Jornal do Brasil* vindo a falecer, no completo esquecimento, dois anos depois. Os jornais dedicaram poucas linhas à morte do literato.

Em crônica publicada poucos dias após a morte de Costallat, Brito Broca discorre sobre o esquecimento a que se encontrava relegado nos últimos anos de sua vida o outrora popular jornalista e escritor carioca.

<sup>58</sup> Idem. Ordem do Dia. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 28/08/1924. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

<sup>59</sup> Mlle Cinema e a justiça. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 04/09/1924. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.



Para a literatura brasileira, Costallat já tinha morrido muito tempo antes da moléstia que o flagelou durante mais de dois anos. Se ainda escrevia, há uns quatro ou cinco anos atrás, suas crônicas passavam despercebidas. O público já não lhe dispensava atenção.

(...)

Esse escritor, que morreu completamente esquecido, foi o mesmo que entre 1920 e 1930 mais ou menos dispôs do maior público no Brasil, as edições dos seus livros se esgotavam, tinha sempre os retratos nos jornais, os repórteres a lhe pedirem entrevistas.

(...)

Mas hoje quem se lembra de Mlle Cinema? A verdade é que a obra de ficção de Costallat, apesar dos propósitos sensacionalistas que lhe atribuíam, tinha certo mérito literário. E como cronista deixou ele em três livros o documento de uma época.<sup>60</sup>

---

<sup>60</sup> BROCA, Brito. Costallat e Mlle Cinema. *A Gazeta*. Rio de Janeiro, 09/03/1961. Acervo Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

## CAPÍTULO 2

### A Benjamim Costallat & Miccolis e o cenário editorial carioca dos anos 1920

Em 1923, Benjamim Costallat lançou-se à empreitada de editor, tendo como sócio o italiano José Miccolis, proprietário de um estabelecimento gráfico, *La Patria Degli Italiani*, localizada na Rua do Lavradio. Na oficina, eram publicados livros para diversas casas editoriais cariocas, como a Leite Ribeiro, além de um jornal homônimo destinado à comunidade italiana.

Segundo Raymundo Magalhães Junior, Costallat e Miccolis conheceram-se num julgamento em que se encontravam em lados opostos. Tudo começara com a viagem à Europa feita por Costallat em 1921. Neste ano, o escritor atuava como colaborador da *Gazeta de Notícias* e diretor da Escola de Canto do Teatro Municipal. E foi o então concessionário do Teatro, Walter Mocchi, que ofereceu a viagem para que seu funcionário observasse as novidades do meio artístico europeu. Na Itália, Costallat teve a oportunidade de conhecer o famoso maestro italiano Pietro Mascagni e de ouvir a partitura de *Il Piccolo Marat* no apartamento do Hotel Londres, onde o músico encontrava-se hospedado. Nas impressões da viagem, que publicou na *Gazeta de Notícias* ao regressar ao Brasil, o escritor dirigiu duras críticas ao aspecto sujo do hotel, à antipatia da esposa do maestro e à mediocridade da nova obra.

Quando o Sr. Mascagni me foi apresentado, de fato, no minúsculo e pouco perfumado elevador do Hotel de Londres, quase não o reconheci, com os seus cabelos esbranquiçados, as suas olheiras muito marcadas e enormes, a sua boca deformada de rugas intensas, toda a sua trágica e insolente fisionomia... A fisionomia trágica e insolente de quem envelheceu nos vícios, e como virtude só tem uma – a de ter muito talento!

(...)

E a exposição desse talento me havia sido marcada pelo compositor e pela pessoa que o tinha apresentado, para as 10 horas da noite, no apartamento privado do dono do hotel, onde um piano com os seus dentes de marfim sujo nos esperava, iluminado por duas velas de sebo.

O maestro veio acompanhado de sua senhora, uma matrona antipática, que se sentou a um canto e não disse mais nada.

[...]

A partitura de Mascagni, porém, é profundamente desigual. Um primeiro ato magnífico, um segundo razoável, com um dueto final de grande efeito, e um terceiro fraquíssimo. Sente-se que ao compositor faltou fôlego ou tenacidade para completar uma obra admiravelmente começada. Sente-se a pressa ou a fraqueza que dominou o acabamento da ópera.

[...]

Faltam cor local e ambiência na atmosfera da partitura. E são defeitos que hoje não se perdoam, em uma ópera que, além de amor e de ódio, pretende descrever que esse ódio e esse amor se passam em França, em plena revolução, quando se ensinava ao mundo a liberdade, e era aos berros que se impunha a Marselhesa.<sup>61</sup>

No ano seguinte, porém, o maestro chegou ao Brasil como uma das principais atrações da temporada de concertos do Municipal. Diretor da Escola de Canto, Costallat recebeu com grande entusiasmo o artista, exaltando seu valor musical. Os italianos, porém, não tinham esquecido as afrontas dirigidas pelo brasileiro a seu famoso compatriota. *La Patria Degli Italiani*, jornal editado na gráfica de José Miccolis, publicou um artigo, confrontando as opiniões de Costallat sobre Mascagni e republicando, em italiano, o artigo de 1921.

Em resposta, Costallat alegou que suas diferentes declarações deviam-se a atuações diferentes: na *Gazeta de Notícias*, escrevera como crítico; e, no Teatro Municipal, agira como funcionário oficial. Além disso, reconhecia os méritos de Mascagni, mas reafirmava a infelicidade do artista no caso de sua ópera *Il Piccolo Marat*. Acompanhando a polêmica, Mascagni concedeu entrevistas a jornais e revistas, dirigindo duras críticas ao escritor brasileiro. Diante das declarações do maestro, Costallat não perdeu a oportunidade: contratou o famoso criminalista Evaristo de Moraes e processou o famoso cantor italiano por difamação. Periódicos, como *Gazeta de notícias*, *O Imparcial* e *Jornal do Brasil*, noticiaram exaustivamente o “incidente jornalístico”<sup>62</sup>. *O Imparcial* lembrou os inúmeros processos judiciais envolvendo a nova obra de Mascagni.

Há um diabinho perverso que castiga os homens ambiciosos. Ambiciosos de fortuna como ambiciosos de glória.

Mascagni devia ter compreendido que a “Cavalleria Rusticana” era o meridiano da sua arte. Para que mais?! Por que não se contentou com ela, como o nosso Santos Dumont com a sua “Demoiselle” vertiginosa? Quis mais. Quis o “brevet” de “az”, dos “azes” da harmonia suprema... Quis ser o Fonck. O Fonck na culminância dos agudos. Quis ser Fronvel. O Fronvel das acrobacias melodiosas. E fez “Il Picolo Marat”.

Em má hora o fez. Porque desde então vive às voltas com os tribunais. É a vingança do diabinho perverso que castiga os homens ambiciosos...

Mascagni começou processando o seu libretista. O libretista também o processou. Processaram-se mutuamente compositor e empresário, libretista e editor.

<sup>61</sup> COSTALLAT, Benjamim. O Sr. Mascagni e a sua ópera. In: COSTALLAT, Benjamim. *Mutt, Jeff & Cia*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, 1922.

<sup>62</sup> Um incidente jornalístico. In: *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 12 de outubro de 1922. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional-Brasil.

Tudo isso deu que falar aos jornais. Agora voltam os jornais a ocupar-se de um processo ainda motivado por “Il Piccolo Marat”. Autor: Benjamim Costallat. Advogado: Dr. Evaristo de Moraes. Réu: Pietro Mascagni.<sup>63</sup>

A polêmica levou o próprio Costallat a se pronunciar, no *Jornal do Brasil*, sobre sua decisão de processar o músico italiano.

Só por isso, só por ter em uma crônica de “Mutt, Jeff & Cia”, crônica que tem por principal preocupação ser literária e jornalística e não ser ofensiva ao maestro Mascagni; só por ter atacado um pouco o seu físico e não ter achado a sua ilustre senhora simpática, o autor do “Piccolo Marat” acha-se no direito de vir, no meio em que eu vivo, em que tenho tradições e responsabilidades, me atacar como um desclassificado, agredindo-me na minha honra profissional, pretendendo que eu escrevo por encomenda, estipendiado empresário Mocchi e que foi graças a este estipêndio que eu escrevi “artigos injuriosos contra ele e sua senhora”... Não sei como o maestro Mascagni não ataca também o editor de “Mutt, Jeff & Cia”, o Coronel Leite Ribeiro.

[...]

Por que só depois de quase dois anos de publicada a minha crônica, só depois de dois meses de conhecê-la, é que o Sr. Mascagni se indigna com os termos por mim empregados ao redigi-lo? Por que essa indignação se manifesta violentíssima em entrevistas, quando perto de mim o Sr. Mascagni não parece em nada indignado? Por que, finalmente, o maestro Mascagni declara que eu sou um jornalista venal, capaz de, por dinheiro, agredir uma senhora? Por que?

É para saber tudo isso que eu constituí advogado, o eminente criminalista Evaristo de Moraes, que chamará à responsabilidade por crime de calúnia e injúria o muito ilustre autor da “Cavalleria Rusticana”. Confio na justiça da minha terra, que não tomará em consideração as óperas que o réu fez e sim as calúnias e as injúrias que em duas consecutivas entrevistas, uma confirmando a outra, ele acaba, mesmo sem música, de praticar.<sup>64</sup>

Foi durante este julgamento que, segundo Raymundo Magalhães Junior, o jovem escritor de Paquetá conheceu o empresário italiano. Segundo o acadêmico, foi Miccolis quem, ambicioso, teria sugerido a Costallat a sociedade numa nova empresa editora. Assim, dividiriam os lucros que estavam indo para a casa do coronel Leite Ribeiro, principal editora carioca do período.<sup>65</sup>

Costallat aceitou a nova empreitada e, com a sociedade, dedicou-se a pôr em prática sua tão desejada “campanha pelo livro nacional”, que será abordada no capítulo seguinte. A sociedade com José Miccolis permitiu à nova editora imprimir seus livros numa gráfica própria, o que não era muito comum no período. Muitas editoras imprimiam suas

<sup>63</sup> Jeff. Um processo ruidoso. Pietro Mascagni às voltas com a justiça. In: *O Imparcial*, 13 de outubro de 1922. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional-Brasil.

<sup>64</sup> COSTALLAT, Benjamim. O caso Mascagni-Costallat. Escreve-nos o nosso colaborador Dr. Benjamim Costallat. In: *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 15 de outubro de 1922. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional-Brasil.

<sup>65</sup> JUNIOR, Raymundo Magalhães. *O fabuloso Patrocínio Filho*. 2 ed. Salvador: LISA, 1972, pp. 203-210.

publicações em diferentes estabelecimentos gráficos, que publicavam diversos tipos de impressos.

“Benjamim Costallat, o gorducho gesticulador, da pena que vale ouro, acaba de fundar uma casa editora, e quer executar os projetos os mais fantásticos!”<sup>66</sup>. Foi com tal entusiasmo que, segundo Hamilton Barata, anunciou-se a inauguração, em 1923, da editora Benjamim Costallat & Miccolis.

E não demorou muito para a nova casa marcar seu nome no cenário editorial carioca. Em seu primeiro ano de atuação, publicou *Melle. Cinema*, de Benjamim Costallat; *Alma Sertaneja*, do acadêmico Gustavo Barroso; *Ban-ban-ban*, de Orestes Barbosa; a segunda edição de *Modernos*, de Benjamim Costallat; *Cocktail*, também de Costallat; *Mundo, diabo e carne*, de Patrocínio Filho; *Feira livre: antologia nacional pelo método confuso*, entre outros títulos de grande sucesso escritos por autores conhecidos do grande público.

A sociedade entre o escritor carioca e o empresário italiano, porém, durou apenas até o início de 1927. Apesar da efêmera duração, a empresa teve uma atuação marcante no cenário intelectual carioca do período, publicando livros que atingiram em pouco tempo cifras surpreendentes de venda. Em 1925, o jornalista Hamilton Barata declarava, em artigo publicado no *Jornal do Povo*, que Costallat e seu sócio “triunfavam magnificamente no domínio das edições” e que “os livros de maior sucesso no Rio de Janeiro eram (...) os lançados pela casa”<sup>67</sup>.

Com o fim da editora, José Miccolis herdou os direitos e obrigações da empresa, como afirma Costallat em carta endereçada a Rui Ribeiro Couto, em 1931.<sup>68</sup> E, ainda em 1927, o italiano publicou alguns títulos, como *Eu vi você bolinar...* de Renato Viana, utilizando o cruzeiro do sul símbolo da editora mas já sem o nome do autor de *Melle. Cinema*.

Benjamim Costallat, por sua vez, continuou atuando no ramo da edição, associando-se a diferentes casas editoras pelas quais publicou coleções de livro que recebiam seu nome. A Coleção Benjamim Costallat incluiu títulos como *A grande guerra*, de Rui Barbosa; *Werther e Pensamentos filosóficos*, de Goethe; *Os pobres diabos*, de Dostoiewsky; *As*

<sup>66</sup> BARATA, Hamilton. José Miccolis. *Jornal do Povo*, Rio de Janeiro, 10 de julho de 1925. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional.

<sup>67</sup> Ibidem.

<sup>68</sup> Carta enviada por Benjamim Costallat a Rui Ribeiro Couto. Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa.

*primaveras*, de Casimiro de Abreu; *Roudine*, de Turgueneff; *O amor*, de Michelet; *Novelas galantes* e *Histórias brejeiras*, de Boccacio. Além destes, diversas obras do autor compunham a coleção, como *Mulheres e etc.*, *O marido de Melle*. *Cinema*, *A casa das heras*, *Katucha*, *Depois da meia-noite...*, *Mistérios do Rio*, *Guria*, *A loucura sentimental* e, é claro, *Mademoiselle Cinema*. A Coleção Benjamim Costallat, publicada entre 1930 e 1934 por diferentes editoras, como a Minha Livraria e a Editora Guanabara, caracterizava-se, entre outros, pelas encadernações em brochura e pelas capas ilustradas e coloridas de seus livros.

### **O cenário editorial carioca dos anos 1920**

Benjamim Costallat insere-se no cerne de um processo de profundas transformações e inovações no mercado editorial brasileiro. Nos anos 1920, surgiram nos grandes centros urbanos, como São Paulo e Rio de Janeiro, inúmeras casas editoriais que apostaram em edições populares caracterizadas, entre outros, pelas encadernações em brochura e pelas capas ilustradas. Disseminava-se entre os livreiros uma nova concepção do livro, que deixava de ser cultuado como objeto de luxo a ser consumido por uma minoria abastada e passava a ser entendido como um objeto comercial lucrativo a ser consumido por um amplo público leitor. Daí, a preocupação em tornar atraentes estas publicações com um projeto gráfico vistoso.<sup>69</sup>

Segundo a antropóloga Alessandra El Far, este processo de “popularização do livro”, que atingiu seu auge nos anos 1920 e 1930, iniciara-se no final do século XIX. Para isso, contribuíram diversos fatores, como as inovações tecnológicas de impressão e o estabelecimento de uma população assalariada e alfabetizada nos centros urbanos, como Rio de Janeiro.<sup>70</sup>

Conscientes da existência deste público, muitos livreiros cariocas da virada do século, como Pedro da Silva Quaresma, passaram a dispensar tratamento específico a seus livros a fim de atingir esta população em constante crescimento.<sup>71</sup> Daí, a disseminação dos volumes baratos, de leitura fácil e rápida, fartos de imagens e com enredos sensacionais. Não

<sup>69</sup> Cf. CARDOSO, Rafael (Org.). *O design brasileiro antes do design : aspectos da história gráfica, 1870-1960*. São Paulo: Cosac Naify, 2005; EL FAR, Alessandra. *Páginas de sensação* Literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924). São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

<sup>70</sup> EL FAR, *op.cit.*

<sup>71</sup> EL FAR, *op.cit.*, p.80.

mais confinado às elites abastadas, o livro passava a ser visto como possível produto de consumo por diferentes setores da sociedade carioca.<sup>72</sup>

Investiram, então, cada vez mais nos autores de sucesso e nas brochuras de baixo custo e de pequeno tamanho. Iniciativas que levaram o livro a uma parcela cada vez mais significativa da população e contribuíram para o desenvolvimento do mercado editorial brasileiro.

No Brasil, ao longo da década de 1920, presenciou-se um amadurecimento na adoção de tais estratégias, com o “uso mais sistemático do projeto gráfico como fator de apelo comercial”<sup>73</sup>. Segundo o pesquisador Rafael Cardoso, o design acompanhou as transformações vivenciadas pela indústria nacional com a eclosão e o desenrolar da Grande Guerra, quando “vários setores industriais aproveitaram o contexto da Primeira Guerra Mundial para exportar mais ou para realizar uma efetiva substituição de importações”<sup>74</sup>. Esta “substituição de importações” atingiu também o setor livreiro, resultando num período de *boom* editorial, com o surgimento de diversas novas editoras na década 1920.<sup>75</sup>

O processo de transformação editorial encontrava-se, portanto, a pleno vapor. Autores, editores e artistas gráficos investiram num tratamento gráfico mais cuidadoso a fim de aumentar a circulação de seus livros e, assim, atingir êxito em seus negócios. Nestes anos, generalizou-se o uso de capas ilustradas, presenciaram-se as primeiras iniciativas de refinamento no projeto dos miolos, aplicaram-se preceitos de identidade visual em projetos de livros de uma mesma coleção ou editora.<sup>76</sup>

O tratamento gráfico mais cuidadoso e elaborado é uma das mais marcantes características das edições populares da década de 1920, consistindo num dos principais diferenciais em relação às edições populares do início do século. Estas atingiam grande sucesso graças, sobretudo, às encadernações em brochura e aos baixos preços. As “edições Quaresma”, por exemplo, apresentavam um projeto gráfico ainda incipiente, sendo reeditadas com as mesmas características das impressões anteriores e seguindo os padrões da imprensa.

---

<sup>72</sup> Idem. *O livro e a leitura no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006, p.64.

<sup>73</sup> CARDOSO, Rafael. “Introdução”. In: Rafael Cardoso. (Org.). *O design brasileiro antes do design: aspectos da história gráfica, 1870-1960*. São Paulo: Cosac Naify, 2005, p.13.

<sup>74</sup> Ibidem, p.13.

<sup>75</sup> Idem. “O início do design de livros no Brasil”. In: Rafael Cardoso. (Org.). *O design brasileiro antes do design : aspectos da história gráfica, 1870-1960*. São Paulo: Cosac Naify, 2005, p.175.

<sup>76</sup> Ibidem, p.176.

Em São Paulo, a atuação de Monteiro Lobato como editor é característica da transformação então em vigor. O autor de *Urupês*, buscando “entupir este país com uma chuva de livros”<sup>77</sup>, lançou-se à empreitada de editor em 1920, com a abertura da Monteiro Lobato & Cia. A ampla publicidade em jornais e a grande preocupação com a apresentação gráfica dos livros são apontadas por Hallewell como alguns dos “métodos revolucionários” da casa editorial.<sup>78</sup> O uso de artistas consagrados, como Di Cavalcanti, para ilustrar as capas de suas publicações também consistia numa característica marcante das edições Lobato & Cia.

Estas transformações também atingiram a capital republicana. Casas editoriais cariocas, como a Leite Ribeiro e a Schettino investiram nas capas ilustradas e nos autores polêmicos e populares. A Leite Ribeiro, inaugurada em 1917, é descrita por Hallewell como a mais importante do Rio de Janeiro durante a década de 1920. A editora - que na segunda metade da década passaria a se chamar Freitas Bastos e que, a partir dos anos 1930, se tornaria famosa pela publicação de obras jurídicas - investiu, em seus primeiros anos, em livros literários assinados por escritores bastante populares, como Bastos Tigre e Theo Filho. E foi por esta editora que Benjamim Costallat publicou suas primeiras obras, como *Mutt, Jeff & Cia* (1922), *Depois da meia-noite* (1922), além da segunda edição de *A luz vermelha* (1922).

A publicação de *Mutt, Jeff & Cia*, porém, foi marcada por uma polêmica. O artista Enrico Castello, o Chin, recusara o pedido de Costallat de desenhar a capa de seu novo livro, alegando que em suas páginas o escritor dirigia duras críticas à Itália, sua terra natal. Diante da recusa de Chin, Costallat decidiu desenhar ele mesmo a ilustração da capa. No prefácio da primeira edição, o escritor explica sua decisão, destacando a importância das ilustrações para o sucesso de seus livros.

Peço desculpas aos desenhistas ter invadido a seara alheia, mas como sempre tive a impressão, e comigo os meus amigos literários, de ter sempre vendido bem os meus livros por causa das brilhantes capas de brilhantes artistas como o Sr. Castello, vou ver, se, mesmo sem capa, sem as

---

<sup>77</sup> LOBATO, Monteiro. *A Barca de Gleyre*. Quarenta anos da correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel. São Paulo: Brasiliense, 1951, p.7.

<sup>78</sup> HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005, p. 326.



brilhantes capas de brilhantes artistas como o Sr. Castello, a minha literatura é vendida.<sup>79</sup>

Como será destacado, ao tornar-se editor, Benjamim Costallat conferiu grande importância às ilustrações, tornando suas edições famosas pelas capas ilustradas e coloridas e pelas vinhetas que acompanhavam o texto.

### **As edições Costallat & Miccolis**

Pretende-se, nesta parte do capítulo, examinar a produção editorial da Benjamim Costallat & Miccolis, identificando as principais características textuais e tipográficas dos livros, como o perfil dos autores editados, os enredos privilegiados, e o tratamento gráfico dispensado às edições, além das estratégias de divulgação adotadas.

#### **Autores polêmicos e enredos sensacionais: o catálogo Benjamim Costallat & Miccolis**

O levantamento da produção editorial da Benjamim Costallat & Miccolis, fundamental para o desenvolvimento da pesquisa aqui pretendida, não se mostrou uma tarefa simples devido às poucas informações disponíveis sobre a editora e à inexistência de um catálogo. Dessa forma, o levantamento foi realizado através de duas fontes principais: as relações de obras à venda ou no prelo disponibilizadas pelos editores nos próprios livros; e os reclames publicitários e as críticas literárias publicadas nos jornais da época referentes às edições da empresa. A partir destas fontes, foram identificados sessenta e um títulos, que seguem listados.

<b>AUTOR</b>	<b>TÍTULO</b>	<b>ANO</b>
Orestes Barbosa	Ban-ban-ban	1923
Gustavo Barroso	Alma sertaneja	1923
Benjamim Costallat	Melle.Cinema	1923
Benjamim Costallat	Modernos (2ª edição)	1923
Benjamim Costallat	Cocktail (2a edição)	1923
Mendes Fradique (Madeira de Freitas)	Feira livre: antologia nacional pelo método confuso	1923
Patrocínio Filho	Mundo, diabo e carne	1923
Patrocínio Filho	A sinistra aventura	1923

<sup>79</sup> COSTALLAT, Benjamim. *Mutt, Jeff & Cia*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, 1922. p.10.

Mario Hora	Mulheres do próximo	1923
Theo Filho e Robert de Bedarieux	Annita e Plomark, aventureiros	1923
Carlos Maul	A intriga entre o Brasil e a Argentina	1923
Álvaro Moreyra	Cidade mulher	1923
Romeu de Avelar	Os devassos	1924
Benjamim Costallat	Mistérios do Rio	1924
Benjamim Costallat	Fitas	1924
Rui Ribeiro Couto	A cidade do vício e da graça: vagabundagem pelo Rio noturno	1924
Mario Guastini	Política em torno de uma cadeira	1924
Cecília Bandeira de Melo	Almas em desordem	1924
Rodolfo Machado	O divino inferno	1924
Gastão Penalva	Luvras e punhais: contos e crônicas	1924
Gerson de Macedo Soares	Quinze dias nas prisões do Estado...	1924
Lucílio Varejão	Adão	1924
Ricardo Pinto	Nossos grandes em ceroulas	1924
Olegário Mariano (João da Avenida)	Ba-ta-clan	1924
Oswald Beresford	Mme Cosmopolis	1924
Benjamim Costallat	Histórias de bonecos	1925
Mauro de Almeida	Um crime no Rio de Janeiro	1925
Hermes Jurema	A virgem nua	1925
Francisco Eiras	Os cadetes	1925
Francisco Galvão	Cidade dos loucos: impressões do hospício	1925
Enéas Lintz (Thomas de Alencar)	Divino mal	1925
Mario Bulcão	Rumo ao campo	1925
Luiz de Camões	Dinamene	1925
Moacyr de Almeida	Gritos bárbaros	1925
Diversos – ABL	Revista da Academia Brasileira de Letras	1924 a 1926
Medeiros e Albuquerque	O assassinato do general	1926
Gustavo Barroso	Tição do inferno	1926
José Antonio Nogueira	Aspectos de um ideal jurídico	1926
Enéas Lintz	Há dez mil séculos	1926
Paulo Silveira	Asas e patas	1926
Gilka Machado	Homens e mulheres	1926
Benjamim Costallat	Os maridas (O marido de Melle.	1926

	Cinema)	
Vicente Ibanez Blasco	Os quatro cavaleiros do apocalipse	1926
Paulo Rehfeld	Os rebellados	1926
Patrocínio Filho	O homem que passa	1927
Francisco de Assis Cintra	Geografia política de São Paulo e de Minas Gerais	S/d
Auto Fortes	Questões criminais	S/d
Terra de Senna (Lauro C.Pereira Nunes)	Diabo a 4	S/d
Antonio Celestino	No país da volúpia	S/d
John W. Goetz	A língua franceza, sem professor, pelo methodo Goetz – em 100 lições segundo o programma da Escola Normal do Rio de Janeiro	S/d
Nicolau Ciancio	A medicina para todos	S/d
Ary Pavão	Sarjeta	S/d
Paulo Magalhães	Psicologia das Atitudes	S/d
Mario Jose de Almeida	Jornal de Sherlock Holmes	S/d
Moreira Guimarães	Fatos e orientações	S/d
Albino Mendes	Albino Mendes por Albino Mendes (memórias do cárcere)	S/d
Waldemiro Potch	Noções de física e química	S/d
Oscar Lopes	Historia de todo o tempo	S/d
Benjamim Costallat	Avenida's	S/d
José Eduardo de Macedo Soares	Ruy Barbosa (últimas campanhas políticas)	S/d
Evaristo de Moraes	Amores doentes	S/d

Inicialmente, é válido ressaltar a ausência de dados seguros sobre a publicação de alguns dos títulos destacados. O levantamento acima foi realizado, principalmente, a partir das relações de livros à venda ou no prelo disponibilizadas pelos editores ao fim de cada publicação. Só foram encontradas referências a alguns destes títulos nas relações de livros no prelo. Obras, como *Albino Mendes por Albino Mendes (memórias do cárcere)*, de Albino Mendes; *História de todo o tempo*, de Oscar Lopes; *Avenida's*, de Benjamim Costallat; *Ruy Barbosa (últimas campanhas políticas)*, de José Eduardo de Macedo Soares; e *Amores doentes*, de Evaristo de Moraes, não tiveram exemplares nem referências sobre sua publicação localizados. De todo modo, a publicação da Benjamim Costallat e Miccolis ultrapassou, em pouco mais de três anos, os cinquenta títulos, o que compreende uma produção significativa para o período.

A editora apresentava, como demonstra o quadro acima, um catálogo bastante diversificado, composto por livros de poesias, crônicas políticas, obras jurídicas, álbuns infantis e manuais de língua estrangeira, além dos contos e romances de sensação que caracterizaram sua produção.<sup>80</sup>

Pela casa, Costallat publicou diversos títulos de sua autoria, como os inéditos *Melle Cinema* (1923), *Fitas* (1924), *Mistérios do Rio* (1924), *Histórias de Bonecos* (1925) e *Os maridas* (1926), além de novas edições de *Modernos* (1923) e *Cock-tail* (1923). Além de suas próprias obras, Costallat privilegiou a edição de autores nacionais conhecidos do grande público, como Théó Filho, Álvaro Moreira e Orestes Barbosa. Muitos destes escritores tinham experiência na imprensa jornalística da época como cronistas, assinando, numa linguagem ágil e direta, polêmicas narrativas sobre o submundo da capital brasileira.

É válido ressaltar que, nas primeiras décadas do século XX, sobretudo após a Grande Guerra, a imprensa brasileira, desenvolvendo-se sob moldes empresariais, vivenciou um período de profundas transformações e inovações. Entre elas, a decadência do folhetim em prol da crônica, mais leve e curta, que tecia comentários sobre questões cotidianas, em geral temas mundanos e esportivos. Dessa forma, assinar crônicas jornalísticas era, para muitos literatos, a possibilidade de profissionalização e sustento.<sup>81</sup>

Tendo iniciado e consolidado sua carreira na imprensa enquanto cronista, Costallat editou muitas compilações de crônicas e contos publicados nos periódicos cariocas sobre o submundo da moderna capital brasileira. Magalhães Junior destaca que reunir crônicas e artigos publicados na imprensa e lançá-los em volume era uma prática comum entre os jornalistas literários, como Paulo Barreto e Antonio Torres.<sup>82</sup>

Ana Paula Simioni, ao estudar a trajetória de Di Cavalcanti como artista gráfico, destaca o papel da imprensa, durante o período da Primeira República, enquanto local de

---

<sup>80</sup> Utilizaremos aqui a expressão “livros de sensação” no mesmo sentido usado por El Far, que caracterizava estas obras por “dramas emocionantes, conflituosos, repletos de mortes violentas, crimes horripilantes e acontecimentos imprevisíveis (...) fatos surpreendentes que extrapolavam a ordem rotineira do cotidiano”. EL FAR, Alessandra. *Páginas de sensação. Literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

<sup>81</sup> Cf. BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil: 1900*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005. SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

<sup>82</sup> JUNIOR, Raimundo Magalhães. *O fabuloso Patrocínio Filho*. São Paulo: LISA, 1972, 203.

encontro e de efetivação de laços de amizade e cumplicidade entre jornalistas, escritores e artistas gráficos. Segundo a pesquisadora,

A imprensa, ao ser o local de arregimentação dos novos ingressantes e de trabalho para jornalistas, intelectuais e artistas gráficos, constituiu o ponto de convergência desses produtores e promoveu, cotidianamente, encontros e trabalhos coletivos, o que levou ao fortalecimento das relações entre os que compunham o próprio grupo.

[...]

As redações das revistas e jornais, nessa perspectiva, eram importantes agentes socializadores dos ‘intelectuais jornalistas’ e artistas gráficos. Seus membros se uniam pela situação profissional e também por laços de amizade, os quais envolviam troca de favores, indicações mútuas para trabalharem em outras revistas. É possível ver como todos os participantes do campo jornalístico desse momento estão enlaçados em uma rede de relações, em que todos se conhecem, se indicam, freqüentam os mesmos cafés.<sup>83</sup>

Patrocínio Filho foi um destes autores que, gozando de grande popularidade com seus contos jornalísticos, foi editado pela Benjamim Costallat & Miccolis. Seus três primeiros livros foram publicados pela casa: *A Sinistra Aventura* (1923), *Mundo, Diabo e Carne* (1923) e *O homem que passa* (1927). Este último resultou de um acordo, no qual o polêmico literato prometera a seus editores a entrega de quatro títulos: *O homem que passa*, *Meus pecados*, *Ela e eu* e *Crime impune*.

Segundo Raimundo Magalhães Junior, foi Patrocínio Filho quem procurou Costallat e José Miccolis, após saber que os sócios tinham o hábito de comprar os títulos, pagando adiantado pelos originais.

O meio literário estava surpreendido com as atividades editoriais do autor de Mlle Cinema e seu sócio.

- Costallat e Miccolis vão publicar o meu livro! – era comum ouvir-se nas rodas de café e nas redações. - Costallat e Miccolis estão publicando muito... Costallat e Miccolis dão adiantamentos contra a entrega dos originais... E até antes!<sup>84</sup>

Ainda segundo Magalhães Junior, tornando-se amigo íntimo de Miccolis, Patrocínio Filho vendera-lhe “títulos de vários livros não escritos, tomando sobre eles o adiantamento dado pela editora: um conto de réis”.

Aos seus editores, Zeca prometeu o livro *O Homem que passa*, e entregou os originais. Mas o livro de contos *Meus pecados*; o romance *Ela e eu*; o livro de gênero

<sup>83</sup> SIMIONI, Ana Paula. *Di Cavalcanti ilustrador*. Trajetória de um jovem artista gráfico na imprensa (1914-1922). São Paulo: Editora Sumaré, 2002, p.25.

<sup>84</sup> JUNIOR, *op.cit.*, 208.

indeterminado O Crime Impune, não passaram de pretextos para levantar adiantamentos com Miccolis.<sup>85</sup>

Ao final do livro *O Homem que passa*, publicado em 1927, foi reproduzida uma carta enviada pelo autor a José Miccolis. Nela, Patrocínio Filho justificava a seu editor o envio, no lugar dos originais prometidos, dos originais de *Jornal de Sherlock Holmes*, de Mario José de Almeida. Além de tecer elogiosos comentários à obra - “livro singularíssimo e, por certo, melhor que um dos frutos ácidos e murchos do meu incipiente, mas já cansado outono literário”- Zeca Filho justificava a não entrega dos originais prometidos às conseqüências em sua imaginação e criatividade da exaustiva atuação jornalística.

Não há imaginação que resista a isso, sobretudo quando a gente já a gastou, como eu, durante mais de vinte anos, “cozinhando” o noticiário dos jornais, improvisando artigos, crônicas, entrevistas, numa sinistra gravitação em torno do “lugar comum”, percorrida em todas as etapas que vão desde a “influência do azul nas artes” até o “cultivo da mamona em Sapopemba!...”

Não, amigo Miccolis: Mark Twain só escreveu aquela célebre e divertida história porque de fato não fora nunca “Redator do Jornal Agrícola”. Eu é que verdadeiramente o fui: e daí esta impotência, este cansaço, esta lentidão ao espremer as derradeiras gotas de miolo que possuo...<sup>86</sup>

E continuava em sua tentativa de convencer o italiano:

Mas você é um homem feliz; você nada perde com isso. Porque o livro que substituirá o meu, nos florescentes prelos de sua operosa e conceituada empresa, é muito superior – torno a dizer-lhe a quanto me seria e será possível produzir de ora em diante.<sup>87</sup>

A carta assinada por Patrocínio Filho foi publicada ao final de *O homem que passa* como o prefácio de *Jornal de Sherlock Holmes*, que estaria por ser publicado. Apesar da ampla divulgação da obra - há referências a ela desde 1924 -, ainda não foram encontrados exemplares nem referências à sua publicação pela Benjamim Costallat & Miccolis. Duas hipóteses nos parecem mais prováveis: ou o livro não chegou a ser publicado ou foi editado após o rompimento da sociedade por José Miccolis que, como já foi visto, ficou com os direitos e obrigações da extinta editora.

O pagamento pela propriedade definitiva da obra era uma prática comum adotada pelos editores brasileiros. Segundo Hallewell, desde meados do século XIX livreiros como Hippolyte Garnier preferiam “a compra definitiva dos direitos a uma obra ao pagamento de

<sup>85</sup> Ibidem, p.210.

<sup>86</sup> FILHO, Patrocínio. *O homem que passa*. Rio de Janeiro: Benjamim Costallat & Miccolis, 1927, p.188.

<sup>87</sup> Ibidem, p.188.

uma porcentagem sobre as vendas”<sup>88</sup>. Hallewell nos informa ainda que Aluísio Azevedo vendeu a Hippolyte, em setembro de 1897, os direitos autorais sobre suas onze obras já publicadas por 10:000\$000; e que Machado de Assis “foi persuadido a vender os direitos autorais de todas as suas obras, uma a uma, ao longo de seis anos a partir de 1900, e em alguns casos por quantias tão irrisórias como 500\$000”.<sup>89</sup>

Benjamim Costallat e José Miccolis também optaram por pagar pela propriedade definitiva das obras, o que levou Francisco Eiras, no prefácio de seu romance *Os Cadetes*, a afirmar: “Este livro me não pertence mais. Adquiriram-no para sempre os meus editores”. O autor explicava que cedera os direitos sobre o livro com o intuito de que os editores o ajudassem a “levá-lo ao conhecimento de muita gente, grega ou troiana, sagrada ou leiga, onde – apesar dos graves desvalores que lhe são intrínsecos – mesmo assim, possa este romance fazer aqui ou ali, o prosélito da doutrina (um pouco em desuso nesta hora) que confia na moralidade da juventude”<sup>90</sup>. O médico narrava, em seu romance, as dificuldades enfrentadas por jovens médicos da metrópole fluminense, que buscavam trilhar uma carreira honesta e digna, resistindo à corrupção reinante na alta sociedade.

Pelo texto de Rui Ribeiro Couto, *A Cidade do Vício e da Graça*, Costallat comprometeu-se a pagar ao autor, seis meses após a entrega dos originais, o valor de um conto de réis. Couto deveria enviar uma cópia dos originais com a autorização expressa sobre as condições do negócio. O editor também prometeu ao escritor que, em caso de sucesso, estaria disposto a fazer novos negócios, dobrando e triplicando as condições.<sup>91</sup>

Como dito anteriormente, a editora publicou muitos textos de origem jornalística, tornando-se famosa pela publicação de polêmicas narrativas sobre a cidade do Rio de Janeiro, em especial sobre os aspectos mais cruéis e perversos de seu submundo. Emocionantes e trágicos enredos caracterizaram a produção da Benjamim Costallat & Miccolis.

Neste sentido, a escolha do título mostrava-se de suma importância no trabalho de edição na medida em que, consistindo numa das principais referências para o conteúdo do livro, deveria sugerir aos leitores o caráter polêmico e ousado da obra. *Mundo, diabo e carne* (1923), *Mulheres do próximo* (1923), *Os devassos* (1924), *A cidade do vício e da graça*

<sup>88</sup> HALLEWELL, *op.cit.*, p.265.

<sup>89</sup> Ibid, p.265.

<sup>90</sup> EIRAS, Francisco. *Os cadetes*. Rio de Janeiro: Benjamim Costallat & Miccolis, p.10.

<sup>91</sup> Carta de Benjamim Costallat a Rui Ribeiro Couto. Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa.

(*vagabundagem pelo Rio noturno*) (1924), *Nossos grandes em ceroulas* (1924), *Um crime no Rio de Janeiro* (1925), *A virgem nua* (1925), *No país da volúpia* (s/a): eis alguns títulos publicados pela editora.

A escolha do título, dessa forma, correspondia a uma das principais preocupações de Costallat e José Miccolis. Os editores chegaram a intervir junto aos autores nesta escolha, rejeitando propostas e dando sugestões. Em carta a Rui Ribeiro Couto, por exemplo, aprovando as provas que este lhe entregara, Costallat opina sobre o título do novo livro. Primeiramente, rejeita o proposto pelo autor, “Guanabara do vício e da graça”, uma vez que, segundo ele, “nem todo o Brasil sabe o que seja Guanabara” e, com esse título, o livro seria “um mistério na prateleira dos livreiros”. Costallat afirma, então, preferir “A cidade inocente e pecadora”. Finalmente, a carta datilografada possui a caneta um último comentário do editor: “Não será melhor o título ‘A cidade do vício e da graça’?”.<sup>92</sup> Meses depois, chegou às livrarias brasileiras o novo livro de Ribeiro Couto: *A cidade do vício e da graça (vagabundagem pelo Rio noturno)*.

Ao publicar obras de caráter ousado e sensacionalista, a Benjamim Costallat & Miccolis envolveu-se em diversas polêmicas. Seus proprietários responderam a processos judiciais pela publicação de romances considerados ofensivos à moral e aos bons costumes, como *Mademoiselle Cinema*, de autoria do próprio Costallat, e *Os Devassos*, de Romeu de Avelar. Outra polêmica envolveu a publicação do romance *Mme Cosmópolis*, de Oswald Beresford, cujos exemplares impressos foram comprados e destruídos pelo pai do romancista, levando ao suicídio do autor num táxi na cidade do Rio de Janeiro em 1924.

A publicação de autores nacionais conhecidos do grande público – em geral por sua polêmica atuação na imprensa como cronistas – e de obras sobre o submundo da moderna capital brasileira, escritas em sua maioria na linguagem ágil das crônicas jornalísticas, nos sugerem a preocupação de Costallat em atingir um público leitor amplo, que se estabelecia na cidade do Rio de Janeiro naquele período, ávido por uma leitura mais leve e barata.

A Costallat & Miccolis, porém, como pode ser visto a partir do levantamento de sua produção editorial, não publicou apenas os chamados “livros de sensação”. A empresa investiu também na edição de crônicas políticas, manuais de língua estrangeira, livros jurídicos e obras infantis. Também foram publicados pela editora números mensais da

<sup>92</sup> Carta enviada por Benjamim Costallat a Rui Ribeiro Couto. Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa.



Revista da Academia Brasileira de Letras, então presidida por Medeiros e Albuquerque; e obras sobre o sertão brasileiro assinadas pelo acadêmico Gustavo Barroso, como *Alma Sertaneja*, em 1923, e *Tição do Inferno*, em 1926. Com isso, Costallat objetivava atingir diversos setores letrados da sociedade carioca, alargando seu público leitor.

### **Ilustradas e coloridas brochuras: o tratamento gráfico**

Além de autores polêmicos e enredos sensacionais, uma das mais importantes características das edições Costallat & Miccolis foi o cuidadoso tratamento gráfico a elas dispensado. Na crônica *Um animador do livro*, Costallat manifestava esta preocupação:

[...] a edição é a indumentária do livro, a sua *toilette*. Saber vestir um livro com um bom gosto exato, em perfeita harmonia com a sua natureza, é tão difícil quanto bem vestir uma mulher. O tipo, o papel, a capa, a margem, o número de linhas por página...<sup>93</sup>

A preocupação com o projeto gráfico é visível no tratamento dispensado às publicações pelos editores que, entre outros, privilegiaram livros com o formato em torno de 13,5 x 19,0 centímetros; e empregaram amplas margens e entrelinhas, além de cercaduras e diversos tipos de fios, a fim de distribuir de forma mais agradável o texto na página.

Outra importante estratégia adotada por Costallat e Miccolis foi o uso intenso da imagem que, como destaca Andrea Portolomeos, tornava a leitura mais leve, atraindo os mais diversos leitores.<sup>94</sup> Também neste sentido o uso de cores mostrava-se fundamental no processo de edição. Geralmente, as capas eram impressas em duas cores, embora algumas apresentassem uma impressão em quatro cores, o que, segundo Rafael Cardoso, consistia num “projeto original, sofisticado e bastante moderno para os padrões da época”<sup>95</sup>.

<sup>93</sup> COSTALLAT, Benjamim. “Um animador dos livros”. In.: *O.K. crônicas*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1928, p.100. Acervo Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

<sup>94</sup> PORTOLOMEOS, Andrea. *A crônica de Benjamim Costallat e a aceleração da vida moderna*. 2005. Tese. Universidade Federal Fluminense-UFF, Rio de Janeiro.

<sup>95</sup> CARDOSO, *op.cit.*, p. 188.

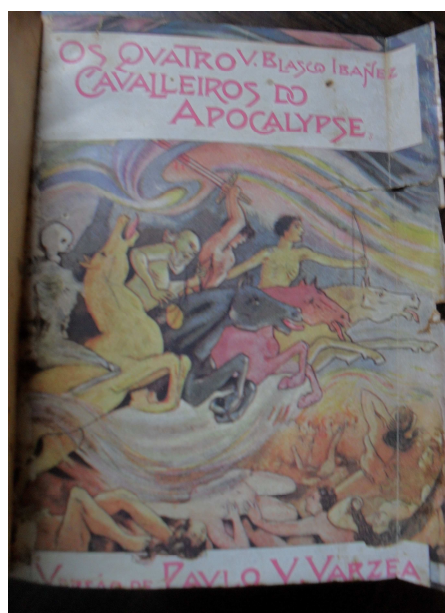
**Figura 1**



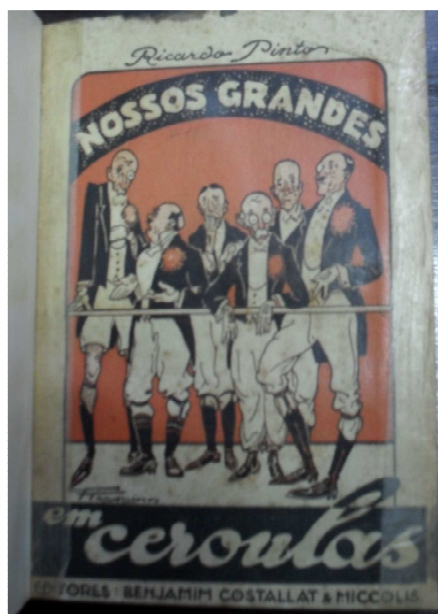
**Figura 2**



**Figura 3**



**Figura 4**



Acima, capas de *A intriga entre o Brasil e a Argentina*, de Carlos Maul (Figura 1); *Luvas e punhais*, de Gastão Penalva (Figura 2); *Os quatro cavaleiros do apocalipse*, de Blasco Ibañez (Figura 3); *Nossos grandes em ceroulas*, de Ricardo Pinto (Figura 4). Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

A importância das ilustrações pode ser confirmada pelo destaque a elas conferido pelos reclames das obras, que ostentavam também o nome dos artistas responsáveis pela arte, em geral conhecido do grande público. Ilustraram as publicações da Costallat & Miccolis

famosos caricaturistas e importantes artistas plásticos brasileiros, como Di Cavalcanti, Cornélio Penna, Jefferson, J. Carlos, Luiz e Tarquino.

Muitos destes capistas tinham, assim como a maioria dos autores publicados pela editora, experiência na imprensa brasileira, atuando como caricaturistas e ilustradores em revistas e jornais. Di Cavalcanti, conhecido por sua atuação na Semana de Arte Moderna, iniciara sua carreira e formara-se como artista por meio da imprensa. Segundo Simioni, a trajetória do artista plástico diferia-se da trajetória de outros nomes importantes da vanguarda paulista, como Tarsila do Amaral, Rego Monteiro e Anita Malfatti. De uma família de classe média, apesar de uma educação voltada para as artes e dos contatos mantidos por sua família com importantes literatos do período, Di Cavalcanti não teve condições econômicas de realizar cursos e viagens ao exterior. Atuando na imprensa graças a indicações de amigos da família, contou com uma formação diferenciada, marcada pelo desenho e pelos contatos com escritores-jornalistas.<sup>96</sup>

O caricaturista Jefferson, famoso por sua atuação nas revistas ilustradas da época, teve um papel importante na Benjamim Costallat & Miccolis, ocupando o cargo de diretor artístico por dois anos, entre 1924 e 1926. Teve, então, como sublinha Herman Lima, ocasião de desenhar diversas capas, sempre bastante sugestivas. Entre as obras ilustradas por Jefferson, destacam-se: *Diabo a Quatro*, de Terra de Sena; *Psicologia das Atitudes*, de Paulo Magalhães; *Um Crime no Rio de Janeiro*, de Mauro de Almeida; *O assassinato do general*, de Medeiros e Albuquerque; *Asas e Patas*, de Paulo Silveira; e *Histórias de Bonecos*, de Benjamim Costallat.

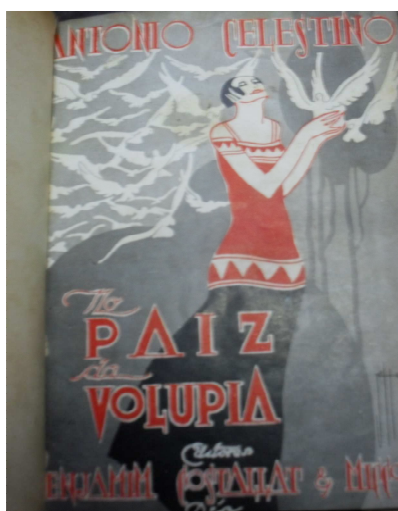
### Figura 5

---

<sup>96</sup> SIMIONI, *op.cit.*, p.20.



**Figura 6**



Acima, capas de *Um crime no Rio de Janeiro* (Figura 5) e de *No país da volúpia* (Figura 6), ilustradas por Jefferson. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

Os livros editados pela Benjamin Costallat & Miccolis caracterizavam-se também pela encadernação em brochura, que barateava o preço das publicações. O valor das obras variava de 4\$000 a 10\$000, sendo a maioria vendida por 6\$000.

No que diz respeito à quantidade de páginas, a maior parte das obras possuía entre 220 e 300 páginas. Em carta enviada a Rui Ribeiro Couto sobre os originais que este lhe enviara, Costallat solicita ao autor mais páginas e explica:

Meu caro Couto  
O teu livro é pequeno: dá no máximo 150 páginas.

Resolvemos dar livros de 224 páginas no mínimo.  
 Não podemos vender livros de 6\$000, com mais páginas em branco, do que texto.

Peço de tua gentileza acrescentar pelo menos mais umas trinta páginas datilografadas ao livro e mandá-las o quanto antes.<sup>97</sup>

Apesar de *A cidade do vício e da graça* ter saído com 191 páginas, a maioria dos livros da editora foi publicada, de fato, com mais de 220 páginas. *Política em torno de uma cadeira*, por exemplo, contou com 230 páginas; *Cidade Mulher*, com 234; *No país da volúpia*, com 248; *Almas em desordem* foi impressa com 249; *Um crime no Rio de Janeiro*, 262; *Nossos grandes em Ceroulas*, 291; *Luvás e Punhaes*, 299. No entanto, houve obras menores, como *Geografia Política de São Paulo e Minas Gerais*, de Assis Cintra, e *A intriga entre o Brasil e a Argentina*, de Carlos Maul, publicadas, respectivamente, com 116 e 95 páginas. Não por outro motivo estes livros eram vendidos a 4\$000 e 5\$000.

Hamilton Barata, em artigo já citado do *Jornal do Povo*, ao discorrer sobre o polêmico romance *Mademoiselle Cinema*, mencionou outra importante característica das edições da Benjamim Costallat & Miccolis: o tratamento diferenciado dispensado às diversas edições a fim de tornar as novas tiragens sempre atraentes.

Tive depois nas minhas mãos exemplares das outras tiragens. O formato, a capa, o papel, o tipo de cada uma delas são totalmente diversos dos das outras. A Terceira Edição tem vinhetas e ilustrações, coisas que as outras não têm. A Quarta Edição, que já está esgotada, traz em vermelho, o retrato de um grande moralista contemporâneo. Já está sendo anunciada a Quinta Edição de “Mademoiselle Cinema”.<sup>98</sup>

O tratamento editorial variou também de obra para obra. O número de páginas, o suporte material, a enunciação gráfica, o uso de ilustrações foram alguns dos aspectos que variaram de acordo com as expectativas do editor em relação ao público almejado. Ainda neste capítulo tentaremos descrever a organização gráfica de alguns livros publicados pela Costallat & Miccolis, destacando as semelhanças e diferenças entre eles no que diz respeito a alguns dos aspectos acima destacados e às estratégias de divulgação adotadas pelos editores.

### **“Por todo o Brasil”: as estratégias de divulgação**

Benjamim Costallat e José Miccolis utilizaram todos os recursos possíveis para ampliar a venda de suas edições. Inúmeras estratégias publicitárias foram adotadas. Atuando na imprensa, Costallat soube utilizar este meio de comunicação de grande alcance para

<sup>97</sup> Carta de Benjamim Costallat a Rui Ribeiro Couto. Acervo Fundação Casa de Rui Barbosa.

<sup>98</sup> BARATA, *op.cit.*

divulgar as obras. Em jornais de grande circulação, divulgou a quantidade de milheiros vendidos e estimulou a polêmica em torno dos livros a partir da publicação de artigos que destacavam, em geral, o teor sensacionalista que se desejava conferir à obra.

Estas estratégias foram utilizadas notadamente - embora não exclusivamente - para a divulgação de obras assinadas pelo próprio Costallat. Poucos dias antes da publicação do livro de crônicas *Mistérios do Rio*, *A Gazeta de São Paulo* publicou uma entrevista com o escritor que, ao apresentar seu futuro trabalho - conjunto de crônicas no qual se encontrariam narrativas sobre a vida noturna, os crimes, a prostituição e a difusão de vícios entre figuras ilustres da alta sociedade carioca -, preocupou-se em afirmar a veracidade dos escandalosos casos retratados. O autor também destacava o caráter popular da obra, afirmando não ter por objetivo “fazer obra erudita [pois] o povo não gosta disso”.<sup>99</sup>

Os próprios livros também eram utilizados para divulgar a produção da editora, tendo páginas dedicadas ao reclame das obras. Em geral, eram listados, com breves descrições, os livros “à venda” ou “no prelo”. A quarta capa das brochuras também apresentava, muitas vezes, em letras coloridas, informações sobre as “últimas novidades” e os livros que estavam “no prelo” e “por vir”.

Algumas obras, sobretudo “lançamentos” e “edições comemorativas”, recebiam um tratamento especial, sendo dedicadas uma ou mais páginas à sua promoção. Ao final da segunda edição de *Modernos*, por exemplo, uma página era dedicada à divulgação da obra *Ban-Ban-Ban!*, de Orestes Barbosa. Entre fios e paralelas, o texto escrito em letras caudatas perguntava e informava aos leitores: “Já leram? Ban-Ban-Ban, de Orestes Barbosa. Pois bem: Ban-ban-ban já saiu! Façam seus pedidos a Benjamim Costallat & Miccolis”<sup>100</sup>.

---

<sup>99</sup> Os *Mysterios do Rio*: é esse o título do novo sensacional livro de Benjamim Costallat. *A Gazeta de São Paulo*, São Paulo, 14/03/1924. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional-Brasil.

<sup>100</sup> COSTALLAT, Benjamim. *Modernos*. 2 ed. Rio de Janeiro: Benjamim Costallat & Miccolis, 1923, s/p. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

Figura 7

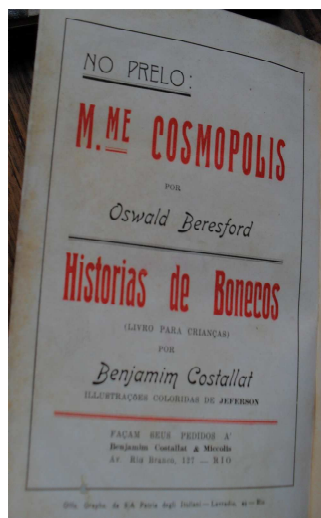


Figura 8

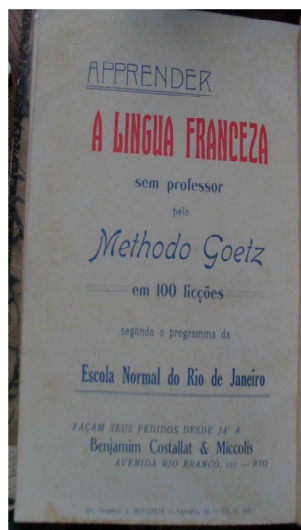


Figura 9



Figura 10



Figura 11

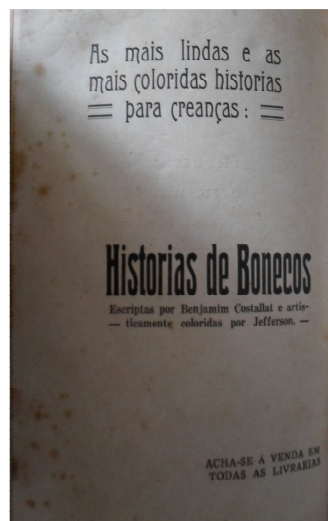


Figura 12





Figura 13

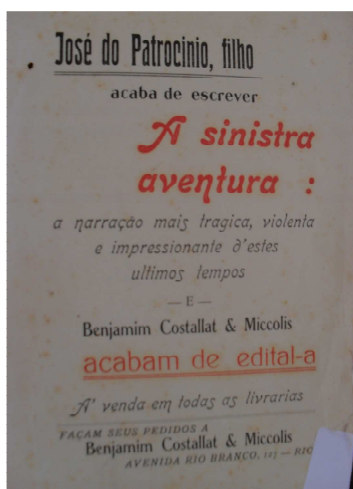


Figura 14

Acima, reprodução de reclames encontrados em páginas das edições Benjamim Costallat & Miccolis. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

Os reclames variavam de acordo com o tipo de obra anunciada, mas é possível identificar alguns aspectos geralmente exaltados: o caráter ousado da narrativa; a popularidade e o caráter polêmico do autor (e, em alguns casos, a autoridade do escritor sobre o assunto do livro); a presença de ilustrações e o nome do artista responsável; além dos milhares vendidos e da edição em que se encontrava a obra.

*Ban-Ban-Ban!*, de Orestes Barbosa, correspondia, segundo os editores, a um “interessantíssimo flagrante dos costumes do ‘bas fond’ carioca”, sendo um “livro de escândalo”<sup>101</sup>. *Annita e Plomark*, assinado pelo polêmico Theo Filho e por Robert de Bedarieux, era um “sensacional romance cosmopolita de aventuras emocionantes” que, “feito de colaboração por um conhecido escritor francês e um consagrado romancista brasileiro”, narra “a vida do ‘grand monde’ descrita em todos os seus detalhes de luxo e torpezas”, a “vida dos aventureiros internacionais”<sup>102</sup>. *Sarjeta*, de Ary Pavão, era descrito como “romance de escândalo e sensação”<sup>103</sup>. Por sua vez, o anúncio de lançamento do livro *Mundo, Diabo e Carne*, de Patrocínio Filho, afirmava que o leitor encontraria na obra “o jogo, a politicagem e

<sup>101</sup> Idem. *Mademoiselle Cinema*. Rio de Janeiro: Benjamim Costallat & Miccolis, 1923, s/p. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

<sup>102</sup> Idem. *Modernos*. 2 ed. Rio de Janeiro: Benjamim Costallat & Miccolis, 1923, s/p. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

<sup>103</sup> SILVEIRA, Paulo. *Asas e patas*. Rio de Janeiro: Benjamim Costallat & Miccolis, 1926, s/p.

a pirataria nos seus aspectos mais emocionantes”.<sup>104</sup> *A Virgem Nua*, de Hermes Jurema, era um “romance sensacional de imprevistos – história de paixão e de ardor, de amor e dor, arrojada e severa; obra de verdade e de emoções”<sup>105</sup>. *A Sinistra Aventura*, de Patrocínio Filho, era anunciada como a “narração mais trágica, violenta e impressionante destes últimos tempos” e o reclame destacava, em sublinhado, que “Benjamim Costallat & Miccolis acabam de editá-la”<sup>106</sup>.

A divulgação de *A Medicina para todos*, por sua vez, destacava que era assinada pelo “eminente e popularíssimo clinico Nicolau Ciancio”. Além da autoridade e popularidade do autor, anunciava-se que o livro continha “as últimas conquistas científicas em todo o campo da Medicina, especialmente em relação ao aparelho digestivo e ao circulatório”, tratando “cuidadosamente do Diabete e da Sífilis”. A linguagem acessível do texto também era enfatizada: o anúncio afirmava ter Ciancio reunido e exposto “todas as novidades relativas a estas últimas doenças (...) de modo singular, acessível ao público”.<sup>107</sup>

A divulgação de *Jornal de Sherlock Holmes*, anunciado no prelo, destacava tanto o caráter polêmico do texto quanto a autoridade do autor no assunto. A obra era descrita como “um livro empolgantíssimo da vida real, através de personagens do crime, por Mario José de Almeida, diplomado em polícia científica”<sup>108</sup>.

O reclame da obra *Há dez mil anos*, de Enéas Lintz, previa a polêmica que o texto geraria.

Neste livro o autor descreve a maravilhosa transformação por que passou o mundo há 1 milhão de anos. Revela gestos e fatos impressionantíssimos e abre as portas à discussão que será violenta, porque o autor com suas teorias dá um golpe de morte a tantas crenças e aos muitos feiticismos.<sup>109</sup>

*Alma sertaneja*, de Gustavo Barroso, tinha dois aspectos sublinhados: o caráter trágico dos contos que compunham a obra (“contos trágicos e sentimentais do sertão”) e a

<sup>104</sup> COSTALLAT, Benjamim. *Modernos*. 2 ed. Rio de Janeiro: Benjamim Costallat & Miccolis, 1923, s/p. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

<sup>105</sup> ALMEIDA, Mauro de. *Um crime no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Benjamim Costallat & Miccolis, 1925, s/p. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

<sup>106</sup> BÉDARIEUX, Robert & FILHO, Theo. *Annita e Plomark*, aventureiros. Rio de Janeiro: Benjamim Costallat & Miccolis, 1923.

<sup>107</sup> MAUL, Carlos. *A intriga entre o Brasil e a Argentina*. Rio de Janeiro: Benjamim Costallat & Miccolis, 1923, s/p. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

<sup>108</sup> GUASTINI, Mario. *Política em torno de uma cadeira*. Rio de Janeiro: Benjamim Costallat & Miccolis, 1924, s/p. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

<sup>109</sup> ALBUQUERQUE, Medeiros e. *O assassinato do general*. Rio de Janeiro: Benjamim Costallat & Miccolis, 1926, s/p.

autoridade do escritor (“de Gustavo Barroso, da Academia Brasileira”).<sup>110</sup> O pertencimento de Gustavo Barroso à Academia era informado também na capa do livro.

A presença de ilustrações era outro aspecto bastante valorizado na divulgação das obras. O anúncio da terceira edição de *Melle. Cinema* enfatizava: “Com todos os seus capítulos ilustrados por Tarquino”<sup>111</sup>. Já a segunda edição de *Modernos*, também de autoria de Costallat, era descrita como “Edição de luxo toda ilustrada do Di Cavalcanti (Décimo Milheiro)”<sup>112</sup>. A divulgação de *Feira livre*, de Mendes Fradique, além de destacar que era o “livro mais humorístico aparecido até hoje na literatura brasileira”, anunciava a presença de “mais de 100 ilustrações”.<sup>113</sup>

No caso de *Os quatro cavaleiros do apocalipse*, de Blasco Ibanez, a divulgação destacava ainda o direito adquirido pelos editores para a publicação do livro. Segundo os reclames publicados enquanto a obra ainda se encontrava no prelo, Costallat e Miccolis eram os “únicos possuidores dos direitos autorais” do “mais forte e mais belo romance de (...) Vicente Blasco Ibanez”. Estas informações eram repetidas no interior do livro, que reproduziu ainda uma carta assinada pelo escritor espanhol, permitindo a Paulo Várzea traduzir seu romance para o português. Como na divulgação de outras obras, a figura do autor também era aqui exaltada: Blasco Ibanez era descrito como “o maior escritor da Espanha contemporânea”. O reclame afirmava ainda que “o seu valor [do livro] é tal e os seus personagens e cenários tão naturais e humanos que, como ‘Sangue e Areia’, do mesmo glorioso autor, já foi plenamente vulgarizado pelos comoventes e vivíssimos *films* do cinematógrafo”.<sup>114</sup>

Outro aspecto destacado nos reclames dizia respeito à facilidade na distribuição que, não se limitando à capital brasileira, atingia todas as regiões do país. Aos interessados bastava solicitar os livros diretamente pelo correio, através dos endereços fornecidos. Os editores também adotaram a estratégia de entrarem em contato com comerciantes de diversas regiões do país, oferecendo seus livros. Essa atuação permitiu que as edições da Benjamim Costallat & Miccolis ultrapassassem os limites da capital e chegassem a outras cidades e

<sup>110</sup> MACHADO, Rodolpho. *O divino inferno*. Rio de Janeiro: Benjamim Costallat & Miccolis, 1924, s/p.

<sup>111</sup> PENALVA, Gastão. *Luas e punhais*. Rio de Janeiro: Benjamim Costallat & Miccolis, 1924, s/p. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

<sup>112</sup> EIRAS, *op.cit.*, s/p.

<sup>113</sup> BARBOSA, Orestes. *Ban-Ban-ban!* Rio de Janeiro: Benjamim Costallat & Miccolis, 1923, s/p.

<sup>114</sup> ALMEIDA, *op.cit.*, s/p.

estados, o que nos sugerem reportagens e críticas literárias sobre algumas destas obras publicadas em periódicos de Minas Gerais, São Paulo, Pernambuco e Paraíba. O mineiro *Diário do Sul*, por exemplo, publicou um artigo sobre o polêmico romance *Mademoiselle Cinema* que, ao pôr “em relevo flagrante o estado de dissolução da sociedade contemporânea”, poderia “servir de guia para uma campanha moralizadora”.<sup>115</sup> A preocupação dos editores em levar seus livros às diversas regiões brasileiras é visível no próprio símbolo da empresa que trazia a inscrição “Por todo o Brasil”.

**Figura 15**

**Figura 16**



Acima, o símbolo da editora Benjamin Costallat & Miccolis: cruzeiro do sul com a inscrição “Por todo o Brasil”. Na segunda edição de *Modernos*, o símbolo foi impresso na cor vermelha, utilizada na impressão do livro. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

### ***Mademoiselle Cinema, Histórias de bonecos e Aspectos de um ideal jurídico: breves considerações sobre o tratamento editorial destas obras***

#### *Mademoiselle Cinema*

*Mademoiselle Cinema*, primeiro romance de Benjamin Costallat, publicado em 1923, foi a obra de maior sucesso de sua editora. Em três anos, o livro atingiu, na quinta edição, a cifra então surpreendente de sessenta mil exemplares. Foi o principal exemplo dos romances de sensação que marcaram a produção editorial da Costallat & Miccolis.

<sup>115</sup> Um livro malsinado. *O Diário do Sul*, Minas Gerais, 23 de setembro de 1924. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

Poucos meses após sua publicação, o romance foi apreendido das livrarias da cidade por determinação do promotor Gomes de Paiva em atendimento a pedido da Liga pela Moralidade, que acusava a história de pornográfica e prejudicial à moral da família brasileira. A apreensão, noticiada exaustivamente pela imprensa carioca, suscitou profundas discussões em torno do caráter obsceno do romance.

O escritor defendeu exaustivamente sua *Rosalina*. Argumentava que, apesar de meios distintos, possuía os mesmos objetivos da Liga: salvar a moral e os bons costumes da família brasileira. Desejava dissecar a sociedade para mostrar-lhe seus males e vícios. Encontramos este argumento já no prefácio da primeira edição do romance. Prevendo a resistência que sua *garçonne* encontraria, Costallat afirmava sua intenção de “apontar as coisas como são e não como parecem ser” e concluía: “se a pornografia é transformar um livro num chicote e chicotear com ele os costumes de uma sociedade inteira [...] – sejamos pornográficos, eu quero ser pornográfico e viva a pornografia!”<sup>116</sup>.

Além do enredo sensacional, o estilo literário de *Mademoiselle Cinema* também gerou bastante polêmica. No romance, o autor adotou uma linguagem marcada por frases curtas e diretas e por vocábulos estrangeiros, notadamente franceses e norte-americanos, em consonância com o ritmo frenético de vida e com o linguajar cosmopolita da sociedade carioca moderna. Tratava-se, segundo Alessandra El Far, de uma linguagem cinematográfica, cujo objetivo consistia em tornar a leitura agradável a uma ampla gama de leitores.

Mademoiselle Cinema trazia uma escrita diferente, ligeira, [...], que deu à literatura carioca o que os livreiros desde o final do Oitocentos buscavam: um caráter despropositado, passageiro, em outras palavras, um entretenimento de fácil leitura e compreensão. O intuito do autor de igualar seu texto à linguagem dos cinematógrafos reforçava ainda mais o propósito de retirar da palavra impressa qualquer requinte intelectual para fazer dela uma simples diversão.<sup>117</sup>

Anunciada pelo autor como a versão brasileira do famoso *La Garçonne*, de Victor Marguerite, *Mademoiselle Cinema* recebeu um cuidadoso tratamento gráfico por parte de seus editores. A presença de ilustrações marcou as cinco edições da Benjamim Costallat & Miccolis, que contaram com sugestivas capas marcadas pela sensualidade que se desejava atribuir ao livro. Na primeira edição, a imagem de uma mulher seminua, em posição sensual,

<sup>116</sup> COSTALLAT, op.cit, p.30.

<sup>117</sup> EL FAR, op.cit., p.299.

com o corpo levemente inclinado para a frente, os braços abertos e a cabeça jogada para trás, dominava a capa. O desenho, assinado pelo Barão de Puthkamer, foi reproduzido em outras edições, como a segunda e a quarta. As capas do romance foram assinadas por importantes nomes da ilustração brasileira. As terceira e quinta edições, por exemplo, foram ilustradas, respectivamente, por Tarquino e J.Carlos e, em ambas, acompanhavam o texto pequenas vinhetas, coloridas e a traço, representando momentos marcantes da narrativa.

O texto era disposto de forma a tornar agradável e rápida a leitura: amplas margens e espaços entre parágrafos, além do uso de traços e fios reduziam a quantidade de palavra por página. As edições contaram com aproximadamente vinte e três linhas por página. É importante destacar, porém, que, da primeira à quinta edição houve uma redução neste número: enquanto a primeira tiragem do romance tinha vinte e quatro linhas por página; a quinta foi impressa com vinte e duas. No que diz respeito ao suporte material, as edições de *Mademoiselle Cinema* foram encadernadas em brochura, o que permitia colocá-las à venda por um preço mais baixo. O valor do livro variou de 5 a 7 mil-réis.

Além disso, como já foi destacado, Benjamim Costallat e José Miccolis preocuparam-se em dispensar tratamentos diferenciados a cada nova edição com o objetivo de torná-las sempre atraentes ao público leitor. A quinta edição de *Mademoiselle Cinema*, correspondente ao sexagésimo milheiro e publicada em 1926, contou com um cuidadoso tratamento editorial. Além da capa ilustrada, acompanhavam o texto as já mencionadas pequenas vinhetas assinadas por J. Carlos. Eram, em 226 páginas, vinte e duas imagens intimamente vinculadas ao texto. A maioria dos desenhos representava cenas insinuantes e sensuais da narrativa, como o polêmico banho de Rosalina, os encontros da adolescente com Fleta e as atitudes despudoradas das parisienses. Outros momentos importantes foram ilustrados por J.Carlos, como a ligação recebida por Rosalina, informando-lhe a morte do pai.

A polêmica gerada pelo romance, que resultara em sua apreensão, foi amplamente explorada na nova edição. A notícia da absolvição, publicada pelo *Jornal do Comércio*, era reproduzida logo no início do livro, antes do prefácio. Ao final, numa seção intitulada “Melle Cinema - o que se escreveu sobre a sua apreensão”, o leitor encontrava outros artigos e reportagens publicadas na imprensa sobre as acusações da Liga pela Moralidade. A reprodução destes textos enfatizava a polêmica gerada pela obra e contribuía para aguçar ainda mais a curiosidade do leitor.

Também se reproduziu o prefácio da primeira edição, no qual Costallat defendia-se das acusações de pornográfico que lhe eram dirigidas. Antecedia o prefácio um breve e irônico comentário do autor, destacando o sucesso do romance que lhe teria possibilitado “fumar um bom charuto Havana dentro de magnífico automóvel de chapa amarela” a despeito da perseguição empreendida por “meia dúzia de imbecis e de invejosos”, “autores de obras primas que ninguém leu”, que não conseguiam “atravessar a Avenida Central conhecidos de alguém”<sup>118</sup>.

Costallat soube, aliás, aproveitar a polêmica gerada em torno do caráter pornográfico de sua *Rosalina* para aguçar a curiosidade do público e aumentar ainda mais as vendas do livro. A divulgação de *Mademoiselle Cinema* enfatizou, sobretudo, o caráter sensacionalista do livro, descrito nos reclames como “livro de costumes da alta sociedade carioca”, “gênero de ‘La Garçonne’”, “novela de costumes do momento que passa”. Nos principais jornais cariocas, importantes veículos de promoção do romance, foram publicados os milheiros atingidos pela obra, além de polêmicos artigos sobre seu caráter pornográfico.

Em agosto de 1923, o escritor assinou um artigo no *Jornal do Brasil*, intitulado *Immoralidades*, em que reclamava da campanha que algumas senhoras da sociedade estariam levando adiante para combater a imoralidade reinante em seus livros, inclusive *Mademoiselle Cinema*, ainda no prelo. No artigo, Costallat reiterava o caráter moralizante de seu romance e criticava a hipocrisia reinante na alta sociedade carioca. Dias depois, *O Imparcial* publicou um artigo, intitulado *Imoralidades – Resposta ao Sr. Benjamim Costallat*, no qual Carvalho se revoltava com a afirmação, feita pelo escritor de *Melle. Cinema*, de possuir os mesmos fins que as senhoras cariocas. Carvalho declarava ainda serem os maus livros os causadores da decadência dos costumes e incitava Costallat a moralizar seus escritos antes para então esperar a respeitabilidade das senhoras da sociedade. A polêmica não cessou por aí. O autor de *Mademoiselle Cinema* publicou, poucos dias depois, um novo artigo em que afirmava ter recebido uma carta de uma senhora confessando ser a verdadeira autora dos artigos contra ele. O escritor reafirmava ainda a sua intenção de sanear a moral brasileira a partir do relato de seus terríveis casos. É atribuída a Costallat a assinatura de todos estes artigos.

---

<sup>118</sup> COSTALLAT, Benjamim. *Mademoiselle Cinema*. 5 ed. Rio de Janeiro: Benjamim Costallat & Miccolis, 1926, p.13.

Foi tal a repercussão de *Mademoiselle Cinema* que, anos depois, a Benjamim Costallat & Miccolis publicou a continuação do romance, *Os maridas (O marido de Melle.Cinema)*. No novo livro, eram narradas as aventuras de Rosalina após seu casamento com o almofadinho Albertinho Freitas. Num casamento sem amor, a melindrosa mantinha, com a convivência do marido, um caso amoroso com um político da República. É interessante notar que, na divulgação e apresentação da nova obra, Costallat continuou explorando a polêmica gerada anos antes pela apreensão e pelo julgamento de *Mademoiselle Cinema*. O livro é dedicado, em suas primeiras páginas, a Paulo Azevedo, proprietário da Livraria Alves. Além de destacar a importância do livreiro - que acolhera e divulgara suas primeiras obras - para sua carreira literária, Costallat agradece a posição da Livraria Alves que, no momento da apreensão de *Mademoiselle Cinema*, foi a única a conservar “à venda e bem à mostra” o polêmico romance. Paulo Azevedo também participara do julgamento da obra, defendendo Benjamim Costallat das acusações que lhe eram dirigidas.<sup>119</sup>

*Os Maridas*, como muitas outras obras, recebeu um tratamento editorial semelhante ao dispensado a *Mademoiselle Cinema*. A maioria dos “livros de sensação” publicada pela casa, por exemplo, foi impressa no formato aproximado de 13,5 x 19 cm. E, seguindo a orientação de Costallat, possuía entre 220 e 300 páginas, com aproximadamente 23 linhas cada.

No que diz respeito à presença de ilustrações, todos estes “livros de sensação” contaram com capas assinadas por importantes caricaturistas e artistas plásticos. Estas capas, em geral, apresentavam um sugestivo desenho relacionado ao tema do livro. Muitas obras contaram também com ilustrações em seu interior. *Cidade Mulher*, livro de crônicas de Álvaro Moreyra, trazia, em sua folha de rosto, uma caricatura assinada por J. Carlos. *Ba-ta-clan*, cuja capa foi assinada por Luis, apresentava ao longo do texto diversas ilustrações também de J.Carlos.

A segunda edição de *Modernos*, referente ao décimo milheiro, também foi publicada com ilustrações de Di Cavalcanti. A ilustração foi amplamente divulgada pela editora. O artista assinava não só a capa, mas também a primeira página de cada um dos cinco contos que compunham o livro: *Modernos*, *Primavera*, *Verão*, *Inverno* e *Os cravos*

---

<sup>119</sup> COSTALLAT, Benjamim. *Os maridas (o marido de Mademoiselle Cinema)*. Rio de Janeiro: Benjamim Costallat & Miccolis, 1926, s/p.



*vermelhos*. As ilustrações que antecediam os contos foram marcadas pelo contraste entre o branco da página e o negro e pela presença de figuras femininas. Mulheres nuas e seminuas dominavam o centro de todas as cenas. Em algumas, também ganhavam destaque motivos florais e linhas sinuosas, características que, segundo Simioni, eram comuns ao desenho de Di Cavalcanti.<sup>120</sup> A edição também apresentava, em suas primeiras páginas, o sugestivo *ex libris* de Benjamim Costallat: uma mulher nua entre as páginas de um livro. Ao final da segunda edição, numa seção intitulada “A opinião da imprensa. O que se disse sobre a primeira edição de *Modernos...*”, foram reproduzidas elogiosas críticas publicadas em periódicos, como a *Gazeta de Notícias*, *O Imparcial* e *A Notícia*.

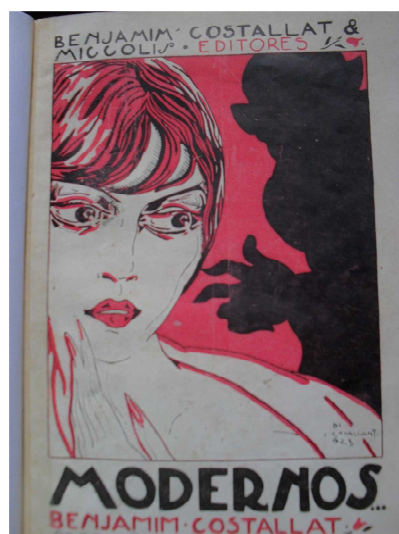
Em comparação à primeira edição, publicada em 1920 por N. Viggiani, não são identificadas significativas diferenças, o que nos mostra que Benjamim Costallat seguia em seus livros um padrão gráfico adotado por outros editores do período. A primeira edição também contou com uma colorida ilustração de Chin, na qual se destacava a figura de uma mulher nua; o uso de fios e traços também foi comum no interior do livro, separando seus diversos contos; e, ao final, foram reproduzidos artigos e críticas sobre a obra anterior do escritor, *A luz vermelha*. A seção, intitulada “O que se disse de Benjamim Costallat e da Luz Vermelha”, reuniu onze textos de importantes nomes da literatura brasileira, como José Oiticica, Carlos Rubens e Castro e Silva, publicados em periódicos de grande alcance do período.

### Figura 17

Capa da primeira edição de *Modernos*, de Benjamim Costallat, publicada por N. Viggiani. Acervo Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

<sup>120</sup>

SIMIONI, *op.cit.*, p.110.

**Figura 18**

Capa da segunda edição de Modernos, de Benjamin Costallat, publicada pela Benjamin Costallat & Miccolis. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

**Figura 19****Figura 20****Figura 21**

**Figura 22****Figura 23**

Ilustrações de Di Cavalcanti encontradas na primeira página de cada um dos cinco contos da segunda edição de *Modernos*. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

Em alguns livros, as cores da capa eram mantidas em seu interior, notadamente nas vinhetas que acompanhavam o texto e nas páginas dedicadas à divulgação de publicações da editora foram impressas a cores. Ao final do livro *No país da volúpia*, por exemplo, era anunciado como no prelo *Mme Cosmópolis*, de Oswald Beresford. Na página, o título do livro era impresso na cor vermelha. A quarta capa de muitas brochuras, com propagandas da produção da editora, também era impressa em cores. É o caso de *Mundo, diabo e carne* que, em sua quarta capa, anunciava, nas cores vermelha e azul, o romance *Mademoiselle Cinema*.

Deve-se ainda ser sublinhado outro aspecto comum à divulgação e apresentação de muitos destes livros de sensação: a ênfase na veracidade das narrativas. Obras diversas, como *Quinze dias nas prisões do estado*, *Ban-ban-ban!*, *Cidade dos loucos* e *Mistérios do Rio*, eram descritas como “flagrantes”, “descrições detalhadas” e “livros [...] da vida real”. Também não se deve esquecer o principal argumento utilizado por Costallat na defesa de sua *Mademoiselle Cinema*: afirmava apenas descrever os hábitos e costumes de adolescentes da alta sociedade carioca e desafiava: “Aquele que nunca encontrou uma ‘melle. Cinema’ pelo seu caminho, que me atire a primeira pedra!...”

### *Histórias de bonecos*

Publicado em 1924, o livro infantil *Histórias de Bonecos*, escrito por Benjamim Costallat, merece atenção especial neste capítulo pelo cuidadoso tratamento gráfico que lhe foi dispensado, o que levou Herman Lima a descrevê-lo como “uma das mais belas contribuições à arte da ilustração de texto, entre nós”, tendo marcado “a renovação da literatura infantil em nosso país, sendo o primeiro no gênero lançado com tal perfeição gráfica”<sup>121</sup>.

O livro é composto por duas historietas: *Histórias de Bonecos* e *Mutt e Jeff*. Na primeira, que dá título ao livro, Costallat narra as dificuldades enfrentadas por Pierrot, um roto boneco de uma grande loja de brinquedos, que, após ser comprado e rapidamente jogado numa lixeira por uma rica família, descobre a felicidade e o amor numa simples casa de operário. Com isso, Costallat pedia a seus leitores que cuidassem bem de seus bonecos e afirmava-lhes que “a felicidade na vida não está nem na riqueza, nem no luxo, nem nos prazeres, e sim em ser querido, verdadeiramente querido por alguém...”<sup>122</sup>.

A segunda parte do livro, intitulada *Mutt e Jeff*, narrava a fuga dos dois personagens do cinema americano pela cidade do Rio de Janeiro. Cansados de repetirem nas telas as mesmas aventuras de sempre, Mutt e Jeff fogem das fitas e se aventuram por ruas e bairros da capital brasileira, passando pelo Castelo, pelo Pão de Açúcar, pela Praça do Mercado e pelo Largo do Machado. Após muitas confusões e dificuldades, os personagens decidem retornar ao cinema, “convencidos de que eles lá estavam melhor do que cá fora, e de que a gente deve sempre estar satisfeito com a própria sorte – mesmo sendo um simples boneco!...”<sup>123</sup>

No álbum infantil, cujo projeto artístico foi organizado por Jefferson, o uso de ilustrações e a impressão em cores desempenharam um papel fundamental para atrair os pequenos leitores. Todas as páginas do álbum apresentavam coloridas ilustrações que ocupavam mais da metade e, em determinados momentos, a página inteira. Eram bonecos coloridos, ursos gigantes, aviões, paisagens da cidade do Rio de Janeiro. A impressão em

---

<sup>121</sup> LIMA, Hermann. *História da caricatura no Brasil*. v.4. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1963, p.1387.

<sup>122</sup> COSTALLAT, Benjamim. *Histórias de bonecos*. Rio de Janeiro: Costallat & Miccolis, 1924, s.p. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

<sup>123</sup> *Ibidem*, s/p.

cinco cores, inédita na produção da Costallat & Miccolis, traduzia a preocupação dos editores em tornar a obra atraente às crianças.

O importante papel desempenhado pela ilustração pode ser percebido pela valorização do ilustrador na capa do livro. Abaixo do grande elefante que domina a imagem, há a seguinte informação: “Escritas por Benjamim Costallat. Coloridas por Jefferson”. O que nos chama a atenção é o fato de o nome do ilustrador receber o mesmo destaque dado ao autor: ambos foram impressos na cor vermelha e em formato maior aos dizeres que lhes antecedem. O destaque conferido ao ilustrador é exclusivo do álbum infantil. Em outras da editora, apesar da importância assumida pelas ilustrações, o artista responsável era geralmente identificado em letras bem menores às que identificavam o autor.

A intenção de Costallat era a criação de uma coleção destinada ao público infantil, o que nos sugere o colorido reclame publicado ao final do livro, prometendo para “brevemente edições infantis de Benjamim Costallat & Miccolis”, “as mais lindas e as mais coloridas histórias para crianças”<sup>124</sup>. A cartilha *Rumo ao campo*, assinada por Mario Bulcão e publicada em 1925, foi anunciada como o “segundo livro da série vida infantil”, mas por não termos tido acesso a exemplares da obra, não nos é possível afirmar sobre seu teor e organização gráfica.

Com o sucesso da *Bibliothèque Charpentier*, “coleção de livros baratos capazes de enfrentar eficazmente a contrafação belga”<sup>125</sup>, as coleções destinadas a um tema e/ou a um público específico tornaram-se uma das mais importantes estratégias adotadas pelos editores franceses do século XIX para atingir um público leitor mais amplo, e foram rapidamente adotadas por editores de diversos países.

Segundo Rafael Cardoso, o mercado editorial voltado para o público infantil ganhou força no Brasil na primeira década do século XX, com o surgimento de periódicos como *Fantoche* e *O Tico-Tico*. Até o final da Primeira Guerra Mundial, porém, a configuração visual dos livros infantis tendia a seguir timidamente padrões importados. Foi o caso da edição de *O Patinho Feio*, publicada pela editora Irmãos Weiszflog, em 1918. O grande

---

<sup>124</sup> COSTALLAT, Benjamim. *Histórias de bonecos*. Rio de Janeiro: Costallat & Miccolis, 1924, s/p. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

<sup>125</sup> MOLLIER, Jean-Yves. *O dinheiro e as letras*. História do capitalismo editorial. São Paulo: Edusp, 2010, p.271.

momento de renovação teria acontecido na década de 1920, protagonizado por uma leva de talentosos ilustradores, como Belmonte, J.Carlos e Voltolino.<sup>126</sup>

A atuação de Monteiro Lobato neste momento, seja como editor de livros seja como autor de clássicos da literatura infantil, é destacada por muitos estudiosos. Luis Camargo, ao examinar a presença da imagem na obra infantil lobatiana, destaca a publicação, em 1920, do livro *A menina do narizinho arrebitado*, no qual a presença de ilustrações era valorizada e o nome de seu ilustrador, Voltolino, destacado na folha de rosto. Para o estudioso, esta identificação do desenhista – mesmo não sendo encontrada em muitas outras edições lobatianas da década de vinte - consistia num avanço, por exemplo, em relação à edição já comentada de *O patinho feio*, cujo ilustrador só era reconhecido pelo monograma FR nas ilustrações. Camargo também nos informa que, em geral, as edições infantis de Lobato apresentavam ilustrações a traço e que, apenas a partir da década de 1930, as ilustrações a cores se tornariam recorrentes.<sup>127</sup>

No caso de *Histórias de Bonecos*, a presença das coloridas ilustrações era valorizada tanto na capa quanto na divulgação do livro, anunciado como uma obra “para crianças”, com “coloridas ilustrações de Jefferson”<sup>128</sup>. Outro reclame afirmava que “com *Histórias de bonecos*, Benjamim Costallat escreveu o seu mais delicado livro”<sup>129</sup>.

Além da forte presença de ilustrações coloridas, *Histórias de Bonecos* apresentava diferenças no que diz respeito ao suporte material e à disposição do texto na página em relação às demais publicações da editora. As margens mais amplas e o formato maior das letras traduziam a preocupação em dispor o texto de forma atraente aos pequenos leitores. Também atraíam o público infantil a impressão em formato maior que o habitual (32 x 23 cm) e em cartonagem, que permitia uma maior durabilidade da obra.

Podemos afirmar que a publicação de uma coleção destinada ao público infantil e a preocupação em tornar o álbum o mais atraente possível encontrava-se em consonância com

---

<sup>126</sup>

CARDOSO, Rafael.

*Impresso no Brasil: destaques da história gráfica no acervo da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro: Verso Brasil, 2009.

<sup>127</sup> CAMARGO, Luis. A imagem na obra lobatiana. In: CECCANTINI, João Luis & LAJOLO, Marisa. *Monteiro Lobato, livro a livro*. Obra infantil. São Paulo: Editora Unesp: Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro, 2009, pp.44-47.

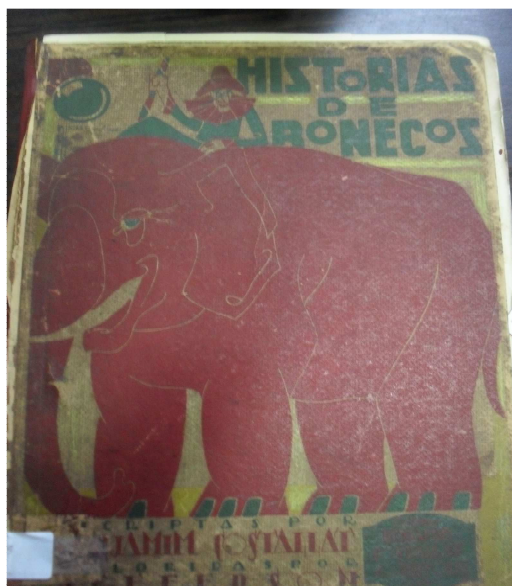
<sup>128</sup> CELESTINO, Antonio. *No país da volúpia*. Rio de Janeiro: Benjamim Costallat & Miccolis, s/d. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

<sup>129</sup> COSTALLAT, Benjamim. *Os maridas* (O marido de Mademoiselle Cinema). Rio de Janeiro: Benjamim Costallat & Miccolis, 1926, s/p.

a “campanha pelo livro nacional” que Costallat afirmava realizar. Segundo ele, era preciso tornar atraentes os livros, “interessando desde as primeiras letras a criança a esse amor pelo livro, que é o mais fiel e o mais duradouro dos amores”<sup>130</sup>.

Dirigido a um público infantil, que Costallat desejava conquistar, o álbum *Histórias de Bonecos* apresentou um tratamento gráfico diferenciado, com um cuidadoso e elaborado projeto artístico organizado pelo então diretor artístico da editora, o caricaturista Jefferson. Ilustrações, impressão em cinco cores, letras maiores, impressão em cartonagem e em formato maior: eis algumas das estratégias de Costallat para seduzir, com as aventuras de Pierrot e de Mutt e Jeff, os pequenos leitores.

**Figura 24**



Capa do álbum infantil *Histórias de Bonecos*. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

---

<sup>130</sup> Idem. Um animador dos livros. In.: *O.K. crônicas*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1928, p.100. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

Figura 25



Figura 26

Figura 27



Acima, reprodução de páginas do livro *Histórias de Bonecos*. As coloridas ilustrações ocuparam parte significativa das páginas do livro destinado aos pequenos leitores. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.



*Aspectos de um ideal jurídico*

A organização editorial de *Aspectos de um ideal jurídico*, de José Antonio Nogueira, juiz da sexta vara cível do distrito federal, também deve, por suas especificidades, ser objeto de análise. Destinado a um público mais interessado em questões jurídicas, como estudantes e bacharéis em direito, o livro, publicado em 1926, recebeu de seus editores um tratamento diferenciado, com um projeto gráfico mais austero.

Em suas primeiras páginas, o leitor encontrava um breve texto do autor, explicando a organização do livro, dividido em duas partes: uma “puramente ‘doutrinária’ e outra ‘casuística’”<sup>131</sup>. Na primeira, eram reunidos os seguintes ensaios teóricos sobre o trabalho do juiz: “A missão do juiz”, “A arte de julgar”, “Hermenêutica moderna”, “O casuísmo judiciário e a sua estética”, “Entre o espírito e a letra da lei” e “Coeficiente pessoal do juiz”. O primeiro ensaio correspondia ao discurso proferido pelo magistrado em audiência no Fórum em novembro de 1925, quando foi empossado e recebeu a toga. Em “Hermenêutica moderna”, por sua vez, o juiz respondia às críticas feitas pelo advogado Pedro Lessa ao seu discurso. Na segunda parte do livro, foram reproduzidas sentenças proferidas pelo magistrado em diferentes casos. Foram reunidas trinta e cinco decisões do juiz sobre diversas questões, como dissolução de sociedade mercantil, ação de despejo, ação de usucapião, desquite e sequestro de bens conjugais.

Para a organização do livro, Nogueira informa que, vivenciando uma época “de rápidas transformações sociais”, inspirara-se nos ensinamentos de G. Renard, segundo o qual “toda a metodologia jurídica se reduz a uma sorte de transação entre a generalização e o casuísmo, a um como equilíbrio entre direções abstratas ou doutrinárias e elaborações jurisprudenciais ‘in factum’”<sup>132</sup>.

A obra tornou-se famosa, no meio jurídico, pela defesa de uma justiça humanizada. No artigo *Justiça Oxigenada*, publicado em 1926, Monteiro Lobato teceu elogiosos comentários ao livro cujas provas examinara.

Feliz circunstância me permitiu examinar em provas um livro que é um livro. Para que um livro seja livro, não basta possuir a forma de livro, nem recheá-lo de frases compostas segundo a arte do bem escrever, e de acordo com a boa técnica dos Elzevires.

<sup>131</sup> NOGUEIRA, J.A. *Aspectos de um ideal jurídico*. Rio de Janeiro: Benjamim Costallat & Miccolis, 1926, s/p. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

<sup>132</sup> *Ibidem*, s/p.

Há que dizer algo novo, encerrar uma grande idéia, desenvolvida ou em germen, dessas que valem por empuxões de bom pulso na sonolenta carreira da rotina.

[...]

J.A.Nogueira trouxe para o juizado um elemento invulgar. Trouxe uma larga dose de compreensão humana.

[...]

Não há lei repugnante à sã consciência que não se preste a uma larga interpretação. Para além da técnica estreitamente interpretativa, há toda uma amplidão nova de técnica criadora ou renovadora. O juiz perfeito não é máquina de aplicar textos. É partícipe da lei. É o cérebro, o músculo, o nervo vivo que encarna os descarnados ossos do esqueleto textual e os põem vivos a agirem em prol da vida. Nunca lhe falecem meios de aliar à justiça a bondade e o bom senso. Há que examinar os litígios na sua realidade e moralidade e julgá-los por equidade; em seguida, procurar a forma técnica adequada a essa solução.<sup>133</sup>

Outro aspecto da obra de Nogueira destacado por Lobato diz respeito à linguagem adotada pelo magistrado, que em “suas sentenças usa a língua de todos nós, paisanos da esotérica jurídica; e tanto refoge ao pedantismo técnico da forma, como se insurge contra o caquetismo da hermenêutica emperrada”. Admirador do trabalho de J.A.Nogueira, Lobato editara pela Monteiro Lobato & Cia algumas obras do jurista, como *Amor imortal* e *Sonho de Gigantes*.

Quanto ao projeto gráfico de *Aspectos de um ideal jurídico*, destacam-se quatro aspectos principais: a inexistência de ilustrações; a impressão em preto e branco; a ampla utilização de recursos, como fios e barras; e a ausência de qualquer tipo de divulgação da produção da editora.

O livro é um dos poucos, dentro da produção da Benjamim Costallat & Miccolis, que não apresenta qualquer tipo de ilustração. Esta ausência traduz a concepção dos editores quanto aos interesses do público almejado, para quem a presença de ilustrações era dispensável.

Também se destaca no livro a ampla utilização de recursos, como fios, cercaduras e paralelas. Nas primeiras páginas, estes recursos são empregados para destacar o nome do autor e sua produção anterior. Ao longo do livro, são utilizados na separação de suas diversas partes e capítulos.

A ausência de reclames também chama a atenção. Afinal, praticamente todos os livros da Costallat & Miccolis traziam páginas dedicadas à divulgação das obras à venda ou

<sup>133</sup> LOBATO, Monteiro. Justiça oxigenada. In: *Na antevéspera*. São Paulo: Globo, 2008, pp. 149-152.

no prelo. Em *Aspectos de um ideal jurídico*, isso não acontece: o leitor não encontra qualquer menção à produção da editora.

No que diz respeito à divulgação da obra, a ênfase dos editores recaiu sobre a autoridade do autor. Os reclames apresentavam o livro como “escrito pelo eminente juiz J.A.Nogueira” e enalteciam sua produção bibliográfica e atuação no juizado brasileiro.<sup>134</sup>

Também são notadas diferenças em relação a outras edições no que diz respeito ao formato do livro, ao número de páginas e à quantidade de linhas por página. O livro jurídico foi impresso no formato 23 x 15,5 cm. Foram 328 páginas, com aproximadamente 34 linhas cada. São nítidas as diferenças em relação a outras obras da casa. As edições Benjamim Costallat & Miccolis eram publicadas, a grande maioria, em 13,5 x 19 cm e apresentavam entre 220 e 300 páginas, com aproximadamente 23 linhas cada. O formato da letra e o espaçamento das margens também são visivelmente menores na obra de Nogueira.

-----

A breve descrição acima feita de três obras publicadas pela Costallat & Miccolis - *Mademoiselle cinema*, *Histórias de bonecos* e *Aspectos de um ideal jurídico* - teve por objetivo demonstrar que o tratamento dispensado pelos editores aos seus livros variou bastante, sendo identificadas diferenças no que diz respeito à presença de ilustrações e cores, ao suporte material, ao formato e número de páginas, ao uso de fios e barras e, inclusive, às estratégias de divulgação.

No romance de sensação *Mademoiselle Cinema*, privilegiaram-se as sugestivas ilustrações e o caráter polêmico do romance, destacado já no prefácio da primeira edição e ao qual se ateu a divulgação da obra; quanto ao álbum infantil *Histórias de Bonecos*, para atrair pequenos leitores, Costallat investiu nas ilustrações e na impressão em cores; e no livro jurídico *Aspectos de um ideal jurídico*, a autoridade do autor, juiz do distrito federal, foi enfatizada pelos editores tanto nos reclames da obra quanto nas próprias páginas do livro.

Costallat atribuía estas diferenças no projeto gráfico dos livros a um dos “segredos da edição”. Afirmando que o livro “como tudo que é humano, tem a sua substância e o seu

---

<sup>134</sup> EIRAS,op.cit., s/p.

aspecto”, destacava a necessidade de “haver sempre uma harmonia entre essas duas coisas”. Era esta, portanto, uma das funções primordiais do editor. Afinal,

Da mesma maneira que não se conceberia uma matrona dando pinotes e jogando “ioiôs” pelas ruas e um senhor respeitável de calças curtas pulando na traseira de um bonde – não se concebe um livro de filosofia com um aspecto de livro infantil, nem um romance com uns ares austeros de livro didático.<sup>135</sup>

O historiador Roger Chartier ressalta que estas variações encontram-se intimamente vinculadas ao público alvo da obra e devem ser entendidas de acordo com as expectativas do editor quanto às capacidades e interesses de seus leitores. Em seu estudo sobre a Biblioteca Azul, o historiador destaca que o exame do tratamento dispensado pelos editores aos seus livros a fim de atingir certo público leitor é de suma importância para o estudioso do livro e da leitura na medida em que, através de um exame atento desta organização tipográfica, é possível identificar as expectativas e capacidades do público leitor. Afinal, a política editorial é sempre construída a partir das expectativas quanto ao público leitor almejado. Assim, ao traduzir uma intenção editorial, a organização tipográfica revelaria, no próprio livro, a marca das maneiras populares de ler.<sup>136</sup>

-----

Embora tenhamos ao longo do capítulo destacado o caráter diversificado de sua produção, é inegável a importância assumida pelos chamados “livros de sensação”, seja sob a forma de romances, contos ou crônicas, no catálogo da Benjamim Costallat & Miccolis. Este tipo de literatura compõe a maior parte, aproximadamente setenta por cento, da produção da polêmica editora.

E foi privilegiando a publicação de obras de visível apelo popular, caracterizadas pelas encadernações em brochura, pela linguagem fácil, pelas capas ilustradas e pelos enredos sensacionais que Benjamim Costallat e José Miccolis alcançaram êxito em sua atuação como editores. Por sua casa foram publicados livros que atingiram em pouco tempo cifras surpreendentes de venda, esgotaram sucessivas edições e provocaram grande polêmica entre os críticos literários.

<sup>135</sup> COSTALLAT, op.cit., p.100.

<sup>136</sup> CHARTIER, Roger. Textos, impressões, leituras. In: HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, pp.223-225.

### CAPÍTULO 3

#### “Uma campanha pelo livro nacional”: projeto estético e editorial de Benjamim Costallat

“Uma campanha pelo livro nacional”. Assim Benjamim Costallat definia os objetivos de sua atividade como proprietário da Benjamim Costallat & Miccolis. Observando as dificuldades enfrentadas por escritores e editores brasileiros, propunha-se a realizar, com sua nova casa, um projeto em prol da literatura e da indústria tipográfica brasileiras. No decorrer deste capítulo, pretende-se examinar os objetivos, as características e as justificativas deste projeto editorial.

#### O meio literário brasileiro segundo os literatos brasileiros

Foram muitos os escritores que, desde as últimas décadas do século XIX, publicaram artigos sobre a situação do meio literário brasileiro. A inexistência de um público leitor correspondeu a uma das questões mais discutidas nestes textos. Como destaca Alessandra El Far, num “panorama crescente de livros e consumidores”, muitos literatos brasileiros, com a intenção de “desenhar um retrato de seu próprio país”, “passaram a escrever nos jornais sucessivos artigos, repletos de dados e entrevistas, com o objetivo de fundamentar a existência, ou não, de um público leitor no país”<sup>137</sup>.

Em 26 de novembro de 1903, a *Gazeta de Notícias* publicou em sua primeira página o polêmico artigo de Paulo Barreto, *O Brasil lê*. Através de entrevistas com alfarrabistas e livreiros cariocas sobre a situação do comércio de livros no país, o autor desejava saber se o país lia mais ou menos. O aumento no número de comerciantes, o movimento das livrarias e as “instalações magníficas, vastos edifícios modernos e pomposos” das editoras, além das declarações dadas tanto pelos alfarrabistas das ruas São José e General Câmara quanto pelos “livreiros de primeira ordem” Garnier e Laemmert levaram João do Rio a concluir “emocionado” que o Brasil lia.

Apesar do otimismo do jornalista carioca no que diz respeito ao aumento do hábito da leitura entre os brasileiros, as respostas dadas pelos livreiros e editores revelavam que os livros consumidos no Brasil eram, geralmente, de origem européia, sobretudo os romances e

<sup>137</sup> FAR, Alessandra El. *Páginas de sensação*. Literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924). São Paulo: Companhia das Letras, 2004.p.70.

poemas. Foi Jacinto Silva, gerente da Garnier, que ressaltou a preferência brasileira pelos autores estrangeiros.

Livros de idealização, romances ou poesias só com a *réclame* estrangeira. O Brasil recebe a maioria desses romances, antes deles aparecerem em Paris, mas naturalmente acompanha o gosto da Cidade Luz (...) O Willy e Jean-Lorrain são dos mais lidos hoje...<sup>138</sup>

Quanto aos livros nacionais,

[...] só duas edições esgotaram-se este ano. As *Poesias*, de Olavo Bilac e a *Canaã*, de Graça Aranha. Tudo o mais é uma dificuldade. Os escritores já vão se compenetrando que só mesmo uma livraria pode difundir a sua obra e vendê-la nem que seja aos poucos. (...) O público prefere a literatura estrangeira, desconfia dos novos, só quer aceitar traduções.<sup>139</sup>

Dessa forma, apesar de os livreiros constatarem um aumento na venda de livros, não eram livros nacionais os mais vendidos. Entre estes, os editores destacavam a importância dos didáticos em seus negócios. A casa Garnier, segundo seu gerente, tinha “como lucro das edições nacionais o livro didático”. Como bem destacam Marisa Lajolo e Regina Zilberman, se o livro didático pode ser visto como o “primo-pobre da literatura”, trata-se, por outro lado, do “primo-rico das editoras” graças a seu mercado cativo. Afinal, a “vendabilidade do didático é certa, conta com o apoio do sistema de ensino e o abrigo do Estado, é aceita por pais e educadores”<sup>140</sup>. Segundo Afrânio Peixoto, em entrevista concedida a Homero Senna em 1945, Garnier comparara os livros didáticos à carne e os literários ao osso.

A respeito da edição de *A esfinge* há, aliás, um episódio curioso: João Ribeiro, pouco antes, levava ao Garnier o seu livro de ensaios e crônicas intitulado *Fabordão*. Recebendo-o, o velho Garnier troçou com o historiador, dizendo-lhe que a carne, quer dizer, os livros didáticos, ele dava ao Alves, e o osso, isto é, a literatura, a ele, Garnier... Aproveitei-me da pilhéria e disse a Francisco Alves que, ele, estando prestes a papar a carne (o meu livro *Medicina Legal*, então no prelo) precisava, também, roer o osso. E mostrei-lhe *A esfinge*. Ele, com uma amabilidade extraordinária, e com grande confiança no êxito do romance, prontificou-se a editá-lo. E foi assim que Afrânio Peixoto tornou-se escritor.<sup>141</sup>

Diante do intenso movimento do comércio livreiro e das respostas dadas pelos alfarrabistas e editores a seu inquérito, João do Rio concluía, ignorando as respostas pessimistas quanto à literatura brasileira:

O Brasil civiliza-se, é internacional, poliglota. O Brasil lê vinte vezes mais do que há dez anos.

<sup>138</sup> RIO, João do. O Brasil lê. *Gazeta de notícias*, Rio de Janeiro, 26 de novembro de 1903. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional-Brasil.

<sup>139</sup> Ibid.

<sup>140</sup> LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996. p.120.

<sup>141</sup> SENNA, Homero. *República das letras*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

Podemos ficar tranquilos pois! As livrarias levantam palácios cheios de papel, Garnier tem quarenta milhões e edita os nossos livros grátis, o público lê mais vinte vezes e interessa-se pelo que se passa neste mundo de Deus. Só os poetas podem dizer hoje, com verdade e mágoa no Brasil:

- Para que escrever? Ninguém lê...

O resto lê tanto que não tem tempo para mais nada.<sup>142</sup>

A conclusão de que o Brasil lia, porém, gerou polêmica. Discordando do diagnóstico, Olavo Bilac publicou dias depois uma resposta, criticando o otimismo exagerado de João do Rio.

Creio (...) que, para escrever o título e o texto do seu trabalho, o brilhante João do Rio molhou a pena na tinta com que Leibnitz escreveu a sua otimista *Théodiceia*, e pediu emprestado ao velho Pangloss, de Voltaire, aqueles óculos enganadores, através dos quais tudo parecia cor de rosa ao professor do ingênuo Candide.<sup>143</sup>

Ao longo de seu texto, Bilac destacou a resposta dada por Jacinto Silva sobre a venda dos livros nacionais.

Pela declaração do gerente da casa Garnier, ao autor do artigo, vê-se que de todos os livros editados por ela (e são muitíssimos) somente dois conseguiram ter uma edição esgotada em pouco mais de um ano: um romance e um livro de versos. Para quem sabe que as edições da casa Garnier são sempre de dois mil a dois mil e duzentos exemplares, e para quem sabe que essas edições são vendidas não exclusivamente no Rio, mas em todo o Brasil – dezoito milhões de habitantes! – essa declaração em vez de justificar o otimismo de João do Rio, deve, ao contrário, justificar as apreensões dos que vivem como eu, a apontar o analfabetismo como a causa principal, e talvez única, de todo o nosso atraso.<sup>144</sup>

Assim, o poeta concluía que o Brasil não lia e apontava o analfabetismo como a principal causa desse mal. “Não, meu caro João do Rio! O Brasil não lê; e não lê, pela razão única e terrível de não saber ler (...) Tire de sobre o nariz essas lunetas otimistas, - e permita que se intercale no título do seu belo artigo um não importuno: ‘O Brasil NÃO lê!’”<sup>145</sup>.

A ausência de um público leitor no Brasil foi, em diversas ocasiões, apontada por Bilac como o grande problema enfrentado pelo nosso meio literário. Em 1905, no artigo *O vício literário*, o poeta afirmava que o aumento na produção de jornais e de livros verificado na capital federal correspondia a uma prosperidade enganosa na medida em que não tinha sido acompanhado por um crescimento do número de leitores.

Compreender-se-ia bem a nossa superprodução literária, se neste país houvesse leitores. Mas não há. As edições dos livros e folhetos que se publicam não saem das tipografias: o autor manda brochar cem ou duzentos exemplares, que dá aos

<sup>142</sup> RIO, João do. Op.cit.

<sup>143</sup> BILAC, Olavo. Nota XL. In: *Crítica e fantasia*. Lisboa: A .M. Teixeira, 1904. p. 385.

<sup>144</sup> Ibid.

<sup>145</sup> Ibid.

amigos; e o resto da tiragem é dado em pasto às traças vorazes, quando não é vendido a peso, para embrulhar manteiga...<sup>146</sup>

Assim, o vício literário que assolava a sociedade brasileira era, segundo Bilac, “mais enganador e mais alucinador do que o do ópio”, na medida em que dava a ilusão da “existência de uma literatura nacional em um país que não sabe ler!”<sup>147</sup>.

Em 1907, numa conferência ministrada em Minas Gerais, a falta de instrução da população brasileira foi novamente abordada pelo poeta que, a partir de dados estatísticos, lamentou a falta de investimentos governamentais no combate ao analfabetismo.

As últimas estatísticas, dando ao Brasil, uma população total de vinte milhões e duzentas e quinze mil almas, demonstram que, em toda a extensão do país, todos os estabelecimentos de ensino, incluindo o ensino público e o particular, o civil e o militar, o primário, o profissional, o normal, o secundário, o superior, tinham, em 1907, ano em que se operou o censo, a matrícula de 624.064 alunos; e isto quer dizer que a pouco mais de dois anos e meio por cento da população é ministrado o favor do ensino... Mas não é tudo: se estudásseis o orçamento votado pelas Câmaras para a despesa federal em um dos últimos anos, observaríeis a insignificância das verbas dadas à instrução: no cálculo das despesas orçadas para esse ano, no valor de quase quatrocentos mil contos de réis, apenas três mil e duzentos contos eram destinados a tudo quanto se refere a vida intelectual do Brasil: ensino, bibliotecas, museus...<sup>148</sup>

Anos antes, em 1904, Bilac informara a João do Rio que, numa tentativa de colaborar com a instrução no país, se dedicava à elaboração de um livro destinado às crianças.

Oh! Não, meu amigo, nem versos, nem crônicas – livros para crianças, apenas isso que é tudo. Se for possível, eu me centuplicaria para difundir a instrução, para convencer os governos da necessidade de criar escolas, para demonstrar aos que sabem ler que o mal do Brasil é antes de tudo o mal de ser analfabeto. Talvez sejam idéias de quem começa a envelhecer, mas eu consagro todo o meu entusiasmo o entusiasmo – que é a vida – este sonho irrealizável.<sup>149</sup>

O analfabetismo foi apontado por muitos outros escritores e críticos literários como a principal causa das dificuldades enfrentadas pelos literatos brasileiros em busca de público leitor para seus livros. Em sua obra *A educação nacional*, José Veríssimo lamentava que oitenta por cento da população brasileira fosse analfabeta.

Além dos altos índices de analfabetismo, Veríssimo destacava o grande consumo no país de obras de autores estrangeiros, principalmente nas escolas. E, diante desta situação,

<sup>146</sup> Id. O vício literário. In: *Ironia e piedade*. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1926, pp. 187-192.

<sup>147</sup> Ibid.

<sup>148</sup> BILAC, Olavo. Instrução e patriotismo. In: *Conferências literárias*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, s/d, pp.330-331.

<sup>149</sup> RIO, João do. Bilac. In: *O momento literário*. Ministério da Cultura. Fundação Biblioteca Nacional. Departamento nacional do livro. p.4. Disponível em: <<<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000134.pdf>>> Consulta em 09 de junho de 2011.



propunha uma reforma dos livros escolares que deveriam ser brasileiros em seus diferentes aspectos.

São muitos os escritores estrangeiros que traduzidos, transladados ou, quando muito, servilmente imitados, fazem a educação da nossa mocidade.

Seja-me permitida uma recordação pessoal. Os meus estudos feitos de 1867 a 1876 foram sempre em livros estrangeiros. Eram portugueses e absolutamente alheios ao Brasil os primeiros livros que li. O Manual Enciclopédico de Monteverde, a Vida de d. João de Castro de Jacinto Freire (!), os Lusíadas de Camões, e mais tarde, no Colégio de Pedro II, o primeiro estabelecimento de instrução secundária do país, as seletas portuguesas de Aulete, os Ornamentos da Memória de Roquete – foram os livros em que recebi a primeira instrução. E assim foi sem dúvida para toda a minha geração.

Acanhadíssimas são as melhorias desse triste estado de coisas, e ainda hoje a maioria dos livros de leitura, se não são estrangeiros pela origem, são-nos pelo espírito. Os nossos livros de excertos é aos autores portugueses que os vão buscar, e a autores cuja classe e hoje quase obsoleta linguagem o nosso mal amanhã preparatoriano de português mal percebe. São o Fr. Luís de Souza, os Lucenas, os Bernardes, os Fernão Mendes e todo o clacissismo português que lemos nas nossas classes da língua, que aliás começa a tomar nos programas o nome de língua nacional. Pois, se pretende, a meu ver erradamente, começar o estudo da língua pelos clássicos, autores brasileiros, tratando coisas brasileiras, não poderá fornecer relevantes passagens? E Santa Rita Durão, e Caldas, e Basílio da Gama, e os poetas da gloriosa escola mineira, e entre os modernos João Lisboa, Gonçalves Dias, Sotero dos Reis, Machado de Assis e Franklin Távora, e ainda outros, não têm páginas que, sem serem clássicas, resistiram à crítica do mais meticuloso purista?<sup>150</sup>

Ao analisar o cenário editorial carioca no período compreendido entre 1870 e 1924, Alessandra El Far destaca que, na segunda metade do século XIX, grande parte dos livros encontrados nas estantes das livrarias cariocas tinha origem européia. Eram livros alemães, italianos, espanhóis e, principalmente, franceses e portugueses. A grande presença de livreiros e editores estrangeiros, como os Garnier e os Laemmert, facilitava, segundo a pesquisadora, o processo de importação e permitia que em pouco tempo o que fosse publicado na Europa chegasse à capital brasileira “com o alarde necessário”.<sup>151</sup>

Nas primeiras décadas do século XX, manteve-se a preferência pela publicação de obras estrangeiras. Os catálogos das editoras eram compostos por inúmeras traduções de autores estrangeiros. Um crítico da *Revista do Brasil* ressaltava que esta situação devia-se à preferência dos leitores brasileiros pelas obras estrangeiras, o que levava editores “não audaciosos” a temerem a publicação e venda de outro tipo de livros.<sup>152</sup> Esta valorização de

<sup>150</sup> VERÍSSIMO, José. *A educação nacional*. 2 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1906. p.6.

<sup>151</sup> FAR, Alessandra El. Op.cit. p.49.

<sup>152</sup> YORIK. Monólogos. Resenha do mês. *Revista do Brasil*, São Paulo, agosto de 1916. apud. MARTINS, Milena. *Lobato edita Lobato: história das edições dos contos lobatianos*. 2003. 418f. Tese, Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP, São Paulo, p.65.

autores estrangeiros, como bem destaca Koshiyama, fez com que muitos escritores brasileiros não conseguissem ser publicados por editoras nacionais.<sup>153</sup> Lima Barreto, por exemplo, só conseguiu publicar suas *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* pela portuguesa A.M.Teixeira & Cia, e Coelho Neto era editado pela Livraria Chardron, da cidade do Porto.

Assim, os altos índices de analfabetismo e o predomínio de obras estrangeiras eram apontados por muitos literatos como alguns dos obstáculos enfrentados pelos escritores nacionais na busca por editores e leitores, o que tornava inviável a profissão de escritor no Brasil.

Os métodos adotados pelos editores também foram discutidos por muitos literatos. O número 09, de setembro de 1916, da *Revista do Brasil* trazia, em sua seção Movimento literário, uma interessante crítica sobre a publicação pela Livraria Alves de “dois livros de valor”: a *História da literatura brasileira*, obra póstuma de José Veríssimo, e *Ironia e Piedade*, reunindo textos de Olavo Bilac. Na contramão das críticas comumente feitas à situação da literatura no Brasil, o autor atribuía os baixos índices de leitura aos editores, que não investiam na divulgação de suas edições.

Acabam de aparecer dois livros de valor: a História da literatura brasileira, obra póstuma de José Veríssimo, e Ironia e piedade, vários escritos de Olavo Bilac, edições da Livraria Alves.

(...)

A propósito: estes dois livros surgiram sem o mais leve ruído. Algumas rápidas linhas de noticiário em um ou outro jornal, e mais nada. Isto, num país onde se faz tanto rumor em torno de quanto folheto surge a lume com assinaturas desconhecidas, constitui um contraste chocante e inexplicável. Mas não é dos jornais a maior culpa: a grande culpa é dos editores, que ainda não se convenceram de que o comércio de livros precisa absolutamente, como todo comércio, de anúncio e de reclame. Não é com meia dúzia de linhas em três ou quatro jornais que se há de levar a todo o público leitor do país a nova do aparecimento de um livro, muito menos mover a curiosidade e despertar o interesse dos refratários. É indispensável chamar a atenção do público, insistentemente, por intermédio da imprensa, do prospecto, da circular, do affiche, de todos os meios decorosos. Nada disto se faz, - mas depois proclama-se que o público não lê, não sabe ler, não quer ler.<sup>154</sup>

<sup>153</sup> KOSHIYAMA, Alice Mitika. *Monteiro Lobato*. Intelectual, empresário, editor. São Paulo: Edusp, 2006, p.53.

<sup>154</sup> Movimento literário. *Revista do Brasil*, São Paulo, n. 09, setembro de 1916. apud. MARTINS, Milena. *Lobato edita Lobato: história das edições dos contos lobatianos*. 2003. 418f. Tese, Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP, São Paulo.

João do Rio, no artigo *O krak da literatura diante das necessidades da vida*, publicado em 1912 na primeira página da *Gazeta de Notícias*, já declarara que o editor brasileiro não acreditava ser “da sua competência lançar as novidades. Anuncia uma ou duas vezes nos jornais, põe um volume na montra, manda um número limitado para os correspondentes nos Estados e fiquem satisfeitos”. A venda da casa Garnier desanimara o autor que, abandonando o otimismo do artigo de 1903, observava que, enquanto “em toda parte os ganhos dos artistas aumentaram”, o Brasil não evoluía neste aspecto. As irrisórias quantias pagas pelos editores aos autores, a despreocupação editorial com a revisão dos textos e com a data de publicação, além da já mencionada falta de divulgação eram apontadas por João do Rio como os principais obstáculos ao crescimento do meio literário brasileiro.<sup>155</sup>

Monteiro Lobato também dirigiu contundentes críticas à atuação dos editores brasileiros que, segundo ele, atuavam como meros armazenadores de livros.

Se o Brasil não lia é porque os velhos editores [...] limitam-se a inumar os volumes nas poeirentas prateleiras de suas próprias livrarias, e quem quiser que tome o trem, ou o navio, e vá ao Rio comprá-los. Umhas bestas! O Brasil está louco por leituras. Só os editores é que até agora não sabem disso!...<sup>156</sup>

Dessa forma, como destaca Carla Bignotto, tanto para Monteiro Lobato quanto para João do Rio, o entrave ao desenvolvimento da indústria editorial estaria localizado mais nos métodos inadequados dos editores do que no analfabetismo da população.<sup>157</sup>

A atenção dispensada pelos editores aos aspectos materiais de suas publicações passou a ser abordada de forma constante por diferentes escritores que, em seus textos, debruçaram-se sobre o meio literário e editorial brasileiro, sobretudo a partir de 1917. Milena Martins, ao analisar os textos publicados nos espaços de crítica literária da *Revista do Brasil* ao longo de 1919 e 1920, observa que “mais do que a função da crítica, a inexistência de público leitor ou o gosto discutível / inadequado dos leitores, agora são os aspectos da indústria do livro os que mais têm interessado os ‘bibliógrafos’ da RB”<sup>158</sup>. Entre estes textos, a pesquisadora cita a seguinte crítica publicada na *Revista do Brasil* a propósito de

<sup>155</sup> RIO, João do. *O krak da literatura diante das necessidades da vida*. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 02 de agosto de 1912. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

<sup>156</sup> VAZ, Leo. *Páginas vazias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957, p.74.

<sup>157</sup> BIGNOTTO, Cilza Carla. *Novas perspectivas sobre as práticas editoriais de Monteiro Lobato (1918-1925)*. 2007. 422f. Tese, Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP, São Paulo, p.302.

<sup>158</sup> MARTINS, Milena Ribeiro. Op.cit.,p.75.

*Prossigamos*, de Luiz Rubano. No artigo, cuja autoria é atribuída a Lobato, são dirigidas duras críticas ao projeto gráfico dos livros didáticos publicados no Brasil.

Não sabemos que má sorte tem a leitura didática no Brasil. Cada nova contribuição que nos cai sob a vista é uma nova prova do nosso mau gosto, da nossa incompetência ou da nossa inaptidão para a factura dos livros escolares. Faz pena, faz pena, realmente, pensar que as nossas crianças tenham de educar-se com semelhante aparelhamento, tão defeituoso, pobre e infeliz. (...) Má impressão, mau papel, má distribuição, e sobretudo, *horresco referens*, desenhos dos menos adequados, se é que a isso possa chamar-se desenhos. (...) Fazer bons livros para crianças é das coisas mais sérias, nas quais é preciso não só trabalhar com inteligência e coração, mas com uma elevada argúcia e cuidado.<sup>159</sup>

Mas não apenas os críticos da *Revista do Brasil* discutiram o tratamento gráfico dispensado pelos editores a seus impressos. Em crítica sobre *Poesias Escolhidas*, de Luiz Murat, além de criticar o longo prefácio - que “tratou de tantas coisas estranhas, que desde logo foi perturbando os seus leitores”- e a linguagem adotada pelo poeta – que “abusa dos termos raros” e das “expressões abstrusas” -, o crítico dirigiu duras críticas ao projeto gráfico do livro, que não teria levado em conta seu gênero.

O volume, que ele agora dá, é tipograficamente feio. Feio para um livro de versos. Tem o aspecto de um relatório, de uma obra jurídica – de tudo, enfim, que possa ser grave e solene. São 350 páginas maciças, em cada uma das quais há espaço para 9 quadras.

Livros de versos com tantas páginas só se admitem, quando são feitos em papel finíssimo, como certas edições italianas de Stechetti, Carducci, Fogazzaro e outros.

Por que essa regra? Talvez porque o Verso, devendo ser leve e alado, concilia-se mal com o aspecto pesado de um volume espesso.

Esta crítica vai apenas ao editor.<sup>160</sup>

A menção, cada vez mais recorrente nas críticas literárias dos anos 1920, aos aspectos materiais e à qualidade gráfica do livro nos sugere a preocupação cada vez maior entre editores e literatos com este aspecto da produção do livro, entendido como instrumento importante para a difusão e o desenvolvimento da literatura nacional.

Em janeiro de 1921, Tristão de Ataíde assinou um artigo na *Revista do Brasil* sobre *A literatura em 1920*. No texto, publicado em três números do periódico, além de apresentar os títulos publicados naquele ano e discorrer sobre a atuação dos críticos literários – que se situavam “entre os dois pólos da literatura: a criação e a divulgação, ligando o artista e o público” -, o autor destacava a diversidade gráfica das edições brasileiras.

Não admira, portanto, que a observação primordial sobre o movimento literário de 1920, seja essa desordem de produção, que provém de improvisação literária tão a

<sup>159</sup> *Revista do Brasil*, São Paulo, outubro de 1919. Apud. Martins, Milena Ribeiro. Op.cit.,p.75.

<sup>160</sup> ALBUQUERQUE, Medeiros e. Luiz Murat – *Poesias escolhidas*. In: *Páginas de crítica*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro & Maurillo, 1920 ,p.13.

gosto do nosso desejo de publicidade fácil e ampla. Uma imagem vulgar e vidente dessa desordem, é o aspecto de uma estante de livros em que se reúna a produção literária de um ano, como a tenho presente a meus olhos. A literatura está para a sociedade como a feição tipográfica dos livros para o seu conteúdo. Não é possível imaginar maior variedade de tipos, de capas, de formatos, de cores. Pode-se mesmo dizer que não há dois idênticos e cada autor procura dar ao externo de sua obra o cunho do seu gosto ou do contrário... É a imagem da nossa produção intelectual e imagem aliás animadora. Esse individualismo pode significar falta de solidez e estabilidade na vida literária, mas indica um seguro desejo de independência e portanto de criança. É do gosto anárquico de inovação que provêm as obras originais e fortes, simbólicas das épocas de vitalidade.<sup>161</sup>

A apresentação gráfica dos livros nacionais também foi discutida por Ronald de Carvalho que, no *O Jornal*, criticou o “aluvião de monstregos que se avoluma[va]m nos mostruários das livrarias nacionais”.

Pois não é triste verificar que, nas nossas bibliotecas, as belas edições são todas estrangeiras, que os mais reputados autores brasileiros nunca foram objeto da solicitude dos seus editores? A arte não prejudica o bom comércio, antes faz crescer os lucros, pois ela valoriza naturalmente todas as coisas. Por que esquerdos fados ainda não se percebeu regra tão vulgar e comezinha?<sup>162</sup>

O artigo de Carvalho gerou protestos entre os redatores da *Revista do Brasil*, que, em resposta, publicaram dias depois uma crítica, na qual era ressaltado o “poderoso, magnífico esforço dos editores paulistas” que, naqueles anos, empreendiam uma “revolução na arte nacional do livro”.

Em que serão inferiores às melhores, que se façam seja onde for, as edições dos últimos livros de Guilherme de Almeida, principalmente o Livro de Horas? Onde se editaria com melhor papel, melhor tipo e mais copiosa e elegante ilustração, o poema das Máscaras, de Menotti Del Picchia? Onde se trabalha mais lindamente em livro, do que se trabalhou aqui o dos Troféus de Ituzaina, de Macedo Soares? E as últimas edições dos livros de Oliveira Lima, Monteiro Lobato, Francisca Julia, Godofredo Rangel, Amadeu Amaral, Henrique Coelho, Rocha Pombo, e vinte, e trinta outros que têm saído dos prelos paulistas, não serão por acaso mais que decentes, não serão capazes de emparelhar, senão de exceder, às comuns de muitos outros países? Mas, disto tudo, de todo esse notável esforço nacional, executado, valentemente, contra todos os obstáculos, deste quase que não se dá conta e ninguém fala...<sup>163</sup>

Segundo Milena Martins, a resposta da *Revista do Brasil* nos sugere que não era mais possível, nos anos 1920, negar a vitalidade do mercado editorial.<sup>164</sup> Em janeiro de 1921, o

<sup>161</sup> ATAÍDE, Tristão de. A literatura em 1920. *Revista do Brasil*, São Paulo, abril de 1921.

<sup>162</sup> CARVALHO, Ronald de. *O jornal*. Rio de Janeiro, fevereiro de 1921. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional- Brasil.

<sup>163</sup> *Revista do Brasil*, São Paulo, março de 1921. Apud. MARTINS, Milena Ribeiro. Op.cit., p.89.

<sup>164</sup> MARTINS, Milena. Op.cit., p.90.

mesmo periódico publicou na seção Movimento Editorial, um levantamento das editoras e das obras publicadas em São Paulo no ano anterior, concluindo que:

Como se vê desta resenha incompleta, o movimento livreiro em S.Paulo tem crescido admiravelmente, nos últimos tempos, sendo de se notar que este Estado é ainda o melhor dos clientes das livrarias do Rio. Este progresso um tanto repentino foi preparado, principalmente, pelo grande encarecimento dos livros estrangeiros, durante e depois da guerra. Varias causas concorreram em seguida: o aparecimento de editores ousados, inteligentes e conhecedores da psicologia do nosso público, o auxílio esclarecido e simpático da imprensa, e talvez, ainda, um certo aumento do gosto pela leitura, produzido pelos quatro anos de noticiário guerreiro, devorado por toda a gente capaz de ler. São ainda causas mais antigas e gerais, o aumento da população (S.Paulo conta hoje, seguramente, 4 milhões e meio), o progresso das artes gráficas, que permite hoje uma fatura perfeitamente satisfatória, o aparecimento de bons ilustradores, etc.<sup>165</sup>

A numerosa produção, porém, encontrava um problema: o precário sistema de distribuição e divulgação das obras. Em 1904, respondendo à pergunta de João do Rio sobre o surgimento de agremiações literárias estaduais, Medeiros e Albuquerque já apontara a falta de comunicação que, segundo ele, tornava a produção literária esparsa pelo país e distanciava escritores dos diferentes estados.

O que há entre nós é falta de meios de comunicação e falta de instrução primária. Quase ninguém lê, quase ninguém se vê. Daí a existência efêmera desses grupinhos estaduais, que são forçados ao elogio mútuo e exagerado pela estreiteza do meio e pela dificuldade de serem conhecidos no resto do país. Mas desde que um livro publicado no Amazonas for tão facilmente lido lá como aqui ou no Rio Grande do Sul, ninguém pensará mais na fantasia das literaturas estaduais.<sup>166</sup>

Em 1917, observando a permanência da falta de comunicação e, portanto, de conhecimento entre os brasileiros de diferentes estados, Medeiros e Albuquerque lamentou: “a França está muito mais perto do Brasil do que o próprio Brasil”<sup>167</sup>.

Altos índices de analfabetismo, predomínio dos autores estrangeiros, falta de divulgação editorial, precário sistema de distribuição, desleixo dos editores com os aspectos materiais de suas publicações. Estas eram algumas das questões que, como foi possível identificar nos trechos acima, preocupavam os literatos brasileiros das primeiras décadas do século XX.

### A “campanha pelo livro nacional” de Costallat

<sup>165</sup> Movimento editorial. *Revista do Brasil*, São Paulo, janeiro de 1921. Apud. MARTINS, Milena. Op.Cit., p.89.

<sup>166</sup> RIO, João do. Op.cit, p. 23.

<sup>167</sup> ALBUQUERQUE, Medeiros e. Manuel R. Querino – Artistas Baianos. *Revista do Brasil*, São Paulo, abril de 1917.

Benjamim Costallat também se manifestou, em artigos, crônicas e entrevistas, sobre algumas destas questões, demonstrando preocupação com a situação do meio literário brasileiro. Com o objetivo de compreender melhor seu projeto editorial, por ele definido como “campanha pelo livro nacional”, serão examinadas algumas de suas declarações, extraídas de entrevistas concedidas a periódicos, de cartas enviadas a colegas escritores, além de textos de sua autoria, sobretudo crônicas e críticas literárias publicadas na imprensa.

Em inúmeras ocasiões, Costallat afirmou seu desejo de sobreviver com o trabalho de escritor. Tal desejo é visível, por exemplo, na dedicatória de *Os Maridas* a Paulo Azevedo, proprietário da Livraria Alves, a quem agradecia o apoio na comercialização e divulgação de suas obras.

Você sempre me sustentou porque compreendeu logo que eu era um caso raro na literatura brasileira – não desejava ser empregado público, nem deputado, nem acadêmico, nem ganhar dinheiro como contrabandista de papel...

Desejava apenas escrever livros para o público e viver do dinheiro desse mesmo público. Foi o que fiz e foi o que consegui.

Essa coisa tão simples é um caso raríssimo no Brasil onde geralmente os literatos fazem tudo – menos livros...<sup>168</sup>

O acúmulo de funções era comum entre os escritores brasileiros. Incapazes de sobreviverem com sua pena, nossos literatos eram também médicos, advogados, empregados públicos. Muitos viviam de rendimentos proporcionados pela realização de conferências e pela atuação na imprensa que, como foi visto no capítulo anterior, tornou-se a principal empregadora de nossos escritores no início do século XX. Por se dedicar exclusivamente à atividade literária, João do Rio era descrito por Medeiros e Albuquerque como um caso singular nas letras brasileiras.

Paulo Barreto é um escritor torrencial. Tem-se pelo menos essa impressão ao ver como os seus livros se sucedem com pequeno intervalo. O último é o vigésimo.

No número deles há um pouco de tudo, desde as simples coleções, como os Fados e Canções de Portugal, até as reportagens, como as Religiões no Rio, os inquéritos, como o Momento Literário, Pall-Mall Rio, as crônicas, os contos, as conferências, as traduções, os dramas...

O caso se explica, porque Paulo Barreto tem uma singularidade entre os nossos homens de letras: ele só é isso. Quem tome a lista dos membros da Academia Brasileira verificará que todos os outros acumulam o trabalho literário com a advocacia, a medicina, a administração, a política... A originalidade de Paulo Barreto é a de ser um literato que não faz senão literatura. Só por um breve espaço de tempo esteve à frente de um jornal, onde se empenhou em discussões políticas.

<sup>168</sup> COSTALLAT, Benjamim. *Os maridas* (O marido de Melle. Cinema). Rio de Janeiro: Benjamim Costallat & Miccolis, 1926, s/p.

Empenhou-se com tanto brilho, como os mais brilhantes jornalistas. Mas o jornalismo é também literatura e tudo faz crer que Paulo Barreto deve ter tratado a política como um romance.

Voltado exclusivamente para preocupações literárias, não admira, portanto, que ele produza mais do que outros.<sup>169</sup>

A importância do jornalismo em nosso meio literário era tanta que, em 1904, no inquérito que resultou no livro *Momento literário*, “a pergunta capital, em torno da qual toda a literatura gira[va]” era se correspondia “o jornalismo, especialmente no Brasil, a um fator bom ou mau para a arte literária”<sup>170</sup>. O questionário, elaborado por João do Rio e enviado a importantes nomes da literatura nacional, era composto por outras quatro perguntas sobre a formação e produção do escritor e a situação da literatura no país.

Foram divergentes as respostas dadas pelos literatos sobre os efeitos do jornalismo para a arte literária. Muitos destacaram as influências nocivas do trabalho nas folhas, apontado como exaustivo e, portanto, um entrave à criatividade e à beleza da forma de seus escritores. Afonso Celso, apesar de afirmar que “não poucos jornalistas realiza[va]m o ideal artístico e não se mostra[va]m somenos aos artistas de outras categorias”, destacava que a natureza do ofício do jornalista, “exclusivista e exaustiva”, não permitia acumulações.<sup>171</sup> Neste mesmo sentido, João do Rio ouviu de Fabio Luz que o jornalismo “estragava” e “esterilizava”<sup>172</sup> aqueles que dele faziam profissão, e de Clovis Bevilacqua o quanto o ofício “esgota[va] as energias, dispersa[va] os esforços e alimenta[va] a superficialidade”<sup>173</sup>. Osório Duque Estrada, por sua vez, criticava o “espírito prático” dessas “empresas mercantis”, que teriam, entre outros, substituído o jornalista pelo repórter e convertido as redações de focos intelectuais em casas de negócios: “a crônica política, o comentário sobre os assuntos da vida burguesa e conservadora, a chalaça pérfida, o verso mordaz e a invectiva sórdida ou desabalada substituíram a obra forte da intelectualidade”<sup>174</sup>.

Luis Edmundo concordava com esses diagnósticos pessimistas. Mas, apesar de descrever o jornalismo como uma “instituição fatídica para os homens de letras”, reconhecia

<sup>169</sup> ALBUQUERQUE, Medeiros e. No tempo do Wenceslau. Paulo Barreto. In: *Páginas de crítica*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro & Maurillo, 1920, p.213.

<sup>170</sup> RIO, João do. Op.cit., p.3.

<sup>171</sup> Ibid, p. 30.

<sup>172</sup> Ibid, p. 65.

<sup>173</sup> Ibid, p. 36.

<sup>174</sup> Ibid, p. 64.



sua importância para a sobrevivência dos literatos brasileiros<sup>175</sup>. Como Luis Edmundo, muitos outros intelectuais destacaram em suas respostas tanto os efeitos nocivos quanto a importância do jornalismo para o meio literário brasileiro. Se era certo que o jornalismo “aniquila[va] boas vocações literárias, obrigando-as a trabalhos ligeiros”, não se poderia negar sua importância como o “meio mais simples e mais pronto de entreter entre o literato e o público”. Assim, concluindo que “não podemos negar que o jornalismo é um fator favorável ao desenvolvimento das boas letras em nossa Pátria”<sup>176</sup>, o crítico Pedro Couto questionava: “se não fora ele, como poderiam começar a aparecer belos talentos que posteriormente chegam a impor-se até aos editores?”. Silva Ramos também identificava consequências ruins da atividade jornalística para a arte literária, mas reconhecia que, para o literato, era “um ótimo fator, porque, facultando-lhe um emprego de repórter ou de noticiário, quando mais não seja, coloca-o ao abrigo das primeiras necessidades, tornando, para sempre, impossível a reprodução do quadro lendário: o poeta morrendo de fome...”<sup>177</sup>

O Padre Severiano de Resende também concordava com estas considerações. Apesar de descrever como “esterilizante e dispersivo” o trabalho na imprensa, destacava que o uso do jornal era imprescindível para o desenvolvimento de nossas letras na medida em que consistia no meio de comunicação de maior circulação.

No estado atual da nossa cultura, é o jornal que se lê mais, e não o livro. Quem quiser, pois, fazer alguma coisa pela arte – extensivamente considerada – há de ter um jornal em que escrever. Nem a revista nem o folheto preenchem a função do jornal, que é o que todos lêem. O poeta ou o prosador que quiser ver a sua obra passar de coisa escrita a coisa impressa tem que se submeter ao jornal. O jornal é inevitável, precisamos sofrê-lo.

É ele que abrirá caminho ao livro, ou melhor, é ele que tem aberto caminho ao livro.<sup>178</sup>

A importância dos jornais para a divulgação do trabalho dos escritores num país em que a circulação de livros era restrita foi destacada pelos literatos que defenderam as vantagens oferecidas pelo jornalismo à arte literária, como Olavo Bilac, Silvio Romero, Lima Campos, Medeiros e Albuquerque e Felix Pacheco. Sendo o meio de comunicação de maior circulação, o jornal funcionava, nos dizeres de Silvio Romero, como o “animador, o protetor, e, ainda mais, o criador da literatura brasileira”. Segundo o literato, os jornais correspondiam ao principal lugar de estréia, de aprendizado, de sustento e de divulgação para

<sup>175</sup> Ibid, p. 33.

<sup>176</sup> Ibid, p. 42.

<sup>177</sup> Ibid, p. 57.

<sup>178</sup> Ibid, p.47.

os escritores nacionais.<sup>179</sup> As respostas destacavam que as folhas diárias eram o principal local de estréia e consagração dos autores brasileiros. Segundo Bilac, era o jornalismo “para todo o escritor brasileiro um grande bem”, sendo o “único meio do escritor se fazer ler” uma vez que “o livro ainda não é coisa que se compre no Brasil como uma necessidade”<sup>180</sup>. Nos dizeres de Felix Pacheco, era “uma grande escola”<sup>181</sup> e, para Garcia Redondo, “sem o jornal, que é um fanal, a arte estaria às escuras”<sup>182</sup>.

Contestando a máxima de que o jornalismo era prejudicial à literatura, Medeiros e Albuquerque destacava a falta de instrução como verdadeiro obstáculo às letras brasileiras. Por isso, o jornal deveria ser visto com bons olhos na medida em que contribuía para preparar o público, habituando-o à leitura e abrindo caminho para os livros.

Sem público que leia, a vida literária é impossível. O jornal faz até a preparação desse público. Habitua alguns milhares de pessoas a uma leitura cotidiana de alguns minutos, dando-lhes amostras de todos os gêneros. Os que têm gosto e tempo começam por aí e passam para os livros. Mas o jornal é o indicador. Em nenhum país de grande literatura deixa de haver grande jornalismo. Sem este, aquela é impossível. Os que atacam a imprensa o que deviam fazer era atacar a falta de instrução.<sup>183</sup>

Mas voltemos a Costallat. Foi seu desejo de sobreviver como escritor que o levou a atuar em diversas atividades relacionadas à escrita: colaborou, durante toda sua trajetória literária, na imprensa como crítico musical e cronista; inaugurou nos anos 1920 uma casa editorial; e assinou inúmeros textos publicitários. Na hemeroteca pertencente a sua filha Dora Costallat Martins Ferreira, encontram-se inúmeros reclames assinados por Costallat. A maioria dos textos era acompanhada por ilustrações assinadas pelo desenhista Tarquino. São diversos os produtos anunciados, como vitrola, loções e tônicos. E, nestes textos, identificam-se menções a algumas das principais características da sociedade carioca daqueles “anos loucos”, como a velocidade, o cosmopolitismo e a sensualidade, o que pode ser visto na propaganda da Água de Colônia ORBLEU:

Há perfumes que são entontecedores como a velocidade, mas que a velocidade não consegue desmanchar. A água de Colônia ORBLEU conserva, mesmo cem

---

<sup>179</sup> Ibid, p. 17.

<sup>180</sup> Ibid, p. 6.

<sup>181</sup> Ibid, p. 55.

<sup>182</sup> Ibid, p. 59.

<sup>183</sup> Ibid, p. 26.

quilômetros a hora, a sua sedução inebriante e deixa, atrás de si, da sua passagem, o seu rastro perfumado...<sup>184</sup>

Beatriz Resende atribui a disposição do literato em escrever textos publicitários a seu desejo de se tornar um escritor profissional, “capaz de ganhar a vida e sustentar família com sua pena”<sup>185</sup>.

Este desejo é visível na preocupação com a recepção das obras, que norteou tanto sua atuação literária quanto editorial. Em carta enviada a Orestes Barbosa, elogiando seu livro *Na prisão*, Costallat destacava algumas características em comum com o ex-engraxate, como o projeto de atingir um amplo público e tornar a escrita uma profissão.

Continua, pois, Orestes a ser o escritor que és; o escritor que tem um ideal de trabalho e que quer fazer da tinta sobre o papel uma profissão igual às outras, pelo menos tão nobre e respeitável quanto a de engraxar as botas do seu semelhante!

Estamos nas mesmas fileiras e pertencemos à mesma geração que só quer ser escritora com livros, escritos e publicados, e só quer ser consagrada pelo grande público, pela venda da obra!<sup>186</sup>

O estilo literário adotado por Costallat em seus textos encontrava-se em consonância com este propósito. Atuando de forma regular na imprensa empresarial da época, o escritor levou para seus textos a linguagem ágil do jornal, marcada pelas frases curtas e diretas. Seu objetivo, como declarou em entrevista à *Gazeta de Notícias* sobre seus *Mistérios do Rio*, não era “fazer obra erudita [pois] o povo não gosta[va] disso”<sup>187</sup>. É perceptível, portanto, sua preocupação em popularizar seus livros, através de uma linguagem mais fácil e simples.

Quanto aos temas e enredos privilegiados, nota-se a mesma preocupação. Costallat dedicou-se, em seus textos, a narrar o submundo da capital republicana, denunciando os vícios, as perversões e a corrupção presentes numa cidade que se urbanizava e se modernizava. Os enredos sensacionais geraram muita polêmica, rendendo ao autor a alcunha de pornográfico e imoral, o que atiçava a curiosidade de inúmeros leitores.

Além da linguagem empregada e dos temas abordados, também deve ser ressaltada a preocupação de Costallat com a ilustração de seus primeiros livros, que contaram com

<sup>184</sup> HOFFBAUER, Daniela Salzano Hungria. *Benjamim Costallat: costumes cariocas nos anos 20*. 2000. 231f. Dissertação. Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro.

<sup>185</sup> RESENDE, Beatriz. A volta de Mademoiselle Cinema. In: COSTALLAT, Benjamim. *Mademoiselle Cinema*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1999, p.10.

<sup>186</sup> Na prisão. Uma carta ao Sr. Orestes Barbosa. S/d, s/l. Acervo Particular Dora Costallat Martins Ferreira. Álbum 1921-1922.

<sup>187</sup> Os Mistérios do Rio: é esse o título do novo sensacional livro de Benjamim Costallat. *A Gazeta de São Paulo*, São Paulo, 14/03/1924. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

capas desenhadas por importantes caricaturistas. Chin, por exemplo, assinou, entre outros, a primeira edição de *Modernos*, impressa por N.Viggiani.

Em 1923, o trabalho de editor deve ter parecido ao jovem escritor uma boa oportunidade de obter lucros com a atividade intelectual. No artigo *A vitória do livro*, publicado em outubro de 1921 no *O Imparcial*, observando o meio editorial brasileiro, Costallat constatava que já vendíamos “suficientemente livros para enriquecer os nossos editores”<sup>188</sup>.

Meses antes, em viagem à Europa, o escritor declarou a um jornalista da *Gazeta de Notícias* o que mais lhe entusiasmara no velho continente: “o movimento de inteligência, de produção mental e de trabalho que sacode a Itália, de norte a sul”<sup>189</sup>. Na mesma ocasião, escreveu um artigo, intitulado *Literatura vermelha* e publicado na *Gazeta de Notícias* e no livro *Mutt, Jeff & Cia*, no qual era descrito o aumento da produção editorial e do hábito de leitura na Itália.

Lê-se muito, horrivelmente. Devoram-se livros. Desde o menino do elevador até o cocheiro à espera de freguês – todos lêem. E há uma literatura para cada um, um autor para cada qual, uma edição para cada bolsa. Da novela em formato de jornal, por dez centimos, até o livro caro, ricamente editado. É uma febre.

Todos escrevem e todos lêem. E como ainda se lê mais do que se escreve, todos os autores são lidos, por mais medíocres, por mais insignificantes. Tudo se vende. Tudo se lê. É uma epidemia do papel impresso. Um histerismo que assalta autores e leitores, e que faz de editores, ontem paupérrimos, os milionários do dia.

Os nomes dos escritores pouco interessam. O que se quer é o livro que saiu quente, tépido, como o pão do forno, e que os editores atiram à voracidade cega do público.<sup>190</sup>

A despeito das críticas feitas por muitos intelectuais a esta febre italiana pelos seus “péssimos frutos literários”, Costallat via de forma positiva a intensa atividade literária e editorial do país na medida em que permitia a publicação e divulgação de talentos até então desconhecidos.

No sem número de livros vazios e inúteis, muitos temperamentos sinceros, brilhantes, têm que surgir, saltar, vir à tona. Quantos borbotões vêm à flor d’água com a agitação do mar? Nesse caos literário, nessa quantidade entontecedora de obras impressas, quantas aptidões ignoradas, quantos valores adormecidos serão despertados pela claridade violenta da publicidade? Quanto sangue novo virá

<sup>188</sup> COSTALLAT, Benjamim. A vitória do livro. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 30 de outubro de 1921. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

<sup>189</sup> Impressões da Europa. Palestra com o escritor Benjamim Costallat. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 07 de julho de 1921. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

<sup>190</sup> COSTALLAT, Benjamim. *Literatura vermelha*. In: *Mutt, Jeff & Cia*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, 1922, pp.175-176.

vivificar a literatura? Quantas idéias, quantos ritmos inéditos serão criados? Quanto colorido na infinita palheta das palavras?

E depois, esse meio, esse meio febril de obras que saem do prelo, de editores que jogam com milhões, de autores que vivem do livro, esse meio formidável do pensamento valorizado, do talento reconhecido, dos trabalhos em elaboração, da luta, da febre, da emotividade – tudo isso é o bastante para proliferar, a cada canto, escritores magníficos, fortes e originais.

(...)

Não creio, pois, que esse movimento intenso da literatura sensacionalista na Itália seja um movimento inferior nem desvantajoso para a arte de escrever. É um movimento de sinceridade e de verdade para o qual todos podem concorrer. Haverá alguns escritores que melhor seria ficassem ou no eterno anonimato ou a fazer receitas em alguma aldeia de província. Mas, em compensação, quantas injustiças serão reparadas, quando um desses desconhecidos de ontem se tornar, pelo seu merecimento posto em foco, em pleno, esplendido e honesto foco da opinião pública, uma das mais raras glórias de hoje!

(...)

A Itália, sempre à frente das idéias avançadas, está neste instante de ebulição de sua literatura, fazendo tão grande obra social quanto de arte. Obra de arte onde novos horizontes se rasgam para os que querem traduzir as coisas e sua existência com o ritmo forte da frase e com a sonoridade elegante do vocábulo.

Esse momento, cuja importância só a distancia dos anos fará compreender, será para a literatura italiana uma fase de liberdade de esplendor em que só não apareceu aquele que não quis, só não subiu aquele que não pôde!...<sup>191</sup>

Em contraposição à situação italiana, Costallat descrevia o meio literário e editorial brasileiro e lamentava as dificuldades encontradas pelos escritores, sobretudo os das províncias, para publicar e divulgar seu trabalho.

Vejamos o Brasil. Essa terra imensa, terra de gigantes que eu vejo engrandecida ainda pela minha saudade. No Brasil, afora meia dúzia de capitais de Estados, não há meio literário, como não há meio artístico de espécie alguma. Tudo é província. Província nos modos, província nos hábitos, província nos aspectos. Só se conhece um gênero de escritor – o escritor provinciano, que é sempre poeta, e quase sempre o farmacêutico da cidade. Faz sonetos. Sonetos entre duas receitas, como o Sr. Alberto de Oliveira, antes de ser imortalizado, no seu bom tempo de farmácia. Esses sonetos desses escritores de província só conhecem dois gêneros de publicidade – o jornal semanário local, que lhe dará agasalho, se o literato farmacêutico for da mesma política que o ‘coronel’, diretor do pasquim, e os numerosos ‘carnets’ mais ou menos azuis das meninas mais ou menos namoradeiras da localidade. Só se faz literatura para meninas ou para ‘coronéis’. E eis tudo. É o que o meio permite. É o que se pode fazer em semelhante atmosfera. Atmosfera onde as inteligências se sufocam e onde a suprema ambição de todos é ser vigário, comandante de destacamento, chefe político ou chefe da banda.

Que pode, pois, fazer um escritor nascido nessa família de vigários, de comandantes de destacamento e de farmacêuticos? Que pode fazer esse pobre diabo, sem esperança de editor, sem esperança de um grande jornal para se expandir?

O jornal provinciano faz o jornalista provinciano. O escritor de cidadezinha não passará de versificar, em todas as cadências e com todas as rimas, os olhos da menina da esquina. É o seu destino.

Quantos temperamentos, como plantas sem ar, se têm emurchecido nessas cidadezinhas de província? E quantos grandes cretinos das grandes cidades

<sup>191</sup>

Ibid, pp. 178-182.

contam justamente com isso, justamente com essa falta de concorrência desses valores, que eles sabem existir, mas que sabem abafados, para dominarem facilmente o mercado do livro, do jornalismo, e das não poucas glórias e proveitos que com eles se tiram...<sup>192</sup>

Costallat acreditava, portanto, que “só o grande meio faz o grande escritor”<sup>193</sup> e que “o artista só consegue expandir-se, como certa flora delicada, dentro de atmosferas propícias”<sup>194</sup>. E, por isso, defendia o incentivo à edição de autores brasileiros para que nossos talentos fossem descobertos e divulgados: “Tratemos [...] como na Itália, de editar todos os dias, a todas as horas, um livro nosso, um autor nosso, um novo livro, um novo autor. Não será, então, difícil de descobrir todos os anos “o” novo livro e “o” novo autor!...”<sup>195</sup>

No final de 1921, porém, ao retornar do velho continente, observava que nosso mercado editorial começava a ser contaminado pelo “movimento febril que domina [va] [...] o mercado do livro na Europa”. O entusiasmo do escritor devia-se, sobretudo, à atuação de dois editores, que possuíam “a curiosíssima qualidade de serem brasileiros e de ganharem dinheiro no Brasil”<sup>196</sup>: Monteiro Lobato, em São Paulo, e Leite Ribeiro, no Rio de Janeiro.

Costallat admirava os métodos adotados por Lobato, que conseguia conquistar o “máximo de leitores” brasileiros.

Monteiro Lobato tão grande editor quanto escritor tem feito maravilhas no comércio do livro. Suas edições primorosas têm lançado nomes e obras por todos os recantos desta terra.

Com agentes em toda parte, distribuindo admiravelmente seus livros, Monteiro Lobato tem conseguido do Brasil o seu máximo de leitores. O autor de “Urupês” não é só o escritor mais lido, como também é o editor mais divulgado. Só agora, com essa edição popular, em fascículos, de autores nossos, que se inaugura com “Urupês”, Monteiro Lobato vem prestar à literatura nacional um serviço inestimável.<sup>197</sup>

A inauguração da nova sede da Leite Ribeiro, que ocuparia um antigo armazém de carros, era anunciada com grande entusiasmo pelo escritor.

Quanto ao nosso coronel Leite Ribeiro é ele o audacioso criador dessa livraria fantástica que vai por esses dias se abrir. Livraria que vem ocupar o local de um armazém, colosso, de automóveis. Pela primeira vez vejo nesta época o livro

<sup>192</sup> Ibid, pp. 179-180.

<sup>193</sup> Ibid, p. 179.

<sup>194</sup> Id. A arte e o Brasil. S/1, 20 de junho de 1927. Acervo Particular Dora Costallat Martins Ferreira. Álbum 1927-1931.

<sup>195</sup> Id. A vitória do livro. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 30 de outubro de 1921. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

<sup>196</sup> Ibid.

<sup>197</sup> Ibid.

vencendo o automóvel. E com Leite Ribeiro nós podemos contar que o livro venderá alguma coisa mais...<sup>198</sup>

Debruçando-se sobre este “movimento literário importantíssimo” então em voga, Costallat observava, com grande contentamento, a existência de rivalidades e concorrências entre os livreiros.

O editor Castilho em menos de um mês apronta uma esplêndida obra de “folklore”, “Cantadores”, que ele tira a 10 mil exemplares. Na mesma semana Leite Ribeiro responde de sua livraria editando obra do mesmo gênero. “Ao som da viola” documentadíssimo livro de Gustavo Barroso. E nessa luta inteligente vão-se vendendo livros. Livros nacionais. Livros nossos.<sup>199</sup>

As duas últimas frases do trecho – “Livros nacionais. Livros nossos.” - sugerem o principal mérito atribuído por Costallat às atividades editoriais de Monteiro Lobato e de Leite Ribeiro: a publicação de obras de autores nacionais. Diferentemente de outras editoras, que privilegiavam a publicação de autores estrangeiros, eram os títulos nacionais que predominavam nos catálogos das duas casas. Dessa forma, os editores incentivavam o trabalho dos escritores brasileiros. Ao dedicar o livro *Cock-tail* a seu editor, o autor reconhecia em Leite Ribeiro “a energia e a vontade que tornaram possível no Brasil a profissão de escritor”<sup>200</sup>.

Mas não bastava publicar obras nacionais. Era preciso torná-las atraentes a um amplo público. E tanto Lobato quanto Leite Ribeiro dispensaram um cuidadoso tratamento a estas obras e investiram em sua divulgação, conseguindo difundir em diferentes estados suas edições nacionais. Pela primeira vez, segundo Costallat, o livro estrangeiro perdia lugar para o livro brasileiro.

O livro francês de capa amarela, antigo 3fr.50, atual 8 fr.50, vai sendo desprezado. Não só custa caro como e principalmente não interessa mais. Ainda está na guerra. Só fala em guerra. Guerra ou conseqüências de guerra. É irritante.

E de tal forma que o Brasil, que já começa a interessar aos brasileiros, também se torna interessante pela sua literatura. O que dará essa literatura vivificada e exaltada pelos seus primeiros sucessos – não se pode desde já avaliar.<sup>201</sup>

A grande presença de obras estrangeiras nas livrarias brasileiras incomodava profundamente Costallat, que atribuía a preferência dos editores e leitores brasileiros ao

<sup>198</sup> Ibid.

<sup>199</sup> Ibid.

<sup>200</sup> COSTALLAT, Benjamim. *Cock-tail*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, 1923, s/p.

<sup>201</sup> Id. A vitória do livro. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 30 de outubro de 1921. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

exagerado estrangeirismo de nossa sociedade, que levava a uma desvalorização de tudo que fosse nacional.

O Brasil não acredita em si nem nos seus filhos. Ser brasileiro no Brasil é sinônimo de incapaz em qualquer ramo de atividade. Achamos que os grandes homens só podem ter nascido em outros países, nunca no nosso, como se o talento, a coragem e a cultura fossem meras funções de latitude e de longitude, fossem uma questão puramente geográfica, de uma geografia em que a nossa terra não entra....<sup>202</sup>

O estrangeirismo foi apontado pelo escritor, em muitos de seus textos, como uma das mais nefastas características da sociedade brasileira moderna das primeiras décadas do século XX. Apesar da inegável e forte influência de Paris e de seus intelectuais enquanto parâmetro cultural para a sua criação literária, Costallat dirigia, em muitas de suas crônicas, duras críticas à exagerada influência exercida pelos hábitos e pelas idéias estrangeiras, notadamente francesas, sobre a sociedade brasileira. Para Brito Broca, o escritor inseria-se numa orientação nacionalista do pós guerra. A eclosão e o desenrolar da Grande Guerra transformara substancialmente o pensamento mundial. A Europa destruída e decadente não era mais um modelo a ser seguido. Neste sentido, portanto, é que devem ser compreendidas as duras críticas feitas pelo escritor ao retornar ao Brasil à elite carioca que tanto valorizava e macaqueava uma Europa imoral e decadente. Segundo Brito Broca,

No “1900”, o chique era louvar-se Paris e fazer como se fazia em Paris. De 1915 em diante, mais ou menos, começou a formar-se uma corrente, para a qual o chique seria renegar Paris, reivindicando as vantagens, a superioridade de tudo quanto trazia a marca nacionalista, de coisa cheirando a terra, a caboclisto. Tendo permanecido cerca de dez anos em Paris - estudando música, se não nos enganamos – em lugar de voltar, desdenhando o Brasil, como se tornava freqüente até 1915, Costallat regressou picado de nacionalismo, achando que vivíamos a macaquear uma Europa velha e decadente.<sup>203</sup>

Dessa forma, como já foi afirmado, a admiração de Costallat pelo “movimento muito sério” das empresas de Monteiro Lobato e Leite Ribeiro devia-se, sobretudo, ao investimento destes editores nos autores nacionais. Não é de se espantar, portanto, que Benjamim Costallat tenha adotado, pouco mais de um ano depois, alguns dos métodos destas casas ao se lançar à empreitada de editor.

Afirmando seu desejo de realizar uma “campanha pelo livro nacional”, difundindo por todo o território nossa produção literária, Costallat viajou, poucos meses antes da

<sup>202</sup> Idem. Martins. In: *Fitas*. Rio de Janeiro: Benjamim Costallat & Miccolis, 1924, p. 56.

<sup>203</sup> BROCA, Brito. *Escrita e vivência*. Campinas: Editora UNICAMP, 1993, p.185.



inauguração de sua empresa, a diferentes capitais das regiões norte e nordeste. O objetivo era estreitar relações com escritores destes estados e com empresários e comerciantes locais, negociando futuras publicações e conquistando distribuidores. Afinal, o programa da Benjamim Costallat & Miccolis previa a publicação de autores nacionais, oriundos das diferentes regiões do país. Sua visita foi noticiada com grande entusiasmo pelos jornais, que exaltavam os objetivos nacionalistas de sua futura empresa.

Está anunciada para breve, uma viagem, pelo norte do Brasil, desse vitorioso escritor patricio, que é um dos mais admiráveis cronistas da metrópole brasileira.

[...]

Mas não é como escritor que nos vem visitar o sr. Benjamim Costallat, é sim como editor, pois ele pretende fazer o intercâmbio intelectual brasileiro com a sua futura empresa.

[...]

A Paraíba aguarda ansiosa a visita de seu inteligente compatriota.<sup>204</sup>

Entre 1923 e 1927, período em que esteve à frente da Benjamim Costallat & Miccolis, Costallat realizou outras viagens a diversos estados brasileiros. Em março de 1924, por exemplo, periódicos de São Paulo noticiaram a presença na cidade do escritor e de seu sócio José Miccolis. Na capital paulista, com o objetivo de “tratar de negócios da sua importante empresa editora”, os editores encontraram-se com diversos escritores e livreiros.<sup>205</sup>

Além de editar autores de diferentes regiões, Costallat buscou investir numa rede de difusão destas obras “por todo o Brasil”. O lema da nova casa editora, encontrado em seu símbolo, já demonstrava esta preocupação. Dessa forma, uma das primeiras medidas adotadas foi o envio de uma circular a jornais, livrarias e diferentes estabelecimentos comerciais espalhados pelo país, apresentando os objetivos da empresa e as condições de comercialização de seus produtos. A circular foi transcrita e publicada por jornais de diferentes estados, como *A União*, da Paraíba do Norte, que, sob o título “*Por todo o Brasil*”: *Uma grande empresa editora*, publicou o documento. Antecedia a circular um texto, exaltando “a grande empresa editora” que acabava de ser fundada no Rio de Janeiro “sob os melhores auspícios”, e destacando o caráter nacionalista do programa de Costallat.

O símbolo - POR TODO O BRASIL atesta os erguidos e nobres desejos daqueles editores de realizarem uma obra eminentemente nacional, que é a aproximação entre

<sup>204</sup> Benjamim Costallat. *A tarde*, Paraíba do Norte, 18 de abril de 1923. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

<sup>205</sup> *Jornal do Commercio*, São Paulo, 16 de março de 1924. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

os intelectuais do país espalhados nos Estados, lançando seus livros à leitura do grande público, à crítica, ao balanço dos seus valores mentais. Só por isso mereceria essa digna empresa todas as simpatias da população letrada.<sup>206</sup>

Na circular, era destacado o perfil dos autores a serem publicados pela nova casa e informada a existência de negociações com escritores de diferentes estados.

Nossa produção será a melhor e a mais variada. Para isso, contratamos os mais lidos e os mais sensacionais autores brasileiros em todos os gêneros como sejam: Humberto de Campos, Bastos Tigre, Benjamim Costallat, Théó Filho, José do Patrocínio Filho, Guilherme de Almeida, Orestes Barbosa, Evaristo de Moraes, Alvaro Moreyra, Mendes Fradique, Olegário Mariano, Mario Hora, etc.etc., como estamos também em negociações entabuladas com os principais escritores residentes nos Estados, porque o nosso lema é POR TODO O BRASIL.

Editaremos autores de norte a sul e difundiremos de sul a norte todas as nossas edições.<sup>207</sup>

Além de identificar possíveis nomes a serem publicados, a circular destacava o cuidadoso tratamento editorial que seria dispensado às edições graças à sociedade com o estabelecimento tipográfico pertencente a José Miccolis, que estaria “apto a produzir até dois livros por dia”. O objetivo era publicar livros atraentes e, portanto, vendáveis.

O nosso livro é interessante desde a sua fatura, passando pela capa (desenhada pelos mestres do lápis: G.Palumbo, J.Carlos, Kalixto, Di Cavalcanti, Fritz, Raul, Romano) até ao seu conteúdo que será assinado por um nome vibrante nas letras nacionais.

Temos um vasto programa. E o executaremos.

Sabemos o que o público pede. Sabemos o que o escritor pode dar. Seremos os intermediários entre o gosto de um e a produção de outro. Nada mais.

Diante disso, o nosso livro terá uma qualidade rara, geralmente entre os livros brasileiros – será vendável.<sup>208</sup>

Esta preocupação em tornar atraentes as publicações encontrava-se intimamente vinculada ao desejo de Costallat de incentivar a difusão do livro literário brasileiro. Os livros deveriam ser atraentes, pelos autores – “os mais lidos e sensacionais”-, pelos enredos, pelos títulos e também por seus aspectos materiais. É neste sentido, portanto, que deve ser compreendida a atenção dada pelos editores à presença de ilustrações coloridas e à escolha do título, por exemplo. A intenção de levar as obras além dos limites da capital republicana foi visível na interferência de Costallat na escolha do título do novo livro de Ribeiro Couto: o

<sup>206</sup> “Por todo o Brasil” Uma grande empresa editora. *A União*, Paraíba do Norte, s/d. Acervo Particular Dora Costallat Martins Ferreira.

<sup>207</sup> Ibid.

<sup>208</sup> Ibid.

argumento do escritor para substituir “Guanabara” por “Rio de Janeiro”, como se destacou no capítulo anterior, era tornar o título compreensível a leitores de diferentes estados.

Ao apresentarem, na circular enviada a livreiros e comerciantes de diferentes estados, as condições de venda de suas edições, Costallat e Miccolis destacavam o caráter vendável de seus produtos.

A nossa porcentagem fica estabelecida em 20% em consignação e 25% em conta firme.

Se é pouca a porcentagem, devais considerar que vendendo um artigo de fácil aquisição dareis à vossa casa um lucro superior ao que presentemente ganhais com a venda (?) de certos livros, que, pela sua fatura, pelo seu gênero e pelos seus autores massudos, afugentam positivamente os compradores.

Que serve ter-se 40%, 50% ou 100% em alguma coisa que não se vende?

Não é melhor ter-se 20% numa mercadoria garantidamente vendável?

É a pergunta que vos fazemos, certo de vossa freguesia e dos vossos constantes pedidos. Os editores *Benjamim Costallat & Miccolis* – Avenida Rio Branco, 127.<sup>209</sup>

Diversos periódicos anunciaram, em 1923, a inauguração da Benjamim Costallat & Miccolis e divulgaram o programa da casa. A *Gazeta de Notícias*, por exemplo, anunciou a nova editora como uma “empresa de edições populares” e destacou a preferência de seus proprietários pela publicação de novos autores nacionais, o que corresponderia a uma diferença em relação a Monteiro Lobato. “Mas diversamente do Sr. Monteiro Lobato, o Sr. Costallat, somente editará obras de êxito garantido, quer pelo seu gênero, quer pelo valor real, ainda que nem sempre conhecido, dos autores. Por isso não publicará obras dos antigos escritores”<sup>210</sup>.

Além das “edições populares de autores nacionais”, o artigo destacou outra característica da empresa: a “intensa propaganda dos livros editados”, expostos “em todos os pontos frequentados, sem esquecer as bancas dos jornalheiros”. Como foi visto no capítulo anterior, foram inúmeras as estratégias de publicidade adotadas pelos editores, como a divulgação da quantidade de milheiros vendidos e a publicação de trechos ousados dos livros em importantes periódicos. Essa ampla publicidade era de suma importância para a difusão dos livros ao máximo de leitores brasileiros. Assim, publicando edições populares de autores

<sup>209</sup> Ibid.

<sup>210</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, s/d. Acervo Particular Dora Costallat Martins Ferreira. Álbum 1923 a 1927.

nacionais e novos e investindo numa ampla divulgação, o objetivo da nova casa era “formar um público numeroso”.<sup>211</sup>

Costallat afirmava que, além do desenvolvimento do mercado editorial e da literatura brasileira, objetivava incentivar a instrução no país. A precariedade do sistema educacional brasileiro foi abordada em diversos textos pelo autor. No artigo “Instrução?”, por exemplo, Costallat narrou as precárias condições das escolas cariocas, que visitara com o Doutor Fernando de Azevedo, então Diretor da Instrução. Apesar do esforço e da dedicação das professoras, o autor observava a falta de instalações pedagógicas, de material escolar, de conforto e de higiene. Afirmando que “tudo que é casa velha, inutilizada, imprópria para aluguel, imunda e em ruínas, é aproveitada para a escola pública”, Costallat descrevia as escolas da capital como “verdadeiros pardieiros”. E, narrando o que observara numa escola do bairro de Copacabana, recomendava aos pais dos alunos:

E essas trezentas crianças vão receber educação em uma casa de cômodo daquela ordem, sem as mais elementares regras de higiene, na promiscuidade sórdida da única “instalação sanitária!”.

Não.

Francamente.

Eu aconselho aos pais que tirem os seus filhos daquela imundície.

É melhor que eles venham aumentar o número dos brasileiros analfabetos, a virem aumentar o número dos porcos brasileiros.<sup>212</sup>

Diante das péssimas condições das escolas públicas cariocas, o intelectual apoiou a reforma educacional posta em prática entre 1927 e 1930 por Fernando Azevedo, então Diretor do Departamento de Instrução Pública do Distrito Federal. Azevedo defendia em seu programa, entre outros, a extensão do ensino a todas as crianças em idade escolar. Em outro artigo sobre a reforma, Costallat comparou o prefeito Prado Junior a Pereira Passos.

O Sr. Prado Junior também deixará seu nome ligado a esta cidade, se conseguir realizar, no domínio do espírito, como um novo Passos, um arrasamento total de velhas escolas sem higiene, de regulamentos confusos sem aplicação, e se abrir, na inteligência nova das crianças cariocas os caminhos largos da cultura e do saber.<sup>213</sup>

Costallat acreditava que a publicação de obras nacionais, cuidadosamente editadas e intensamente divulgadas, também consistia num importante instrumento de incentivo à

<sup>211</sup> Ibid.

<sup>212</sup> COSTALLAT, Benjamim. Instrução?, s/l, s/d. Acervo Particular Dora Costallat Martins Ferreira. Álbum 1927.

<sup>213</sup> COSTALLAT, Benjamim. A Reforma da Instrução, s/l, 15 de setembro de 1927. Acervo Particular Dora Costallat Martins Ferreira. Álbum de 1927 a 1930.

leitura e de combate ao analfabetismo. Em 1931, na crônica *Um animador do livro*, ao identificar a “admirável expansão” vivenciada na década anterior pela indústria do livro no Brasil, o autor atribuía tal avanço ao “admirável esforço” de “meia dúzia de vontades” que vinham trabalhando “para ensinar esta terra a ler”.

Mais útil do que todos os programas de ensino e todas as reformas de instrução tem sido o trabalho dessas vontades a favor da cultura geral do país.

Barateando o livro, tornando-o atraente, preparando um público exigente para o futuro com as seduções fáceis de hoje, interessando desde as primeiras letras a criança a esse amor pelo livro, que é o mais fiel e o mais duradouro dos amores, e um amor que é próprio de todas as idades – alguns homens, no Brasil, de uns anos para cá, têm posto um grande entusiasmo, uma grande audácia e uma grande fé ao serviço da inteligência e da obra tipográfica.<sup>214</sup>

Neste sentido é que se deve pensar o cuidadoso tratamento editorial dispensado ao livro infantil *Histórias de Bonecos* - impresso num formato maior, em cartonagem, e com coloridas e grandes ilustrações. O objetivo era atrair pequenos leitores, “interessando desde as primeiras letras a criança a esse amor pelo livro”. E, como sugerem os reclames publicados ao final do álbum, os editores tinham a intenção de investir numa coleção destinada ao público infantil e caracterizada por “coloridas histórias”.

No texto de 1931, Costallat descrevia o editor como uma “mistura de industrial e de artista” que, além das “qualidades de gosto e de bom senso”, deveria ter as “qualidades industriais de um Ford no barateamento da produção” e “procurar dar o máximo e saber receber o mínimo”. E, entre as vontades que vinham “criando o prestígio e preparando a vitória do livro nacional”, destacava a atividade editorial de Getúlio Costa, que levava o livro brasileiro à Europa e às colônias portuguesas na África.<sup>215</sup> É válido ressaltar que Getúlio Costa foi o responsável, anos depois, pela edição de alguns livros de Costallat, como o romance *A virgem da macumba*, cuja primeira edição foi publicada em 1934 por sua Civilização Brasileira e cuja segunda edição foi impressa pela casa Getúlio Costa Editor em 1941.

Em 1931, Costallat não atuava mais como editor, mas as considerações tecidas na crônica *Um animador do livro* encontravam-se em consonância com o projeto que buscou executar anos antes como proprietário da Benjamim Costallat & Miccolis. O programa da editora incluiu a publicação de autores nacionais e novos, oriundos das diferentes regiões do

<sup>214</sup> Id. *Um animador do livro*. In: *O.K. crônicas*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1931, p.99. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

<sup>215</sup> *Ibid*, p.100.

país; uma intensa divulgação e difusão destas obras nas diferentes regiões; além da preocupação com o projeto gráfico dos livros. Tratava-se, portanto, de uma proposta de publicar obras atraentes ao grande público escritas por literatos brasileiros e, assim, contribuir também para a formação de um público leitor no país.

Os objetivos da campanha empreendida por Costallat e Miccolis em prol do livro nacional foram elogiados por diversos intelectuais. Francisco Eiras, no prefácio de seu romance *Os cadetes*, descreveu seus jovens editores como “audazes pioneiros de uma campanha pró-livro literário brasileiro”<sup>216</sup>. Hamilton Barata, ao comentar a intensa atividade editorial da Benjamim Costallat & Miccolis, enalteceu a figura do sócio italiano, descrito como um “civilizador”.

[...] este latino tem feito, no Brasil, como os seus remotos antepassados na África, na Germânia, na Ibéria ou na Gália – embora num outro terreno – tem feito obra de Civilização. Expandir os fundamentos da cultura mental de um povo é, sem dúvida nenhuma, missão de um Civilizador. E outra coisa não tem efetuado José Miccolis.<sup>217</sup>

Citando Hasslocher, Barata afirmava ainda que José Miccolis não era “apenas um industrial italiano” e sim “algo mais”: “Principia que ele é brasileiro, pelo amor que tem ao Brasil. E depois, não é um industrial: é um jornalista, um intelectual, um esteta. É um cavalheiro e um homem culto. É um homem de ação”.<sup>218</sup>

Apesar de suas intenções pró-livro literário brasileiro terem sido largamente elogiadas por muitos intelectuais, alguns dos métodos adotados por Costallat para pôr em prática seu projeto lhe renderam inúmeras críticas e suscitaram divergências no meio cultural brasileiro, como a edição de títulos e enredos provocantes. Pela publicação de *Mademoiselle Cinema* e de *Os devassos*, como já foi visto, Costallat e José Miccolis responderam a dois processos pela edição de obras consideradas pornográficas e imorais.

A atuação, no Rio de Janeiro, de Benjamim Costallat pode ser comparada à atuação, em São Paulo, de Monteiro Lobato. Escritores que se lançaram à empreitada de editor, tanto Costallat quanto Lobato manifestavam preocupação com a expansão do mercado livreiro no Brasil, investindo na publicação de autores nacionais, na divulgação e difusão dos livros e na qualidade gráfica das edições.

<sup>216</sup> EIRAS, Francisco. *Os cadetes*. Rio de Janeiro: Benjamim Costallat & Miccolis, 1925, p.10.

<sup>217</sup> BARATA, Hamilton. José Miccolis. *Jornal do Povo*. Rio de Janeiro, 10 de julho de 1925. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional - Brasil.

<sup>218</sup> Ibid.

Como Costallat, Lobato manifestou, desde o início de sua carreira literária, a preocupação em sobreviver com sua produção literária e lamentava que a literatura não fosse encarada como mercadoria. “É pena que a literatura não seja mercadoria aqui entre nós, porque nós que não sabemos cavar com a enxada, nem temos balcão, vemos a uma produção de que somos capaz, dar menos resultado pecuniário do que o arroz, o milho, o toucinho”<sup>219</sup>.

Lobato iniciou sua atividade editorial em 1918, com a compra da *Revista do Brasil*, periódico no qual colaborava desde 1916 com artigos e críticas literárias. E até 1930, além da Editora da Revista do Brasil, esteve à frente da Monteiro Lobato & Cia e da Companhia Editora Nacional. Segundo Koshiyama, “editar livros no período 1918-1930 foi também um meio de divulgar sua obra de escritor. Enquanto outros escritores iniciantes dependiam da acolhida dos poucos editores ligados às casas estrangeiras para publicar livros, Monteiro Lobato tornou-se o empresário de sua produção intelectual. E, ao procurar negociar sua produção intelectual, Monteiro Lobato buscou inovações para a empresa de livros no Brasil”<sup>220</sup>.

Alguns dos métodos que marcaram sua atividade editorial, como a ampla divulgação e a criação de uma rede nacional de distribuição de livros e a preocupação com a qualidade gráfica das obras, levaram alguns estudiosos a considerá-lo um editor revolucionário.

Entre as estratégias de divulgação adotadas por Lobato, pode-se citar a divulgação dos livros primeiramente entre importantes críticos literários com o objetivo de comentários favoráveis sobre as obras serem publicadas antes de seu lançamento. As polêmicas geradas por algumas obras também eram exploradas por Lobato nos anúncios. Nos primeiros anos, como destaca Koshiyama, Lobato utilizou a *Revista do Brasil*, órgão de prestígio entre os literatos, para divulgar os títulos editados nas seções bibliográficas, publicar notas elogiosas aos livros e transcrever comentários favoráveis publicados na imprensa<sup>221</sup>.

Além de investir numa intensa publicidade, Lobato dedicou-se à criação de uma rede nacional de distribuição. Preocupado em difundir suas edições às diversas regiões do

---

<sup>219</sup> LOBATO, Monteiro. *Cartas escolhidas*. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1972, p.45. Apud KOSHIYAMA, Alice Mitika. *Monteiro Lobato*. Intelectual, empresário, editor. São Paulo: Edusp, 2006, p.57.

<sup>220</sup> KOSHIYAMA, Alice Mitika. *Monteiro Lobato*. Intelectual, empresário, editor. São Paulo: Edusp, 2006, p.67.

<sup>221</sup> Ibid, p. 68.

país – desejava “entupir este país com uma chuva de livros”<sup>222</sup> -, entrou em contato com comerciantes de diferentes estados, oferecendo um novo produto a ser vendido em seus estabelecimentos: o livro. Como destaca Carla Bignotto, foi fundamental para o funcionamento e a expansão desta malha distribuidora a atuação de escritores de diversos pontos do país, indicando a Lobato endereços de casas de comércio em suas localidades. Eis como Lobato explica a criação dessa rede.

Redigi uma circular que mandei remeter ao endereço de pessoas conhecidas, ou, quando não, do prefeito de cada localidade. Essa circular dizia, mais ou menos: pedimos o favor de indicar-nos um livreiro, ou um vendeiro, ou um açougueiro... qualquer pessoa honesta, estabelecida, que possua no mínimo uma porta onde expor a mercadoria que possamos oferecer-lhe. Vieram os endereços. A estes, nova circular propondo essa coisa simples: aceitar nossos livros em consignação. O senhor, escrevemos ao interessado, não terá que pagar-nos. Se a mercadoria encalhar, devolva; se for vendida, remeta-nos o dinheiro menos a porcentagem que lhe toca. Trata-se de mercadoria que o senhor não precisa examinar nem saber se é boa, nem vir a escolhê-la. O conteúdo não interessa ao senhor e sim ao seu cliente, o qual dele tomará conhecimento através das nossas explicações nos catálogos, prefácios, etc... Negócio da China! Recebemos inúmeras propostas, fomos fazendo nosso fichário. Criamos novas possibilidades antes nem sonhadas.<sup>223</sup>

A presença de distribuidores espalhados pelo país levou Lobato a declarar, em 1923, com entusiasmo: “As novidades que a casa edita não ficam nas capitais, como acontecia antigamente, mas infiltram-se pelo país inteiro e vão procurar os leitores onde quer que eles se encontrem.”<sup>224</sup>

Também era grande a preocupação de Lobato com a recepção de suas edições. O temor de não agradar o público levou Lobato a negar a Oswald de Andrade a publicação de sua *Paulicéia desvairada*.

[...] estive relendo a tua paulicéia e... fiquei sem coragem de editá-la. Esta uma coisa tão revolucionária que é capaz de indignar a minha clientela burguesa e fazê-los lançar terrível anátema sobre todas as produções da casa, levando-nos à falência. Não sou dos menos corajosos, mas confesso que neste caso a coragem falece-me por completo...<sup>225</sup>

<sup>222</sup> LOBATO, Monteiro. *A Barca de Gleyre*. Quarenta anos da correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel. São Paulo: Brasiliense, 1951, p.7.

<sup>223</sup> LOBATO, editor revolucionário. Entrevista com Monteiro Lobato. In: revista *Leitura*, vol. 10, setembro de 1943.

pp.13 e 32. Apud. BIGNOTTO, Cilza Carla. Op.cit., p.302.

<sup>224</sup> “Movimento editorial”. *Revista do Brasil*, n.º 91, julho de 1923. p.230. Apud. BIGNOTTO, Cilza Carla. *Novas perspectivas sobre as práticas editoriais de Monteiro Lobato (1918-1925)*. 2007. 422f. Tese, Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP, São Paulo, p. 261.

<sup>225</sup> Carta de Monteiro Lobato a Mário de Andrade. Fundo Mário de Andrade, Instituto de Estudos Brasileiros (IEB)

da Universidade de São Paulo (USP). Código: MA-C-CPL4330. Apud. BIGNOTTO, Cilza Carla. *Novas perspectivas sobre as práticas editoriais de Monteiro Lobato (1918-1925)*. 2007. 422f. Tese, Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP, São Paulo, p. 257.



Como bem destaca Bignotto, o editor afirmava que, para alcançar êxito, as obras deveriam respeitar a “psicologia média do público”.<sup>226</sup> O termo - encontrado em várias cartas e resenhas, além de entrevistas concedidas a periódicos na década de 1920 – foi utilizado, por exemplo, na resenha elogiosa sobre *Os condenados*, livro de Oswald de Andrade publicado por Lobato. No texto, Lobato afirmava que “se o objetivo de um escritor é transmitir idéias e sensações, essa transmissão será tanto mais perfeita quanto mais respeitar a psicologia média dos leitores”<sup>227</sup>.

E foi com o objetivo de agradar o público leitor que Lobato se preocupou com a qualidade gráfica de suas edições. O fracasso de *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, de Lima Barreto, cujos três mil exemplares da primeira edição não foram vendidos, foi atribuído pelo editor à capa, redesenhada e impressa com cores mais fortes na segunda edição. Com capas desenhadas e coloridas, as edições lobatianas diferenciavam-se de inúmeros livros que, seguindo o padrão francês, apresentavam capas amarelas.

Lobato também investiu em brochuras vendidas a baixo preço com a criação, em 1921, da Coleção Brasília e da Coleção Popular. A Coleção Brasília, vendida a 1\$500 o exemplar, era anunciada pela Monteiro Lobato & Cia, com o objetivo de “fornecer ao público, por um preço mínimo, obras modernas, dos melhores autores nacionais”. O reclame destacava ainda que cada volume continha “a matéria usual de um livro de 250 a 300 páginas cujo preço corrente é de 4 e 5\$000”. Foram publicados pela coleção os seguintes títulos: *Urupês*, de Monteiro Lobato; *A Renegada*, de Carlos Dias Fernandes; *Cidades Mortas*, de Monteiro Lobato; *Romance de Engenho*, de Mario Sette; *Os Condenados*, de Gabriel Marques; *Os Cangaceiros*, de Carlos Dias Fernandes; *O Bandido do Rio das Mortes*, de Bernardo Guimarães; e *Negrinha*, de Monteiro Lobato. A Coleção Popular, lançada na mesma época, era composta por clássicos da literatura nacional e estrangeira, com preço inicial de um mil réis o livro.

Outra estratégia adotada por Lobato, além da criação de coleções populares, foi a edição de um mesmo livro em versões brochura ou encadernada, o que lhe permitia agradar

<sup>226</sup> BIGNOTTO, op.cit., p.261.

<sup>227</sup> LOBATO, Monteiro. Os condenados. Resenha publicada na *Revista do Brasil*, nº 81, setembro de 1922. Reproduzida em: LOBATO, Monteiro. *Críticas e outras notas, op. cit.*, pp.21-23. In: BIGNOTTO, Cilza Carla. *Novas perspectivas sobre as práticas editoriais de Monteiro Lobato (1918-1925)*. 2007. 422f. Tese, Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP, São Paulo, p. 257.

diferentes públicos. As edições populares, por exemplo, eram encadernadas em brochura, impressas com papel mais barato e vendida em bancas de jornais a baixos preços. Assim, como indicam catálogos da Monteiro Lobato & Cia e da Companhia Editora Nacional, os preços das edições variavam entre 1\$500 e 22\$000.

É possível, portanto, identificar muitas semelhanças entre as atividades editoriais de Monteiro Lobato e de Benjamim Costallat, como a preocupação com um sistema de distribuição que levasse suas edições a diferentes cidades brasileiras; a ampla publicidade; além da preocupação com a apresentação gráfica e com o preço das edições.

Benjamim Costallat e Monteiro Lobato inseriam-se num momento de profundas transformações no mercado editorial. Concebendo o livro como produto comercial e desejando ganhar dinheiro com a atividade de escritor, Costallat buscou pôr em prática uma campanha pelo livro nacional, que incluía a difusão de obras nacionais a um amplo público leitor, promovendo escritores nacionais e incentivando o hábito de leitura entre os brasileiros. Autores nacionais, títulos e enredos provocantes, cuidadoso projeto gráfico e intensa publicidade foram algumas das estratégias adotadas por Costallat e seu sócio Miccolis para o êxito de seu projeto de promoção da literatura nacional e de formação de um público leitor no Brasil.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desta monografia, ao nos debruçarmos sobre as atividades literária e editorial de Benjamim Costallat na cidade do Rio de Janeiro nos anos 1920, foi possível identificar sua preocupação com a recepção das obras e com a elaboração de um projeto de promoção da literatura nacional e de formação de um público leitor no Brasil.

No primeiro capítulo, dedicado à trajetória e à atividade literária do intelectual, identificamos como características marcantes de sua produção a linguagem acessível adotada e os provocantes enredos privilegiados. Costallat desejava atingir um amplo público leitor, composto sobretudo por setores médios urbanos que se encontravam em constante crescimento na capital republicana. Não por outro motivo investiu em personagens viciados, corruptos, despudorados pertencentes à alta sociedade carioca. A linguagem ágil e direta, em consonância com o acelerado ritmo da vida moderna que se impunha aos cariocas nas primeiras décadas do século XX, também contribuía para atrair os mais diversos leitores.

Além disso, tendo conhecimento das transformações por que passava a imprensa naquele momento, soube manter sua carreira jornalística, dedicando-se à produção de crônicas leves e curtas, muitas vezes sobre o cotidiano da cidade, em consonância com as exigências da “imprensa burguesa”<sup>228</sup> que se consolidava. Enquanto jornalista, soube utilizar este meio de comunicação de grande alcance para divulgar suas obras através de artigos polêmicos ou da divulgação dos milheiros vendidos. A ênfase dada pelo escritor à veracidade de suas narrativas e personagens correspondia a mais um recurso publicitário capaz de aguçar a curiosidade de seus leitores que constituíam uma ampla e diversificada gama de pessoas.

A preocupação com o público leitor foi visível também na atuação editorial de Costallat, analisada no decorrer do segundo capítulo. A Benjamim Costallat & Miccolis, como foi visto, investiu na publicação de autores nacionais, de títulos e enredos de sensação, no cuidadoso projeto gráfico das edições e numa intensa divulgação.

Esta preocupação com a recepção das obras, que caracterizou tanto sua atuação literária quanto editorial, encontrava-se vinculada ao seu desejo de sobreviver com a atividade literária. Nem médico, nem funcionário público, nem advogado: Costallat defendia

---

<sup>228</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad,1999, p. 355.

a necessidade de os escritores brasileiros conseguirem obter seu sustento através do pagamento pelos seus textos e da venda de seus livros a inúmeros leitores. Para isso, era preciso incentivar a edição de obras nacionais e concentrar esforços para tornar atraentes estes livros, conquistando inúmeros leitores.

Neste sentido, portanto, é que deve ser compreendida a “campanha pelo livro nacional”, que Costallat buscou pôr em prática com sua casa editorial. Observando os graves problemas que assolavam o meio literário brasileiro e dificultavam o trabalho dos literatos nacionais, o intelectual desejava empreender uma campanha em prol do livro literário brasileiro, promovendo o trabalho dos escritores nacionais e incentivando o hábito de leitura entre os brasileiros.

Como foi apontado, Costallat não estava sozinho. Outros livreiros, editores e escritores, concebendo o livro como produto comercial, dedicaram-se a projetos semelhantes. A atuação de homens, como Benjamim Costallat, Monteiro Lobato, Leite Ribeiro e Getúlio Costa, para a ampliação de um público leitor e a consolidação do mercado editorial brasileiro ainda merece ser melhor estudada. De todo modo, não se deve ignorar o surto editorial que, segundo estudiosos como Miceli e Halleweel, o Brasil presenciou na década de 1930, com a abertura e consolidação de grandes empresas editoras.<sup>229</sup> Teriam estes homens contribuído para o “surto” de anos depois?

---

<sup>229</sup> Cf. HALLEWELL, op.cit.; MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Medeiros e. *Páginas de crítica*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro & Maurillo, 1920.

ARAÚJO, Rosa Maria. *Vocação do prazer: cidade e família no Rio de Janeiro republicano*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

BIGNOTTO, Cilza Carla. *Novas perspectivas sobre as práticas editoriais de Monteiro Lobato (1918-1925)*. 2007. 422f. Tese, Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP, São Paulo.

BILAC, Olavo. *Conferências literárias*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, s/d.

\_\_\_\_\_. *Crítica e fantasia*. Lisboa: A .M. Teixeira, 1904.

\_\_\_\_\_. *Ironia e piedade*. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1926.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultri, 1994.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil: 1900*. 4.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

\_\_\_\_\_. *Escrita e vivência*. Campinas: Editora UNICAMP, 1993.

CARDOSO, Rafael (Org.). *O design brasileiro antes do design : aspectos da história gráfica, 1870-1960*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

\_\_\_\_\_. *Impresso no Brasil: destaques da história gráfica no acervo da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro: Verso Brasil, 2009.

CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

\_\_\_\_\_. (org.). *Sobre o pré-modernismo*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1988.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1998.

\_\_\_\_\_. (org.). *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

CECCANTINI, João Luis & LAJOLO, Marisa. *Monteiro Lobato, livro a livro*. Obra infantil. São Paulo: Editora Unesp: Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro, 2009, pp.44-47.

- EL FAR, Alessandra. *Páginas de sensação*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- \_\_\_\_\_. *O livro e a leitura no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.
- HOFFBAUER, Daniela Salzano Hungria. *Benjamim Costallat: costumes cariocas nos anos 20*. 2000. 231f. Dissertação. Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro.
- HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- JUNIOR, Raymundo Magalhães. *O fabuloso Patrocínio Filho*. 2 ed. Salvador: LISA, 1972
- KOSHIYAMA, Alice Mitika. *Monteiro Lobato*. Intelectual, empresário, editor. São Paulo: Edusp, 2006,
- LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.
- LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. v.4. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1963.
- LOBATO, Monteiro. *A Barca de Gleyre*. Quarenta anos da correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel. São Paulo: Brasiliense, 1951.
- \_\_\_\_\_. *Na antevéspera*. São Paulo: Globo, 2008,
- MARTINS, Milena. *Lobato edita Lobato: história das edições dos contos lobatianos*. 2003. 418f. Tese, Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP, São Paulo.
- MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MOLLIER, Jean-Yves. *O dinheiro e as letras*. História do capitalismo editorial. São Paulo: Edusp, 2010.
- NEVES, Margarida de Sousa. *A ordem é o progresso: o Brasil de 1870 a 1910*. São Paulo: Atual, 1991.
- PORTOLOMEOS, Andrea. *A crônica de Benjamim Costallat e a aceleração da vida moderna*. 2005. Tese. Universidade Federal Fluminense-UFF, Rio de Janeiro.
- RESENDE, Beatriz (org.) *Cocaína*. Literatura e outros companheiros de ilusão. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.

RIO, João do. *O momento literário*. Ministério da Cultura. Fundação Biblioteca Nacional. Departamento nacional do livro. p.4. Disponível em: <<  
<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000134.pdf>.>> Consulta em 09 de junho de 2011.

RODRIGUES, Marly. *O Brasil na década de 1920: os anos que mudaram tudo*. São Paulo: Ática, 1997.

SENNA, Homero. *República das letras*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da vida privada no Brasil vol. 3 – República: da Belle Époque à era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SILVA, Artur Emilio. *A semiologia urbana do Rio de Janeiro na obra literária de Benjamim Costallat*. 2000. 272f. Tese, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro.

SIMIONI, Ana Paula. *Di Cavalcanti ilustrador*. Trajetória de um jovem artista gráfico na imprensa (1914-1922). São Paulo: Editora Sumaré, 2002.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SUSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

VAZ, Leo. *Páginas vazias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.

VELLOSO, Mônica P. *Modernismo no Rio de Janeiro: turunas e quixotes*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

VERÍSSIMO, José. *A educação nacional*. 2 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1906.

- Edições Benjamim Costallat & Miccolis consultadas na Fundação Biblioteca Nacional

ALMEIDA, Mauro de. *Um crime no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Benjamim Costallat & Miccolis, 1925.

ALMEIDA, Moacyr de. *Gritos bárbaros*. Rio de Janeiro: Benjamim Costallat & Miccolis, 1925.

BARROSO, Gustavo. *Alma sertaneja*. Rio de Janeiro: Benjamim Costallat & Miccolis, 1923.

CELESTINO, Antonio. *No país da volúpia*. Rio de Janeiro: Benjamim Costallat & Miccolis, s/d.

CINTRA, Francisco de Assis. *Geografia política de São Paulo e Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Benjamim Costallat & Miccolis, s/d.

COSTALLAT, Benjamim. *Da letra F, no. 2*. Rio de Janeiro: Niccolau Viggianni, 1919.

\_\_\_\_\_. *Histórias de bonecos*. Rio de Janeiro: Costallat & Miccolis, 1924.

\_\_\_\_\_. *Mademoiselle Cinema*. Rio de Janeiro: Benjamim Costallat & Miccolis, 1923.

\_\_\_\_\_. *Mademoiselle Cinema*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1999.

\_\_\_\_\_. *Modernos*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, 1922.

\_\_\_\_\_. *Modernos*. 2 ed. Rio de Janeiro: Benjamim Costallat & Miccolis, 1923.

\_\_\_\_\_. *O.K. crônicas*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1931.

GUASTINI, Mario. *Política em torno de uma cadeira*. Rio de Janeiro: Benjamim Costallat & Miccolis, 1924.

LINTZ, Enéas. *Divino mal*. Rio de Janeiro: Benjamim Costallat & Miccolis, 1925.

MACHADO, Rodolpho. *O divino inferno*. Rio de Janeiro: Benjamim Costallat & Miccolis, 1924.

MAUL, Carlos. *A intriga entre o Brasil e a Argentina*. Rio de Janeiro: Benjamim Costallat & Miccolis, 1923.

MELO, Cecília Bandeira de. *Almas em desordem*. Rio de Janeiro: Benjamim Costallat & Miccolis, 1924.

MOREYRA, Alvaro. *Cidade mulher*. Rio de Janeiro: Benjamim Costallat & Miccolis, 1923.

NOGUEIRA, J.A. *Aspectos de um ideal jurídico*. Rio de Janeiro: Benjamim Costallat & Miccolis, 1926.

PENALVA, Gastão. *Luvas e punhais*. Rio de Janeiro: Benjamim Costallat & Miccolis, 1924.

PINTO, Ricardo. *Nossos grandes em ceroulas*. Rio de Janeiro: Benjamim Costallat & Miccolis, 1924.

SILVEIRA, Paulo. *Asas e patas*. Rio de Janeiro: Benjamim Costallat & Miccolis, 1926.



-  
-  
-  
-  
-  
-

- Outras edições Benjamim Costallat & Miccolis, consultadas em diferentes arquivos.

Fundação Casa de Rui Barbosa:

ALBUQUERQUE, Medeiros e. *O assassinato do general*. Rio de Janeiro: Benjamim Costallat & Miccolis, 1926.

BÉDARIEUX, Robert & FILHO, Theo. *Annita e Plomark*, aventureiros. Rio de Janeiro: Benjamim Costallat & Miccolis, 1923.

BARBOSA, Orestes. *Ban-Ban-ban!* Rio de Janeiro: Benjamim Costallat & Miccolis, 1923,s/p.

COSTALLAT, Benjamim. *Os maridas* (O marido de Mademoiselle Cinema). Rio de Janeiro: Benjamim Costallat & Miccolis, 1926.

Biblioteca do Fórum de Ciência e Cultura – UFRJ:

COSTALLAT, Benjamim. *Fitas*. Rio de Janeiro: Benjamim Costallat & Miccolis, 1924

\_\_\_\_\_. *Mutt, Jeff & Cia*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, 1922.

Arquivo pessoal:

EIRAS, Francisco. *Os cadetes*. Rio de Janeiro: Benjamim Costallat & Miccolis.